

REVISTA DA SEMANA

22-9-45
Nº 38

BIJUTERIA
RIO DE JANEIRO
CONF. LEOVA



R\$ 1,50
EM TODO
BRASIL

MODAS DE
PRIMAVERA

KOLYNOS REALÇA

TODA A SIMPATIA DE UM SORRISO!...



PORQUE DA' BRILHO e LIMPA os DENTES!

Um sorriso simpático é fator de vitória... e Kolynos comprova esta afirmação. Kolynos é um creme dental que garante a beleza de seu sorriso e a perfeita higiene da boca. O brilho, a saúde, a fortaleza de seus dentes podem ser mantidos com o auxílio de um creme dental completo, como é Kolynos. A homogeneidade da sua

composição oferece a quem o usa o mesmo sabor agradável e os mesmos efeitos benéficos até o fim do tubo.

Basta um centímetro de Kolynos na escova seca para limpar bem os dentes, protegendo-os contra as bactérias resultantes da fermentação dos alimentos. Kolynos custa muito menos e dura muito mais.



McCann

Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

REALCE a simpatia de seu sorriso usando o CREME DENTAL ANTISSÉTICO!

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".

A INCRÍVEL SUZANA...

Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

O pseudônimo é, geralmente, oriundo de um complexo de inferioridade. Antigamente as mulheres literatas, sabendo que seus livros não seriam tão lidos, como poderiam ser, se em vez de seus, levassem no frontispício nomes masculinos, apelavam para o disfarce dos pseudônimos. Foi assim que surgiram os George Sande, os George Elliot, e que uma das Brontë masculinizou-se, sob o nome de Currer Bell. Por sua vez, homens que não queriam se comprometer publicamente, ao lançarem seus primeiros ensaios literários, apelavam para nomes femininos, como no caso do cientista Prosper Mérimée, que atribuiu suas peças de teatro, inclusive a obra-prima que é "La Carrosse du Saint Sacrement", à inexistente Clara Gazul. Ou, então, se lançavam à fraude mais descarada ainda, criando mitos literários como o de Ossian, atrás do qual se acatou MacPherson, ou Angélio traduzir inexistentes clássicos gregos e romanos, como o adolescente Chatterton. Há pseudônimos que são criados apenas por simples idiosincrasia aos nomes legais, como os de Anatole France, que abominava o sobrenome Thibault, e de Jean Maréchal, nascido Papadiamantopoulos. Mas na maioria dos casos o pseudônimo é apenas a máscara do indivíduo que não deseja ser reconhecido no grande carnaval das letras. Ou não tem confiança nas qualidades artísticas do que lançou sob pseudônimo, ou sabe, sem sombra de dúvida, que produziu obra inconsistente, incapaz de resistir a uma análise ainda que perfunctória. Há ocasiões, porém, em que o êxito sensacional de uma obra projeta o autor no rol das celebridades e, mau grado as suas reservas, o autor e o pseudônimo acabam se identificando de forma tão inseparável que melhor seria eles se o adotasse, legalmente, pelos meios usuais.

É muito raro verificar-se um grande êxito de venda e o autor continuar murcho, escolhido, atarralhado, querendo cada vez mais se esconder sob as roupagens do pseudônimo. Em geral a validade de ter vendido muito, de ter sido lido por milhares e milhares de pessoas faz com que o feliz autor arranque a máscara e venha a público gozar o seu instante de popularidade. Um caso como o de Suzana Flag é, pois, duplamente raro. A incrível Suzana há mais de um ano está na lista dos "best sellers" nacionais. A "Revista do Globo", que faz o cotejo das obras mais vendidas, invariavelmente coloca em primeiro lugar "Meu destino é pecar". Trata-se de uma novela-folhetim como todas as matadoras, amor, ódio, vingança, terror, crueldade, castigos, etc., numa bem dosada mistura de lacrimogênio Perez Escrich com o tenebroso Ponson du Terrail, de Eugène Sue com Pittigrili, de Max de Veuze com Maurice Dekobra. Violento como uma novela de rádio, "Meu destino é pecar" atingiu em cheio o seu objetivo: vender, vender, vender muito. E, na verdade, segundo corre, já vendeu mais de quarenta mil exemplares, batendo pelo dobro ou mais a "Mademoiselle Cinéma", com que Benjamin Costant escandalizou o Brasil de vinte anos atrás.

Toda gente sabe que se trata de um pseudônimo. Toda gente sabe que Suzana Flag não veste saias, mas calças, e que nas horas vagas explora outros gêneros literários. "Meu destino é pecar" num só ano vendeu mais do que "Os Sertões" em dez anos e do que "Casa Grande e Senzala" em cinco. Não há mocinha, de dez anos para cima, que não tenha lido essa bíblia do amor moderno, derramando prantos sem fim sobre as suas largas páginas de letrinhas miúdas e de períodos longos, em que elas mal encontram uma pausa para suspirar. Entretanto Suzana Flag, que de um golpe ganhou mais de cem mil cruzeiros — e facilmente irá a mais de duzentos mil — continua modestamente no seu anonimato, sem dar retratos autografados, sem sair nas revistas com a furiosa ostentação de outros colegas seus (dona Janny Pimentel de Borba, por exemplo), sem receber homenagens públicas, misteriosa e eslingética. Não importa que tenha batido Erico Veríssimo e Jorge Amado, ambos popularíssimos, em matéria de vendas. Da senhora Leonora Dupré e Dinah Silveira de Queiroz, então, nem se fala... Não importa que esteja às portas de atravessar as fronteiras do Brasil, em inglês e espanhol, para fazer suspirar as costureiras de Buenos Aires e as "white collar girls" de Nova York, nas suas monotonas viagens de "subway" com os cachorros que comem gente e os truculentos senhores sudais que arrancam os olhos dos outros. Suzana Flag fuma o seu cigarro, indifferente à glória, enquanto a sua conta cresce no banco...

★

O fenômeno Suzana Flag ocorreu justamente num momento em que, nos meios teatrais, estouraram, como uma bomba, "Os Comediantes", que quiseram fazer uma "razzia" no teatro profissional, substituindo-se de um dia para o outro aos atores, atrizes, autores e cenógrafos que se agitavam na cena brasileira. O teatro estava comercializado e era necessário que se fizesse uma revolução saneadora. Que se eliminasse tudo. Que se começasse tudo de novo. Em vez de mercantilismo, arte pura. "Vestido de noiva", do dramaturgo Nelson Rodrigues, de inegável talento, foi apresentado como o padrão do novo teatro. Dali para cima, sim. Dali para baixo, não. Evidentemente é necessário melhorar e inovar, mas o que "Os Comediantes" quiseram fazer foi mais do que isso: foi exterminar. Entretanto, depois da sua bomba atômica, o teatro comercial continuou vivo, e "Os Comediantes" é que se mantiveram inativos. Agora, no Rio, vão eles enfrentar o público novamente, com duas peças de Nelson Rodrigues, "Vestido de Noiva" e "A mulher sem pecado", esta já dada pelo teatro profissional. Desta vez "Os Comediantes" buscam aliança com os profissionais, indo pedir à grande atriz dramática Marta Sarmento que faça parte do seu elenco. Já é uma concessão que os reformadores do teatro — melhores do que todos — estão fazendo. E quantas mais farão? Em São Paulo parece que "Os Comediantes" tiveram dissabores. Não encontraram o mesmo ambiente de compreensão que no Rio. Mas o espírito de luta de "Os Comediantes" não deve desaparecer. Eles devem estar preparados para o pior. Porque o êxito comercial, o bem-estar financeiro, certamente estará reservado mais frequentemente aos que explorarem o gênero água-com-açúcar, Elvira-a-morta-virgem ou chuva-de-noivos, do que aos que gritam e acham que ao nosso público só se deve dar Sherif, Maeterlinck e Pirandello. O caso de Suzana Flag é ilustrativo. É um índice da mentalidade brasileira, mentalidade que não pode ser reformada de dia para a noite. Os quarenta mil leitores de Suzana Flag sem dúvida acharão o teatro de Nelson Rodrigues indigesto, do mesmo modo que os admiradores da jovem atriz de "Vestido de Noiva", em número bem mais escasso, acharão Suzana Flag a rainha das caceles.

Não é possível exigir que o mesmo povo tenha duas mentalidades diferentes — uma para o teatro, outra para o romance-folhetim. A mentalidade é a mesma. Não quero defender o que é ruim. Nem justificar a incrível Suzana. Mas, apenas, demonstrar que não se pode fazer uma revolução parcial, só da boca de cena para dentro, esquecendo a plateia... Desgraçadamente para Nelson Rodrigues, Suzana Flag é que é a tal. E como o povo tem o teatro que merece, o teatro que exige, ainda teremos por algum tempo, infelizmente, esse terrível teatro "suzanoflaguizado", que revolta tão tremendamente a repulsa de "Os Comediantes"...

Por R. MAGALHÃES JUNIOR

22-9-1945

ANO XLVI - N. 38

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

Brian Aherne — fazendeiro no Brasil (Sagrador Scavero)	4/5
Quem parte leva saudades	9/13
Ressurge a França	15
ockey Club	17

LITERATURA

A Incrível Suzana (R. Magalhães Jr.)	3
A Vingança de Sioesser (Berilo Neves)	7
A Voz (Mark Read)	14
Momon, o Filósofo (Voltaire)	24/25
A Biblioteca de Leopoldina (Escagnolle Dorio) ..	26
Livros Novos (J. L.)	36/37

SEÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu	7
Cinema (C.)	20
Música (Roberto Lyra Filho)	21

FEMININAS

Modas de Primavera	22/23
Figurinos avulsos de Primavera	27/28
Outros Modelos	30 e 40

CARICATURAS

De Bom Humor	18
"Charge" de Raul	46

TEATRO

"Rosa das São Salas"	48/49
----------------------------	-------

EXTRA

Os Concursos Literários da REVISTA	8
--	---

NOSSA CAPA

Lynn Merrick pode ainda ser considerada "new-face", porque suas aparições na tela têm servido apenas para lições ensaios. É, no entanto, bonita e prometedora. Pertence aos estúdios da Columbia.



BRIAN AHERNE, FAZENDEIRO NO BRASIL

Brian Ahern tem uma legião de fãs no Brasil. Eu comecei a admirá-lo muito quando nos deu aquele esplêndido Maximiliano no filme "Juarez". Nem Paul Muni, senhor de um ótimo papel, conseguiu apagá-lo. Essa foi a primeira coisa que eu lhe disse quando o entrevistei, no Teatro Ethel Barrymore, numa tarde depois da "matinée". Nesse teatro um elenco dirigido por Guthrie McClintic e encabeçado por Brian Ahern, que tem ao lado a famosa atriz Katharine Cornell, apresentava "A Família Barret". Fiquei entusiasmada com Brian Ahern no palco — uma bonita voz que a gente não nota na tela, natural, sincero.

Brian Ahern, o conhecido intérprete de teatro e de cinema, recebendo a visita da reporter da REVISTA DA SEMANA no seu camarim do Teatro Ethel Barrymore, em Nova York, durante um intervalo da representação de "A Família Barret", com Katharine Cornell. Sagrador toma os apontamentos, vendo-se ao fundo Beatriz Schafran, que serviu de intérprete, facilitando a palestra com mr. Ahern.

"AH, SER FAZENDEIRO!... — NA ITÁLIA COM A FEB — FÁ DE GRETA GARBO — INTERESSE PELO BRASIL — UM RECADO

Reportagem de SAGRADOR DE SCUVERO

Ele nos recebeu no seu camarim discreto, mobiliado com simplicidade. Eu, Lídia de Alencar e Beatriz Schafran, que mantém em Nova York um "consulado" particular, de

boa vontade, para auxiliar todos os brasileiros recém-chegados, e que foi para o meu pequeno inglês um dicionário constante. Responderam-me com a mesma simpatia, como vem no retrato. Ele é simpático, amável, atende com facilidade como se estivesse a qualquer hora. Não tem poses, não assume ares de superioridade. Conversa, ri, brinca e me apresenta com um programa de teatro autografado por todo o elenco, inclusive o autor da peça, Brenda Feltus, que é ator também. Não posso começar as clássicas perguntas. Ele é quem me entrevista. Quer saber coisas do teatro e do cinema brasileiros. Fala-me de Bibi Ferreira, que ele conhece de nome, de Dulcina, dos filmes que já fizemos, das dificuldades que temos, dos valores com que contamos. Ele responde:

— Tenho muita vontade de ir ao Brasil e acho que será breve.

Pergunto-lhe... Não, antes devo responder à pergunta que está em todos os lábios dos fãs de cinema — sim, ele é bonito como nas fotos. Não, não é careca! Não acreditem nisso. Eu o vi sem a cabeleira da caracterização. Não digo que tenha tanta cabeleira... Mas não é calvo. Louro, alto, olhos azuis e, principalmente, um "gentleman".

— Não tenho filmado estes últimos anos — diz então. — Estive cumprindo um contrato; uma "tournée" teatral pela Holanda, Bélgica, França e Itália. Agora, logo depois de terminada esta temporada, e outra curta que vou iniciar no rádio, voltarei a Hollywood para filmar.

— Já sabe o que vai filmar?

— Não, ainda é um pouco cedo. Devo pensar no contrato com a NEC — um rádio-teatro, em séries.

Não posso deixar de sorrir... Qual! A epidemia é internacional... Novelas, novelas...

— Qual é o tipo desse rádio-teatro?

— Uma novela sobre a vida de um nome famoso. Tipo "mocinho" de cinema.

— Gosta de rádio?

— Fervorosamente! É um trabalho mais sincero e mais espontâneo. Não tem as repetições cansativas do teatro, onde às vezes fico mais de um ano representando a mesma peça. No rádio cada dia há uma nova história, um novo argumento, uma nova emoção. Como é o rádio no Brasil?

— Muito mais simples que o americano — respondo.

— Não porque seja inferior, mas porque nós somos realmente mais simples. Muito mais intuitivos, não nos amarramos tanto aos detalhes. Não temos tantos engenheiros nem tantos "sound men", mas temos valores indiscutíveis e que nada devem aos cartazes daqui.

— Artistas?

— Sim, e escritores também.

Mas a entrevista é com Brian Ahern e não comigo sobre o Brasil. Pergunto-lhe como entrou para o cinema.

— Desde criança trabalhei em teatro. Na Inglaterra, na Austrália e mesmo nos Estados Unidos. Fui crescendo no teatro, e um dia um empresário me levou para o cinema.

— Preferiu o cinema ao teatro?

— Foi o cinema que levou meu nome até sua terra, por exemplo, mas sei que nunca deixarei o teatro.

— Fora da arte qual é a sua ocupação?

— Tenho uma fazenda na Califórnia, fazenda de plantação. Produz milho, vegetais, uvas e outras frutas.

Ele se entusiasma e se demora a falar na fazenda. Conta com todos os detalhes e explicações o sistema de irrigação, que obedece aos mais modernos métodos. Eu nada entendo desse sensacional sistema, mas me admira do seu amor pela agricultura e dos seus conhecimentos reais e profundos.

Ele continua:

— Nos minhas férias vou sempre para a fazenda. É trabalho no campo ao lado dos seus empregados que dirigem os serviços na minha fazenda. Vou lhe contar um segredo: meu sonho é ser fazendeiro! Ah!... Acordar todos os dias vendo a plantação pela janela... o cheiro bom da terra, cheiro do campo, o sossego... Poderia ser mesmo no Brasil!

E acrescenta sentencioso e não muito satisfeito:

— Mas ser fazendeiro não dá dinheiro...

— É fora do teatro, da fazenda e do cinema?

— Aviação. Tenho um avião particular e nele, nos tempos da paz, percorro todo o país. Depois veio a guerra e fui instrutor de aviação no Arizona. A FEB fez um bom trabalho nesta guerra... Foi pelas fronteiras, como todo mundo.

— Conhece alguma coisa do Brasil?

— Os pais das crianças e principalmente das praias. Sua terra tem praias bonitas como os retratos dizem?

— Como os retratos, não. Incomparavelmente mais. Nenhum fotógrafo conseguirá jamais apenhar numa máquina toda a beleza de Copacabana...

Ele quer a repetir o nome ilustre:

— Copacabana... Copacabana... Espetral!

— Gosta das boas praias? Quais preferir?

— Prefiro as de praia. Especialmente as praias quentes. Mas gosto de todas as praias das sul-americanas.

— Pode citar alguma coisa curiosa da sua vida no teatro?

— Já me deu, querida... Não tem... Tenho uma experiência a mais para você e é brasileira. Eu es





Assistindo ao "maquillage" do artista as duas brasileiras e a intérprete sentem-se felizes. Não é todos os dias que elas podem sentir um pouco da intimidade de um "astro" famoso. E no entanto fora dos estúdios Brian Aherne denuncia seus propósitos de ser fazendeiro, de vir conhecer o verão no Brasil e talvez de comprar, aqui, um extenso cafézal... Mesmo que sejam simples projetos, constitui uma amabilidade...

tava na Itália fazendo representações de teatro para os nossos soldados — americanos e brasileiros da FEB. Eu já andara por muitas cidades, hospedado em casas que a própria companhia alugava. E em nenhuma encontrara água quente. Uma tarde, finalmente, chegamos a uma cidade que tinha um "Grande Hotel" com acomodações. Sou logo informado que se acha no hotel hospedado um brasileiro ilustre: general Eurico Gaspar Dutra. No jantar, quando sou apresentado ao general, digo: "Muito obrigado pela sua estadia aqui. Graças a ela, pela primeira vez, nesta temporada na Itália, encontro água quente". E o general responde num sorriso: "Não é bem isso. Eu sou soldado... Estou aqui há algum tempo e o hotel só hoje mostrou água quente porque chegou um artista de cinema. Eu é que devo agradecer".

Tomo nota do caso realmente interessante. Brian Aherne fala agora da nossa FEB:

— Um belo punhado de rapazes. Gostei de vê-los. Seu povo deve estar bem orgulhoso. O Brasil foi o único país da América do Sul a enviar homens.

Confirma-lhe a idéia e fala das cartas de fãs...

— Muitas, muitas. Nem sempre tenho tempo para as respostas. As que vão para Hollywood, debaixo de minha orientação, são todas respondidas pelo meu secretário. As que vêm para o teatro, em menor número, eu mesmo as respondo. Só encontro uma grande dificuldade.

— Qual é?

— A tradução. Recebo cartas em francês, espanhol, italiano, português...

— E' há de alguma coisa do cinema?

— Fã fervoroso, ardoroso e devoto — de Greta Garbo. Para mim Garbo é a única coisa que existe na tela!

São essas as palavras textuais de Brian Aherne. E isso mesmo depois de "Ninotchka"! Ele conta ainda:

— Nunca desejei conhecer miss Garbo. Há pouco tempo, estava numa festa e alguém me disse: "Greta Garbo acaba de chegar". Pedi o chapéu, e estava pronto para sair correndo quando me seguraram pelo braço e forçaram uma apresentação. Era tão grande minha admiração, que eu tinha uma desilusão.

— Não. Eu mal olhei para Greta Garbo e, como um fã nervoso, fui logo dizendo: "Muito prazer, desculpe, estou de saída". E fui embora sem olhar para trás...

— De toda sua carreira no cinema, qual o papel de que mais gostou? Maximiliano?

— Não, apesar de ter sido uma história bonita que fiz com todo carinho. O meu papel preferido é o de uma filha secundária, que quase ninguém viu e que saiu dos estúdios com o nome "Lady in question".

— Que foi o trabalho no cinema?

— Árduo, sério, pesado, disciplinado — uma atmosfera de fábrica, enfim.

— Mas gosta dele?

— Gosto, embora me desagrade a falta de sequência nas filmagens. As cenas são agrupadas pelo ambiente em que se desenrolam e filmadas de uma vez, estejam no fim ou no começo do "script". Quer exemplos? Eu só consigo ordenar instrumentos uma fila quando a orquestra

E na filmagem de "Juarez" nem uma só vez me avistei com Paul Muni.

Entra no camarim o porteiro do teatro com um maço de programas que Brian Aherne deve autografar. Programas e mais programas e cadernos de autógrafos de todas as cores e feltos. Lá de fora vem o barulho das fãs pedindo para ele aparecer. Guardas-civis garantem o cordão de isolamento. Diante de tantos programas dou por encerrada a entrevista. Mas Brian interroga-me ainda:

— Qual é a melhor época para se ir ao Rio de Janeiro?

— O clima é sempre maravilhoso no Rio.

— Mas gosto do calor. Quando é o verão forte?

— Dezembro. Mas é realmente forte...

— Ótimo... E muitos passeios?

— Muitos e lindos!

Falo-lhe do Corcovado, do Pão de Açúcar, da estrada da Ilhica, Vista Chinesa...

— Ainda hei de ver tudo isso. E as plantações de café sobre as quais tenho lido muito! Tão cedo ninguém pensará em ir à Europa. Seu país será um grande centro de turismo, tenho certeza. No fim de sua entrevista quer publicar um recado meu?

— Qual é?

— Este: se vocês me convidarem para ir ao Brasil, vou no primeiro avião em que tiver lugar... E vocês me mostrarão esses lugares bonitos?

— Ora, "senhor" Brian Aherne, que dúvida!

A SEMANA EM REVISTA

FUTEBOL PERIGOSO

Há muito que se instituiu por lei a assistência médica permanente nas escolas, não só com fim de atender aos acidentes e aos casos clínicos verificados nos estabelecimentos como também para a educação física transcendental na formação das novas gerações, estivesse sempre orientada por um médico. Isto evitaria por certo as excessões a que se detram levar os jovens em seus exercícios principalmente nos jogos esportivos e entre esses sobretudo no futebol. Essas excessões tidas pelos rapazes como atos demonstrativos de resistência mais não fazem que exercer uma função altamente prejudicial ao organismo, debilitando paulatinamente as vias respiratórias e abrindo caminho à arterioesclerose. O futebol, entre outros fatores tem sido, no Brasil, uma verdadeira fábrica de cardíacos. Agora, entretanto, um caso mais doloroso e impressionante que a simples constatação de uma lesão arterial, vem de se verificar num dos nossos educandários. Trata-se do caso do aluno Arthur Sahlit, do Colégio Batista Brasileiro. Esse indolito rapaz, sonâmbulo desde a infância, tratara-se com especialistas e, sentindo-se curado, retomara a vida escolar como interno do estabelecimento a que nos referimos. Arthur era um "fan" dos esportes e praticava várias modalidades de jogos desportivos, tendo entretanto uma predileção acentuada pelo vôlei e futebol. Na noite anterior à sua morte tomara parte numa partida de vôlei, excedendo-se em esforços. Fôra deitar-se cansado, pensando ainda no jogo. E, presa de esgotamento nervoso provocado pelas emoções violentas da noite, o rapaz teve um acesso de sonambulismo. Levantou-se sem que os seus colegas o percebesse e, sonhando com uma partida de futebol, atirou-se de uma das janelas do segundo andar do prédio onde funciona o ginásio ao solo de páteo. Na queda o jovem sofreu vários ferimentos, inclusive fratura da base do crânio. Entre gemidos ali ficou estendido por algum tempo, até que um inspetor de vigilância o foi encontrar, em delírio, pedindo que deixasse terminar a partida de futebol. O funcionário levou-o à enfermaria do colégio, onde ficou constatado ser bastante grave o estado, motivo pelo qual conduziram-no ao Pronto Socorro. Ali, entretanto, nada se pôde mais fazer pelo indolito jovem. Seis horas após dar entrada no hospital vinha ele a falecer, não resistindo aos ferimentos recebidos. Um caso triste, este do estudante Arthur Sahlit. Um caso que poderia ser evitado, bastando para tal que se cumprissem as determinações da lei, que ordena a educação física dos jovens sob a direção de um médico escolar.

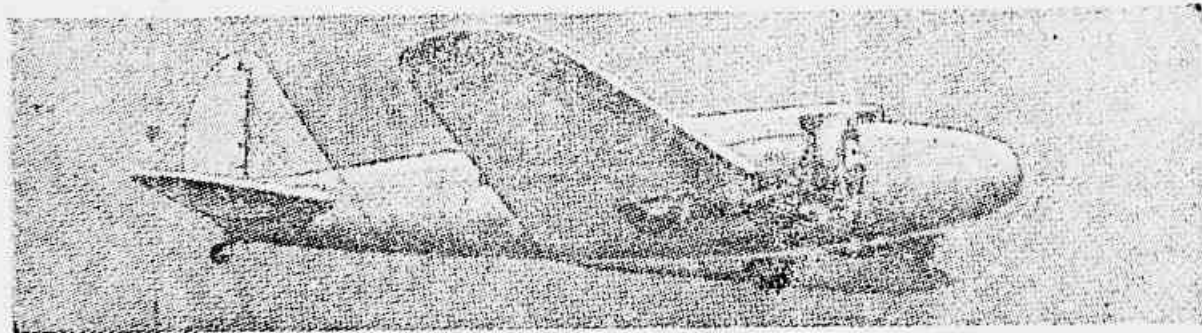
HISTÓRIA DE UM VASO JAPONÊS

"Vaso ruim não quebra", diz o povo e diz muito bem. Senão, tomemos por exemplo a história desse Tojo, comandante de muitos vasos de guerra japoneses, que começaram a vazar até trem irremediavelmente ao fundo no maior naufrágio coletivo de todos os tempos. O almirante, triste e cabisbaixo, recolheu-se ao leito. E, em vez de praticar o célebre "harakiri", com uma faca torta, sacou do choldre uma moderna pistola automática e meteu uma bala de aço no peito. Entra aí a filosofia popular. "Vaso ruim não quebra". Assim o vaso japonês, que parecia muito frágil e delicado, não quebrou. Tojo continuou vivo, com uma bala junto do coração. Diabo de sujeito duro. Por causa dele e de mais alguns os japoneses vinham há muito tempo pensando que eram o povo enviado de Deus e que o mundo lhes pertencia. Foram em cima da pobre China, desarmada e disprezada, retalhando-a em quinhões magníficos, que iam sendo distribuídos entre os súditos do filho do Sol, como prêmio à sua atuação no assalto à terra dos infelizes chineses. Veio depois o caso de Pearl Harbor. Durante a noite trágica de 6 de dezembro de 1941 aviões nipônicos sobrevoaram a base americana, bombardeando navios e instalações portuárias dos Estados Unidos enquanto em Washington os diplomatas do Mikado discutiam amistosamente os termos de uma paz simulada. Assim co-

meçou a derradeira do império japonês. Os sucessos iniciais de uma campanha de traição e covardia mais não foram que o início do capítulo final de uma história de sangue e de lágrimas, que começou com a invasão da Manchúria. Gerações adestradas na mística guerreira e sanguinária da intangibilidade do imperador e da missão divina do Japão, pereceram em meio à fogueira sinistra acesa no Pacífico pela ambição desmedida de militares corruptos. E do outro lado iam tombando os heróis da liberdade e da justiça, em holocausto a um semi-deus cujo complexo de inferioridade lançara sobre o mundo as chamas de uma hecatombe. Hoje o mundo renasce. A desagregação dos átomos foi uma prova de que a ciência vence sempre a ignorância obscura. A derrota do Japão foi um atestado da supremacia do direito sobre a força bruta. Virão outros anos. Os séculos correrão, apagando a nódoa viva que a esponja da civilização fará desaparecer para sempre da face da terra o fascismo. Hoje ainda restam os remanescentes do regime nefando. Tojo é um deles. Deixem que ele viva. Dêem-lhe penicilina, ministrem-lhe soro fisiológico. É bom que ele veja o Japão renascer, libertado e novo, das ruínas de Hiroshima. Este será para ele o mais tremendo castigo — um Japão democrático.

VIAJANTES ILUSTRES

Um telegrama de Belém do Pará anuncia que, por um avião da carreira litorânea, devem embarcar brevemente para o Rio três ilustres viajantes. Eles vieram do fundo da selva amazônica, são naturais das matas virgens da confluência do Tapajós ou do Purus, legítimos brasileiros, autóctones genuínos. Nunca viram um avião, nunca compraram passagens numa estrada de ferro, mesmo porque a Madeira-Mamoré fica longe da terra onde nasceram, e os seus trens nem sempre são avistados nas estações. Assim, é provável que os três viajantes tenham que nos contar muitas coisas, revelando-nos sensações pitorescas quando desembarcarem na Cidade Maravilhosa. Imaginemos nós agora qual a impressão de um ser nascido e criado à beira dos igarapés bravios das florestas do baixo Juruá, ao entrar num moderno "Clipper", dotado de todo o conforto da civilização "yankee", ouvindo o estrondo ensurdecedor dos hélices gigantes. Que sentirão eles, esses festejados viajantes, ao desembarcar no Aeroporto Santos Dumont, entre os estouros dos "flashes" dos repórteres fotográficos? Por certo se assustarão, encolhendo as caratonhas e fechando os olhos. Cercados por uma multidão de curiosos, eles permanecerão mudos e cabisbaixos diante das câmeras, com saudades das selvas natais, onde corriam livre entre os troncos dos gigantes vegetais.



Aqui pedimos desculpas aos nossos leitores por não termos ainda lhes apresentado os três ilustres viajantes; ainda a tempo podemos revelar que eles são uma coruja amazônica, também conhecida na selva pelo nome "filha da lua", um quati gigante das selvas e uma onça pintada da melhor marca encontrada no mercado de Belém. Todos animais de classe, que virão pelo ar da Capital do Pará à Capital da República viajando com todo o conforto, como é de direito a tão nobres personagens. É provável que, tão pronto cheguem os ilustres visitantes, as nossas emissoras centrem-nos para grasnar ou urrar diante dos microfones. Os jornais publicarão os seus retratos; o povo irá vê-los nas suas jaulas da Quinta da Boa Vista. Ali ficarão para o resto da vida, elogiados por todos, acomodados em boas camas de peroba rosa, alimentados a boa carne e boa fruta como hóspedes oficiais da Prefeitura. Por suas jaulas passarão multidões de admiradores. Eles, que nunca deram um autógrafa a ninguém, quedar-se-ão mudos e tristes diante dos curiosos, sentindo no peito irracional e bravo saudades ardentes da selva natal, onde havia liberdade de matar e de morrer, liberdade de correr pelas florestas, liberdade de não ser motivo de curiosidade, liberdade de dormir sem ser incomodado. Os que ainda não o sabem fiquem sabendo: os bichos também têm as suas quatro liberdades.

ACONTECEU EM BELO HORIZONTE

E não podia deixar de ser em Belo Horizonte, onde tudo pode acontecer. Ali os bodes dão leite, leite branco e com nata, leite no duro. Senão, vejamos o que diz um telegrama chegado há pouco da Cidade Jardim. Diz o despacho que apareceu ali, na pedreira Prado Lopes, em casa de uma moça já conhecida como proprietária de outros fenômenos, um bode que dava leite como qualquer cabra ou camião da C. E. L. Acrescenta a correspondência que a proprietária do bode já havia se notabilizado por possuir uma preguiça que jogava box, uma galinha com cara de gente, um carneiro de quatro chifres e outras raridades muito comuns em Belo Horizonte. Agora aparece o bode leiteiro. Mas o mesmo telegrama informa que não é o primeiro desses animais que apareceu na cidade. Há anos verificou-se fenômeno igual, no bairro do Carlos Prates. Em Belo Horizonte é assim. Os bodes dão leite, os carneiros têm quatro chifres, as preguiças jogam box, as galinhas usam feições humanas, os burros engolem guarda-chuvas, os cachorros, criam gatos e acontecem outras coisas ainda mais estranhas. Diz ainda o telegrama de que aqui falamos que o leite segregado pelo babuloso bode é aguado e fraco, com uma porcentagem elevada do precioso líquido. O leite não está sendo aproveitado, por isto mesmo, para a alimentação humana ou para a criação de cabritinhos. E o tempo marcha. À espera de outros fenômenos mais interessantes, Belo Horizontes comenta no "Bar do Ponto" e na "Casa do Chopp" o caso estranho do bode que dá leite. E o caprino continua a fornecer de grapa, sem racionamento e sem imposto de produção, dois litros diários de leite aguado à sua dona, que talvez ainda guarde em seu terreiro, ao lado desse fenômeno, o carneiro de quatro chifres e a galinha com cara de gente. O Rio atravessa, enquanto isso acontece em Minas, a mais tremenda crise de leite. As filas estendem-se às portas dos entrepostos vazio, pelas noites chuvosas a dentro. Os bodes de Belo Horizonte não são apenas um caso científico. São uma solução, também, para o mais grave problema de nosso povo. Eles, por fornecerem leite, acabaram de vez com a crise desse alimento. Eles, por fornecerem leite aguado, resolveriam de uma vez para sempre o caso da falta de água, que tanto tem preocupado os nossos leitores ultimamente. Assim, satisfazendo produtores e intermediários, os bodes representariam a salvação nacional. Depressa, senhores da C. E. L. Mandem buscar os bodes de Minas.

REVISTA DAS SEMANAS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A revista das Revistas nacionais. Promovida com modéstia de ouro na Exposição de Paris de 1911 e as Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1913 e 1920.

Feira Internacional de S. Paulo em 1922.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICA

Parte simples Um ano — Cr\$ 6,00; seis meses — Cr\$ 3,50; três meses — Cr\$ 2,00.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 17,00; seis meses — Cr\$ 10,00.

25 números anuais com Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; e 5 números estrangeiros Cr\$ 1,50. Fornecedor de Manuscritos: 15 — Redação telegráfica: "REVISTA" — Rua do Imperador, 15 — Caixa Postal 15 — Rio de Janeiro.

Publicada em 2.º Forno, Rua D. José de Barros, 100, Tel. 4-1000.

Cartões na Rua J. Machado Canha — Av. 7 de Setembro, 165.

SEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: E. S. Knapp & Co. 1000 Broadway, New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spence — Caixa Postal 100, Lourenço Marques. No Uruguai: Montenegro & Cia. — Constituinte 1745, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Pressa" — Florida, 225 — Tel. 28 Avenida 512 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GEBATULLANO BRITO

Trabalha semanalmente sob a responsabilidade dos editores

Este número contém de 15 páginas

O preço de subscrição da REVISTA DAS SEMANAS está organizado. Se publicarem em qualquer parte do país, não nos responsabilizamos pelo atraso.

A VINGANÇA DE STOESEL

"As forças soviéticas ocuparam Porto Artur."
(Dos jornais)

PORTO ARTUR foi, um dia, o símbolo cruento de um grande heroísmo inútil. Contra as muralhas daquela fortaleza choçaram-se os batalhões nipônicos, fascinados pelo duplo encanto da Morte e da Glória. O exército russo, mal refeito das primeiras derrotas agarrava-se àqueles muros com a obstinação de uma loucura. O cerco de Porto Artur comoveu o mundo, pela serenidade heróica com que os seus defensores porfiavam numa batalha sem esperança. A honra dos Czares salvou-se no tumulto daquela batalha e no escachão daquele sangue. Os amarelos multiplicavam-se à medida que se rarefaziam as fileiras minguadas dos adversários. Os mortos empilhavam-se, em montanhas que se avizinhavam dos céus, no mudo horror das destruições incomputáveis. Perdeu-se a fortaleza, mas o prestígio dos soldados de Kuropatkin sobrenadou no naufrágio de um exército e no crepúsculo de um império...

★

Porto Artur foi o primeiro exercício histórico da arte nipônica de atacar à traição. Ali se perdeu parte ponderável da esquadra russa, surpreendida, em plena paz, pela solécia criminosa dos nipões. Trinta e sete anos depois a experiência seria repetida, com êxito idêntico, nas águas remansosas de Pearl Harbor. O Sol Nascente atingiu o zênite através desses crepúsculos pavorosos da honra amarela... O espírito dos antepassados, a que o almirante Togo atribuía o triunfo sobre a esquadra russa no estreito de Tsushima, deveria estremecer de vergonha se não entroncasse, de feito, com outros assassinos e conquistadores ferozes, moldados na forma espetacular de Kublai-Kan... Em Porto Artur perdeu-se prematuramente uma esquadra, mas ganhou-se o retrato de um povo desprovido da mais rudimentar moral.

★

As bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki roubaram aos exércitos da Rússia Soviética o prazer de liquidar, em campo raso, os remanescentes dos exércitos nipônicos. Os soldados do marechal Blucher marchavam através da Manchúria com o garbo marcial de um desfile em tempo de paz. Irmãos dos vencedores de Estalingrado e das 100 batalhas que os levaram ao coração de Berlim — os bravos do exército do Oriente ainda tiveram tempo de lavar as mãos no sangue dos filhos dos covardes traidores de 1904. Foi a queda de Porto Artur que fez os senhores de São Petersburgo compreenderem que a guerra estava perdida. Durante oito meses o general Stoessel, isolado do mundo, abandonado dos chefes, lutou contra a preamar da invasão nipônica. Um soldado que caía nas ameias da fortaleza era um abalo nos alicerces do império e no prestígio do czar. Não havia substituto para os mortos, nem esperança para os vivos. Coberto do fumo da pólvora, com a carne rasgada pelos projéteis e o coração ferido de desenganos, Stoessel cumpriu, até o último instante, a ordem que lhe vinha de Petersburgo: "Resista!". Entre ele e esse decreto estava uma figura fria, impassível, monstruosa: a Morte. Não importa! Resistiu até o fim. Quando lhe levaram de roldão as últimas casacas e lhe encontraram, entravados, os derradeiros canhões, não era um general que se rendia: era um herói que a História acolhia nos seus braços palpitantes e eternos...

★

Três mil fantasmas saíram, semi-mortos, daquele inferno de fogo e fumo. Eram os vestígios de um exército que mantivera, durante largos anos, na extrema do mundo russo, o prestígio dos senhores de Petersburgo... Eram as ruínas, os farrapos informes de luzidas brigadas e soleníssimos regimentos... Quem os visse antes, vestidos de gala, e os contemplasse agora, atingidos pela mão implacável da derrota! À frente deles estava um general que cometera este crime estúpido: entregara uma praça forte. Era mister julgá-lo, para desagravo da honra dos exércitos imperiais. Stoessel foi levado a conselho de guerra... O herói desceu ao banco dos réus, onde deveriam sentar-se os responsáveis pela corrupção desbalizada da Rússia Imperial. Seriam precisos ainda quase 20 anos para que se cumprisse um decreto da Providência. Enquanto isso Stoessel respondia ao interrogatório que fazia vexame a um covarde...

★

É esse o nome que os soldados de Blucher devem estar memorando no momento em que o pavilhão da foice e do martelo flutua sobre as muralhas de Porto Artur. Foram precisos 40 anos para que a História voltasse a incidir a sua luz deslumbrante sobre aquele recanto esquecido da antiga Rússia Imperial... Filhos de lavradores e operários levantam a bandeira que um dia caiu das mãos semi-queimadas dos heróis de Stoessel. A aristocracia russa perdeu-se nas sombras da morte e da miséria, mas não ficou sem vingança o general que salvou a honra da sua pátria nos dias sombrios de 1905... O heroísmo ignora a natureza dos regimes políticos e dispensa o beneplácito dos governos...

★

Os esforços prometidos pelo general Kuropatkin jamais chegaram à vista dos sitiados de 1905. Ao toque angustioso das cornetas russas só respondia o troar da artilharia japonesa e o grito bestial dos "banzai" amarelos. Fora daí era o silêncio, irmão dos mortos e padroeiro dos infelizes... Foi preciso que galopassem quarenta anos nas estepes do infinito para chegarem novos soldados russos às muralhas de Porto Artur. Nenhum grão-duque ou nobre imperial cavalga à frente das tropas vingadoras. Quem é este? Bluche, o representante de uma nova ordem nos extremos da Ásia oriental...

★

Na calma súbita da tarde, quando mal se ouve o ressoar dos passos das últimas tropas japonesas em retirada, a voz dos clarins parece chamar um general desaparecido: — Stoessel!

Onde está o herói de 8 meses de sangue, lágrimas e sacrifícios? Onde está o réu do crime de ser herói em nome de um império decadente e corrupto? Ele nada mais é do que uma sombra — mas uma sombra que enche uma página da História e anuncia a redenção de um Povo.

BERILO NEVES

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu...

HA QUATROCENTOS E CINQUENTA ANOS

Muitos não sabem mais quem foi o personagem desta pequena história; os cidadãos brasileiros talvez desconheçam por completo a sua legenda sanguinária e bárbara. No entanto ele viveu durante longos anos, na velha Europa, concreto e palpável como qualquer de nós. Chamava-se Tomás Torquemada e era um monge alto e de faces magras. A princípio era apenas um monge retrógrado, uma reminiscência da Idade Média metida dentro da aurora da Renascença. Mas essa figura sinistra foi ganhando prestígio e fama. A notícia de seu fanatismo bárbaro e de sua intransigência criminosa atravessou fronteiras, correu por montes e vales, fazendo adeptos entre a gente inculta e violenta dos burgos antigos. A ciência, saída dos fundos dos subterrâneos da alquimia para a claridade insofismável dos laboratórios, creara o experimentalismo e, pondo por terra o muro negro e milenar da escolástica, ameaçava subverter o mundo. Foi então que a ignorância e a obscuridade encontraram na Europa o seu defensor e o seu general. Ele não era nem menos nem mais do que esse homem sinistro que se chamou Torquemada. Com a sua fúria iconoclasta de assaltante huno, ganhou a confiança dos senhores feudais e a gratidão dos reis. Foi em todo o Velho Mundo o esteio da tirania e a trincheira do absolutismo. E, não podendo operar sozinho contra a avalanche tremenda da verdade, que saía das bocas revoltadas dos Galileus e era importada de novas terras nas cobertas das naves de Colombo, o terrível monge organizou em toda a Espanha a maior força de reação de que até aquele tempo o mundo tivera notícia: a Inquisição. As consciências começaram então a ser dirigidas pelo terror do Santo Ofício; a ciência era ditada de acordo com as normas dos tribunais de emergência. O torqueto oriental, trazido pelos mouros às cidades ibéricas, teve então o seu apogeu. Os que não acreditavam na teoria verdadeira e divina, segundo a qual o Sol gira em torno da Terra, pereciam no fundo das masmorras, varados de espadas, ou curtiavam nas fogueiras sagradas o crime de sua ignorância. A heresia de uma verdade científica era a sentença de morte que um cidadão passava a si mesmo. Pelas noites a dentro, nas cidades tristes e caladas, exércitos de fantasmas, dominós encapuçados e sinistros, marchavam pelas ruas silenciosas, rumo aos cadafalsos e às fogueiras, conduzindo o sentenciados infelizes. Quem falasse na forma da Terra era um réu; quem defendesse o sistema solar de Copérnico era um condenado. Quem falasse a verdade era um homem morto. Isto aconteceu durante a vida de Tomás Torquemada, que morreu no dia 16 de setembro de 1498. De então para cá o mundo evoluiu. O mundo conheceu novos Torquemadas. Mas hoje, felizmente, todos estão mortos ou prestes a morrer. Benito seja o dia 16 de setembro.

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes concursos literários da «Revista da Semana»

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Em outubro a primeira apuração do Concurso Permanente de Contos — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como temos noticiado amplamente, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrióticos e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolônia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENREDO, ESTILO e UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remanescentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO "APOLONIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Juracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Fátima, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLONIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLONIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.
- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) consistirem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições de 1.º item, fica entretanto entendido que os textos podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir, acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facultará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1945.



ADEUS A AMÉRICA — Adeus aos amigos, aos parentes que lhe acenam os lenços brancos da beira do cais. Adeus ao Rio de Janeiro, terra que a viu nascer há poucos anos atrás. Um adeus sorridente, na esperança de um breve regresso. Dentro em breve o navio zarpará, rumo aos portos da Península Ibérica. O sorriso infantil e inocente ilumina a escotilha aberta no casco negro. Adeus ao Rio, adeus às terras benditas da América.

QUEM PARTE LEVA SAUDADES...

Um navio se faz ao largo, levando emigrantes e milionários — Visita à terra saudosa de Trás-os Montes — Adeus à América — O guindaste, um velho marujo e o homem das bagagens — O Cais do Pôrto, sua vida e os seus tipos

Escreveu

CELIUS AULICUS

Fotografou

NEWTON-VIANA

"Quando se fez ao largo a nave escura..."

Gonçalves Crespo.

LENÇOS brancos acenando... Dos tombadilhos apinhados saem adeuses sentidos, palavras gritadas às pressas na agitação do último momento. As fisionomias vão se modificando à medida que os bilhetes decrescem de preço. Na terceira classe, que fica junto da proa, os viajantes se misturam com as mercadorias, homens e coisas se confundindo como em terra, no fundo dos armazéns lotados, se confundem fardos e seres humanos. Agora eles se irão, no bôjo da nave escura, através das milhas extensas da rota transatlântica, anônimos e desconhecidos, sofredores e resignados, a caminho de terras distantes, no rumo do desconhecido.

O ÚLTIMO MOMENTO — O gongo anunciou a partida próxima. O navio vai levantar ferros. Pelos portalós descidos saem apressadamente os últimos visitantes. A polícia aduaneira está alerta; os marinheiros estão a postos. Gritam do cais os parentes e amigos que ficam, ditando aos viajantes as últimas recomendações. Os portalós subirão dentro de momentos, e um apito marcará a saída da nave escura. Parte o "Serpa Pinto" levando saudades, deixando esperanças.





VIAGEM A VOLTA DO MUNDO — Depois de correr o olhar pelas etiquetas presas ao couro destas malas, temos dado mentalmente uma viagem em torno do mundo. Monte Carlo, Nice, Florença, Milão, Shangai são nomes familiares aos donos das malas e valises que ocupam o carrinho. O carregador vai levando para o navio toda essa bagagem cosmopolita, à espera de que um dia possa também se fazer ao largo, em busca de novos horizontes e de novas sensações. O navio fumega preso ao cais.

Muitos voltam, depois de anos sem conta de trabalho, às terras saudosas do Velho Mundo, a rever o que deixaram ali, nos dias distantes da mocidade, quando se fizeram ao mar em busca da fertilidade da América, onde os campos são vastos, as cidades são ricas e as minas inesgotáveis.

Uma multidão de homens e mulheres enche o cais de ruído e movimento. Trabalham ainda os guindastes, levando para cima a carga do vapor, mercadoria do Brasil que vai

sendo arranjada nos porões, para abastecer os mercados europeus.

REGRESSO AO LAR

Fumega no Cais do Pôrto do Rio de Janeiro a grande chaminé do vapor português "Serpa Pinto", que vai levantar ferros. Pelos portalós descidos entram os últimos passageiros. Em sua maioria são portugueses que voltam a rever a pátria, alguns ricos e vito-

riosos, após a sua aventura na América; outros vão pobres como vieram, anônimos, apagados. Para os primeiros os camarotes de luxo, o conforto do salão de jogo, os prazeres do "fumoir"; para os outros a terceira classe a guitarra saudosa chorando um fado, dentro das noites estreladas do Atlântico. E, com as parcas economias guardadas nos lenços amarrados em trouxa, lá estão eles, os colonos pobres, olhando melancolicamente da amurada a cidade que se perde nos verdes dos montes longínquos. Depois da luta de muitos anos, após o longo e pesado trabalho da estiva, do transporte, das fábricas e dos armazéns, conseguiram juntar o dinheiro suficiente para a passagem de terceira, algumas moedas mais, e as levam aos entes queridos, que esperam ansiosamente pelo seu regresso.

Quem poderá conceber em toda a sua grandiosidade a alegria do emigrante que regressa ao lar? Qual o psicólogo capaz de ver o que se passa na alma do passageiro de terceira classe que vai rever a família após a labuta improfícua e improdutiva de meses sem conta?

O cais está cheio. Vibra em todos os corações a alegria da viagem, em todas as almas canta a tristeza da despedida.

Os tombadilhos estão cheios, os salões ficam lotados. Continuam a subir pelos guindastes os sacos de café. Os apitos estridentes dos chefes de manobras enchem o ar de silvos agudos. Há uma confusão apressada em toda a extensão do cais. Os que ficam gritam para cima palavras de recomendações.

O HOMEM DO GUINDASTE CANTA EM SURDINA

No alto da torre movediça a cabine negra coberta de fuligem lembra um ninho de João de barro. Lá em cima o mestre Zé, manobrando a máquina. Tem um boné preto como a cabine, tinto pela mesma fuligem. Uma poeira preta cobre todas as coisas. Procuramos conversar um pouco com o homem. E ele diz:

— E' fácil manobrar esta geringonça. Traz-se esta alavanca para trás, o braço sobe; leva-se à frente, o braço desce; roda-se o volante, a cabine roda; mexe-se aqui, o cabo corre ou enrola-se.

E dizendo isto o homem põe-se a mexer em todas aquelas peças, com rapidez e segurança. A cabine roda conosco. Pela janelinha aberta, como numa tela de cinema, passam cenários imprevisíveis, numa sucessão vertiginosa. Emoldurados pelo pequeno quadro surgem os morros distantes; o Cristo Redentor aparece no alto do Corcovado por um momento breve, para ceder lugar ao arranha-céu de "A Noite". O guindaste parou para colocar na cobertura a sua carga. A janela mostra agora a linha enorme do cais, que se perde de vista até a curva longínqua. Em primeiro plano a chaminé do "Serpa Pinto". E para além outros barcos, bandeiras de nacionalidades diversas se agitando ao vento, no topo dos mastros altos.

O homem do guindaste continua:

— O navio vai sair. E' engraçado. Gente que está aqui amanhã estará na Europa. Eu já gostei de viajar.

— E essa gente não lhe causa inveja? — perguntamos.

— Não. Eu imagino que eles amanhã estarão vendo coisas maravilhosas, podem até fazer fortuna lá do outro lado. Mas também podem estar daqui a algumas horas no papo de algum tubarão-martelo. Eu já gostei de viajar, meco. Já fui marítimo. Corri muito mundo. Hoje prefiro o guindaste. Acostumei-me ao cheiro de maresia. Bati muitos portos, cruzei muitos mares. Não quero saber mais disto. Acabou a guerra, amanhã vem outra. Eu não sou besta. Aqui na cabine do guindaste torpêdo não pega.

E o homem volta ao volante. A cabine roda de novo sobre o eixo central, o cabo cai sobre um caminhão cheio de sacos. Pela janelinha podemos ver agora a outra máquina próxima guindar para o "Serpa Pinto" um automóvel moderno.

Quando a portinha da cabine parou junto ao estribo descemos pela escada de ferro, deixando o mestre lá em cima cantando em surdina:

"Quem parte leva saudades
de alguém que fica chorando de dôr."

ADEUS A AMÉRICA

Adeus à América. Voltam agora à pátria distante muitos daqueles que aqui chegaram pobres e sofrendores e receberam as bênçãos fartas da terra da promessa. Colonos magros, desembarcados da terceira classe de um vapor pobre, regressam à terra cheios de saúde, com as arcas abarrotadas de ouro. Trabalharam e colheram os frutos do seu suor. Aquilo que lhes era negado pela pobreza e esterilidade do solo pátrio conseguiram aqui, na fertilidade fabulosa do Brasil.

Muitos vão a passeio. Voltarão logo, após uma visita à família e ao lar saudoso.

Os passageiros do "Serpa Pinto" são em sua maioria de origem lusitana, e na própria fala revelam a sua ascendência ibérica. Voltam a Portugal. Alguns de passagem, outros para passar ali os últimos dias de vida. Há velhos de muitos anos e meninos de pouco mais de cinco. E todos se despedem dos que ficam, acenando do alto dos tombadilhos apinhados os lenços brancos, que se agitam à brisa marítima como bandeirolas de arraial em festa.

De uma das escotilhas que se abre no costado negro, Teresinha acena um grande adeus à América, a terra onde um dia vieram ter seus pais, a terra que lhe serviu de berço.

UM DIA IREI TAMBÉM!

Dois portugueses conversavam junto ao portaló. Um dêles, pelos seus gestos apressados e pelo nervosismo, revelava o viajante que volta a ver a pátria após uma longa ausência. O outro, quase em lágrimas, emocionado pela partida do amigo, fazia as últimas recomendações:

— E não te esqueças: dá um abraço meu a toda a rapaziada. E não deixe de me trazer uma garrafa de verdasco... Não te esqueças, hein? E as castanhas...

— Não, não esqueço! Olha o negócio por mim e vê se tudo corre bem!

— Há de correr da melhor maneira, rapaz! Mas não te esqueças das castanhas, oh homem!

— Não esqueço, já te disse! Hei de lembrar, hei de lembrar!

— Então, feliz viagem e breve regresso!

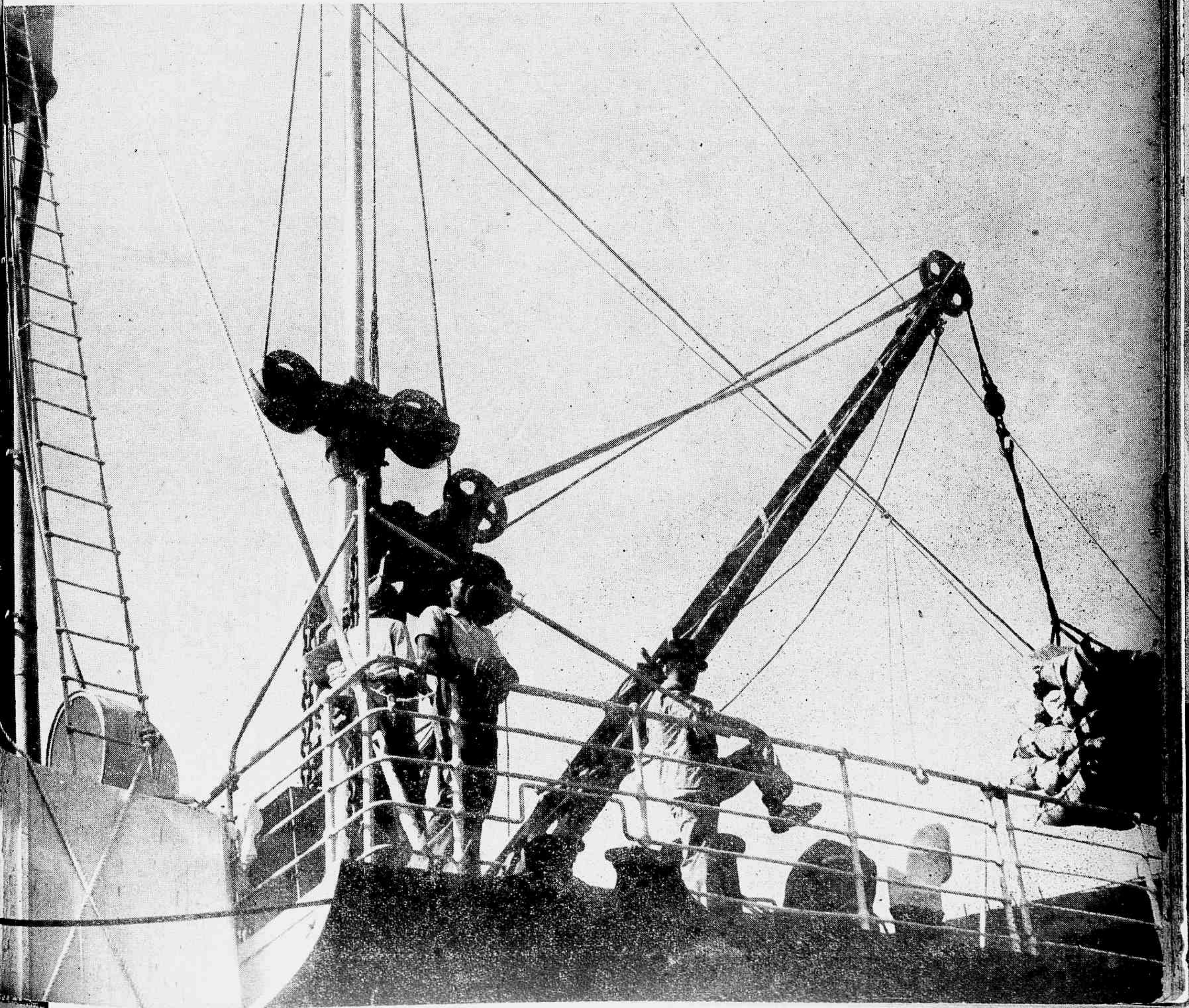
— Feliz viagem! — respondeu o viajante distraído.

Com um grande abraço os dois homens separaram-se. O que ficara quedou-se triste, acenando devagar um grande lenço. Foi se afastando morosamente; parou de repente, acariciou com amor a amurada da escadinha, como se aquilo representasse um pedaço de Portugal e o navio mais não fôsse que um bloco navegante de terra lusa.

Continua em todo o cais a algazarra do embarque.

Aproximamo-nos do rapazinho que conduzia bagagens num carrinho de mão. Ele olha, a princípio desconfiado, para a máquina

PASSAGEIROS DE TERCEIRA — Passageiros de terceira classe, homens queimados pelo sol dos trópicos, que esperam a saída do barco ansiosamente, prevendo o momento de rever a terra saudosa. A fortuna não lhes sorriu em terras da América. O que eles conseguiram juntar gastam agora na viagem de regresso. O guindaste do navio vai lançando ao porão a carga comercial. E os passageiros de terceira, confundidos com os homens da estiva, encostados à amurada, junto da proa, olham melancolicamente para a cidade distante, onde durante muitos anos trabalharam e sofreram. O guindaste continua a levar para o navio a mercadoria do Brasil, para abastecer os mercados europeus. Do fundo do dormitório de terceira sai o lamento de uma guitarra saudosa, que chora um fado melancólico e nostálgico.



do fotógrafo. Depois, ganhando confiança, responde ao que lhe perguntamos:

— O meu serviço é este: conduzir bagagens para o navio. Não pretendo, porém, continuar aqui muito tempo.

Olhamos para o carrinho onde se edificava uma verdadeira torre de malas e maletas. "Sanfônas" de couro negro, malas-armários forradas de tecidos claros, desapareciam atrás das etiquetas de nomes presunçosos: "Palace Hotel", "Monte Carlo", "New York", "London" — todos os continentes e todos os centros turísticos do mundo representados por retângulos de papéis coloridos colados ao couro da bagagem.

E o rapaz prossegue:

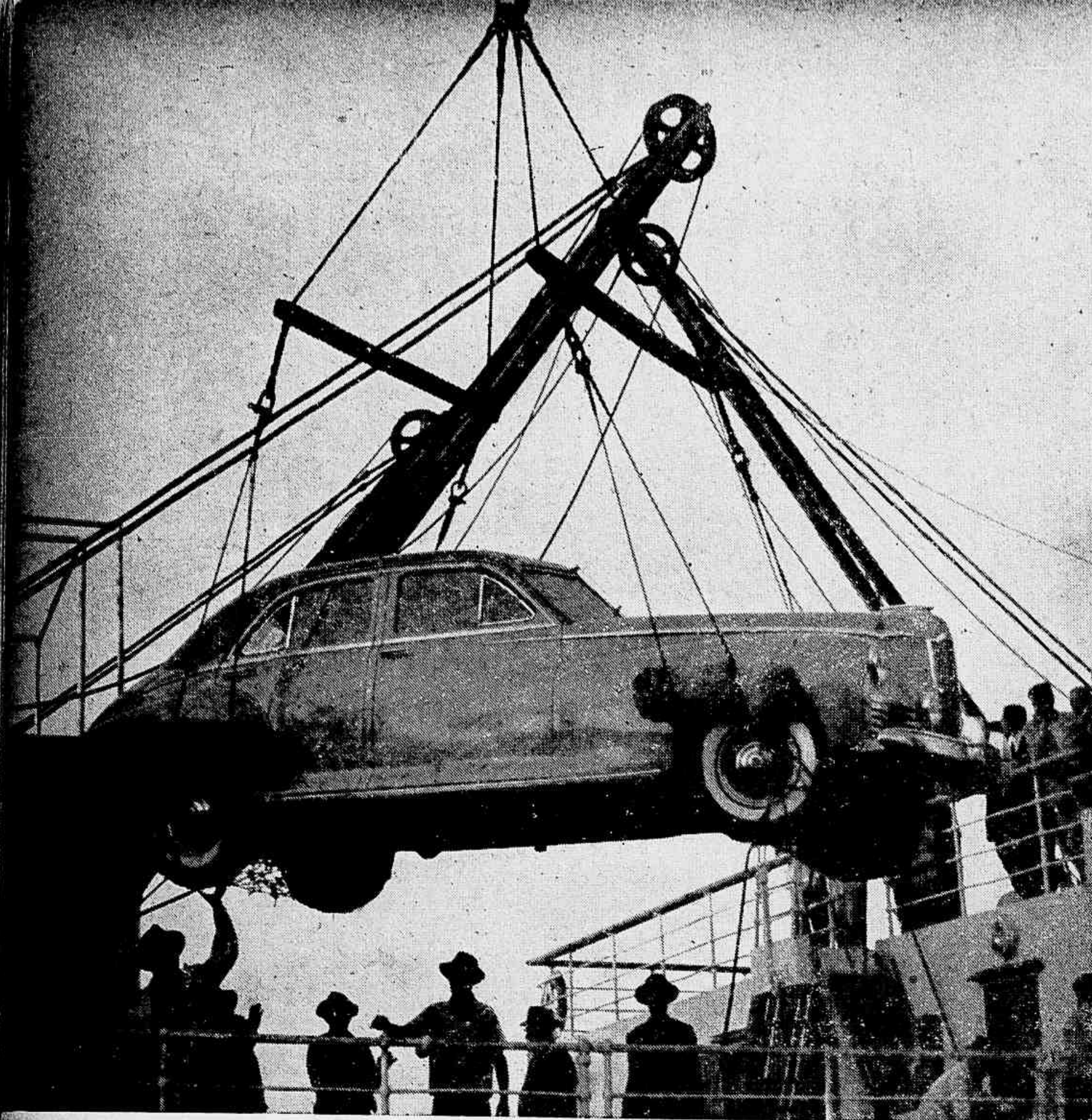
— Este serviço cansa! Além disso tenho inveja de toda essa gente que passa por aqui, a caminho de terras distantes. Um dia também irei. Deixarei aqui o carrinho, e outro que cuide dele. Sinto vontade de viajar, e hei de viajar nem que seja como taifeiro ou mesmo clandestino. O certo é que um dia irei também, conhecer o mundo todo. E quem quiser que cuide das bagagens...

O CAIS, SUA VIDA E SEUS TIPOS

O Cais do Pôrto não é uma parte do Rio. É uma espécie de colcha de retalhos, feita com pedacinhos de todos os países do mundo, uma coisa semelhante à roupa multicolorida de arlequim cosmopolita. Cruzam os ares palavras ditas em todas as línguas, passam entre as pilhas de mercadoria tipos oriundos de todas as partes. Homens dos cinco continentes, marinheiros dos sete mares. Cada qual tem sua história, histórias tristes e alegres, pitorescas e heróicas; histórias de homens pitorescos, histórias de marinheiros heróicos.

O velho Bento nos conta a história do cais. Hoje ele está velho, cansou-se da vida de bordo, cansou-se do serviço pesado da estiva. Vende canetas e gravatas pelos botiquins da praça Mauá e adjacências. O cais continua a atraí-lo. Nas noites quentes, quando as estrelas brilhantes lembram noites de viagens e aventuras perdidas num passado remoto, o velho Bento recosta-se à grade do cais, entre os curiosos que pasmam para a belonave americana atracada na praça. E conta para os circundantes a história do cais e as histórias de suas viagens. Encontramo-lo num bar, entregue ao seu comérciuzinho de cinco cruzeiros. Bento tem já os cabelos brancos, uma carapinha de quase um século. Com voz pausada e grave de contador acostumado, pobre Sindbad creoulo, tostado por todos os sois, o marujo nos fala do cais e de suas histórias:

— Muitas coisas aconteceram aqui — diz ele iniciando a exposição. — Antigamente, quando conheci o Rio, não havia asfalto. Não havia ainda nem a avenida Central. Eram tudo ruas estreitas, um emaranhado de teia de aranha, que se perdia desde a Saúde até o morro do Castelo. Era no tempo da capoeiragem e da navalha. Para o lado da Gambôa nem a polícia se metia. Cheguei um dia, vindo de longe. Nasci na Bahia, moço, sou baiano de Ilhéus. Mas conheço um pedaço de chão deste mundo de Deus. Conheci muitos homens, conheci mais mulheres. Deixei Mariano em Marselha, deixei Gritchen em Hamburgo. O senhor duvida, moço, mas lá para aquelas bandas o negro tem sua cotação. Na América não. Ali o negro não vale. Mas na França, aquilo é que é. É chegar negro brasileiro embarcado e todas caem embeicadas. Tenho nome de mulher tatuado por todo o corpo. Eu era terrível. Agora estou cansado e vivo assim, vendo de longe os navios que chegam e que saem. Já conheci outros tempos melhores, quando o nosso dinheiro valia ouro nos portos estrangeiros.



O OUTRO LADO DA VIDA — Muitos dos passageiros do "Serpa Pinto" são velhos comerciantes portugueses enriquecidos no Brasil que voltam, em breve passeio, à pátria longínqua. Vão gozar um período de férias na terra natal, entre os velhos amigos e conhecidos. Muitos levam jóias e outros objetos de luxo. Um deles conduz no porão do navio o seu próprio automóvel, sem o uso do qual não compreende a vida. Veio procurar trabalho; volta premiado pela fartura do Brasil. Assim é a nossa terra. Assim é a América.

O BRASIL VIGIA OS PORTOS — Foi duro o exemplo que tivemos. Durante muitos anos a nossa boa fé foi iludida pelos espíões, que entravam e saíam livremente do território nacional. Hoje, apesar da cessação das hostilidades, há uma vigilância severa em todos os portos, marítimos ou aéreos. A polícia aduaneira não dorme. Todos os que entram num navio têm que apresentar documentos que permitam o seu acesso ao barco. Já estão dois guardas, delicados mas severos, pedindo aos visitantes a apresentação dos documentos de identidade, sem os quais não poderão subir ao convés.



Já vi muitas coisas por este pôrto e por esta baía afora. Sou do tempo do "Almirante".

Perguntamos ao velho quem era o almirante. Ele ri-se da nossa incompreensão e pergunta se não sabemos quem foi João Cândido. Respondemos afirmativamente. E Bento continua:

— Pois êle era o "Almirante". Dirigiu a esquadra, fez "miséria" na baía. Pintou o sete por essas águas afora. Era duro aquêlê negro. Como precisava sair da baía com os seus navios, pintou tôda a esquadra de preto e atravessou a barra à noite. Foi assim que êle se safou da armadilha.

— O senhor foi marinheiro revoltoso?

— Eu não. Mas estava aqui no tempo do "Almirante". Depois embarquei de novo. Corri mundo e voltei muitas vêzes ao Rio. Viajava sempre. Mas nunca me sentia tão alegre como nos dias em que avistava o "Gigante de Pedra" do alto do tombadilho. Partir é bom, mas voltar é melhor!

UM BARCO LEVANTA FERROS

Voltamos ao recinto do cais. O "Serpa Pinto" prepara-se para levantar ferros, três horas após o momento marcado para a partida. Sobem os últimos passageiros apressados. Um dêles, porém, pobre e triste, deixa-

se ficar em terra por algum tempo mais. Aproximamo-nos dêle e o homem, após uma pergunta, começa a falar:

— Vou-me embora hoje, para voltar dentro em breve. Tenho hoje dois lares. Um lá longe, numa aldeia transmontana; outro aqui no Rio. Faz muito tempo que cheguei ao Brasil, como passageiro de terceira. Aqui me casei, aqui nasceram os meus filhos. Mas deixei em Portugal os meus velhos pais, que volto agora a rever. Infelizmente não ganho o suficiente para trazê-los. Mas quando conseguir juntar mais algum dinheiro voltarei a visitá-los. A sorte não me foi propícia, não consegui fazer fortuna. Tenho entretanto dois lares: Brasil e Portugal. E entre êles cumprirei até à morte o meu destino de passageiro de terceira.

Assim falou o emigrante. E subiu correndo para o navio, que apitava, atrás do capitalista que entrava também apressado. Êste, entretanto, viajaria de primeira, e no porão do navio estava acomodada a "limousine" custosa que êle comprara no Brasil.

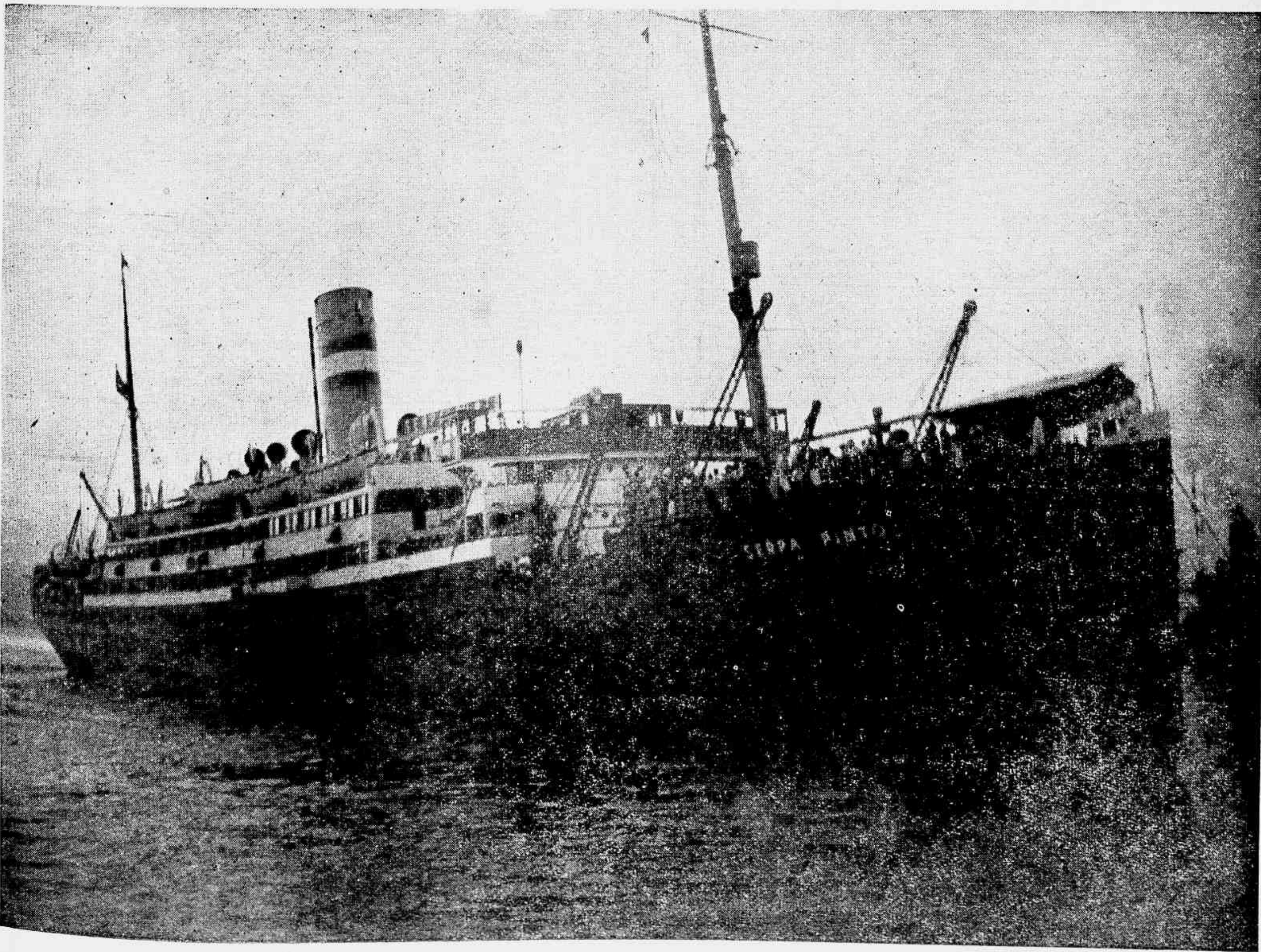
O "Serpa Pinto" lança ao ar outro silvo tar-se. Outro silvo longo, um apito breve e, grave. Pelas salas e conveses ouve-se o gongo anunciando a partida. Descem as visitas apressadas. A multidão do cais acena os últimos adeuses. Os portalós começam a levan-

(Continua na página 44)



"ADIÓS, MUCHACHOS!" — O homem se despede dos amigos que fez no Brasil. Voltará para a Europa levando na memória a saudade dos bons tempos que passou na terra abençoada da América. Um apêto de mão é um protesto de recordação.

"QUANDO SE FEZ AO LARGO A NAVE ESCURA..." — Passando por entre os rebocadores adormecidos no pôrto, em manobras graciosas, o barco se afasta serenamente. No tombadilho os lenços acenam o último adeus; no cais os lenços mandam aos amigos uma mensagem de saudade. Os marinheiros manobram; os tubos acústicos conduzem as ordens da ponte de comando para os conveses, dos conveses para a casa das máquinas. Desde o capitão até o moço de convés todos trabalham ativamente. O cais vai ficando pequenino diante dos olhos dos que partem. Na proa um passageiro de terceira canta "La paloma", acompanhado por um violão triste.





Jimmy veio despedir-se. Deu-lhe um beijo na testa, como sempre, antes de sair, e disse:

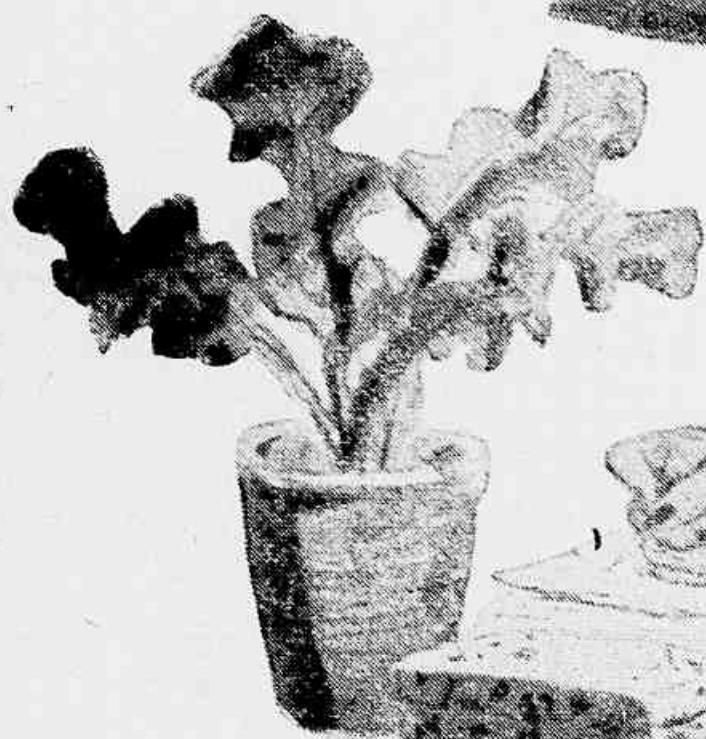
— Não venho almoçar hoje, meu bem.

Ela perguntou:

— Você volta cedo?

— Talvez. Não tenho certeza.

Ela notou que havia alguma coisa de estranho na voz dele. "Provavelmente



está passando mal do estômago de novo", pensou, pois estava casada há muito e já ultrapassara o período em que as esposas procuram explicações poéticas para as perturbações digestivas dos maridos.

— Até mais tarde.

Ele já estava perto da porta. Voltou-se mais uma vez:

— Até mais tarde.

Ela ia voltar ao trabalho, quando o telefone tocou. Com um olhar impaciente para a pilha de convites a responder, ela tirou o fone do gancho e disse:

— Alô?

— É Riverside 3-5678?

— Sim.

— O dono da casa está?

Uma voz de mulher? Quem seria?

— Ele não está. Quer deixar algum recado?

— Quem está falando?

Diria quem era? E se fosse alguma mulher que... informando tratar-se da criada, talvez...

— Quem fala aqui é a criada.

— Você está há muito tempo na casa?

Ela hesitou. Que interrogatório!

— Não, senhora.

— Nesse caso não conhece bem sua patrão. Cuidado com ela!

— Mas...

— E dê um recado ao seu patrão: Diga-lhe que a mulher dele vai encontrar-se hoje, às quatro horas da tarde, com um homem. Vai ao apartamento dele.

Miriam zangou-se:

— Ele não gosta dessa espécie de avisos. Tem confiança na mulher.

Um telefonema, como muitos que os casais recebem. Um inimigo, um despeitado qualquer, esperava conseguir destruir um lar dessa maneira.

Ouviu-se um risinho do outro lado do fio:

— Não se esqueça de dar o recado. Ou a senhora pensa que me enganei? Sabia muito bem que era a senhora. E quero que saiba que vou transmitir ao seu marido o mesmo recado.

Novamente o risinho.

— Qual é mesmo o telefone do escritório dele? Ótima notícia para a hora do almoço!

Miriam desligou, abruptamente. Que audácia! Quem poderia ser? Quem teria a coragem de dizer-lhe "você tem um encontro com um homem hoje à tarde e eu vou dizer ao seu marido"?

Era, com certeza, mais do que uma simples intrigante. Era alguém que planejava alguma coisa. Que esperava que ela fizesse? Não seria, com certeza, que ela fosse, de fato, à casa de algum homem, pois avisara-a que o marido saberia de tudo. Mas nesse caso, que queria? Com certeza, impedi-la de sair. Mas por que?

Jimmy falou na hora do almoço.

— Miriam, eu resolvi almoçar em casa. Você arranja alguma coisa para mim?

— Arranjo. Como não?

— Bem, estou aí dentro de dez minutos.

— Está bem.

Ela ainda não tinha tirado o sobretudo quando ela fez a pergunta:

— Você recebeu uma telefonada hoje pela manhã?

Ele estacou, surpreso:

— Escute, Miriam, como é que você sabe?

— Eu também recebi uma.

— Dizendo o que?

— Que eu iria encontrar-me com um homem hoje à tarde.

Ele não disse uma palavra.

Foi até o telefone e discou o número do escritório.

— Miss Larsen está?

Era a secretária dele. Uma moça sueca que viera para os Estados Unidos como refugiada de guerra.

— Alô? Escute, você avisou minha mulher sobre o telefonema que eu recebi

esta manhã? Não. Bem. É que eu não queria que ela chegasse a saber dessas sujeiras. Nem é preciso mencionar nada.

Desligando o telefone ele voltou-se, lentamente.

— Então era verdade, hein?

— O que?

— Não minta. Já percebi tudo. Eu recebi um telefonema anônimo. Não dei atenção. Você porém soube pela secretária que eu o recebera. Ela achou conveniente preveni-la que a estava caluniando. Caluniando... Você quando soube que tinha sido descoberta, inventou que também recebera um telefonema. E mentiu, escondendo de mim que sabia que eu também fora avisado.

— Mas...

— Não negue, Miriam, eu não sou homem de brincadeiras. Não adianta mais falar.

— Mas...

— Já lhe disse que de nada adianta.

— Meu Deus, esse telefone... Novamente a tocar. Quem seria daquela vez?

A mesma voz de mulher soou do outro lado.

— O dono da casa está?

Miriam estremeceu.

— Eita. Eita novamente.

Jimmy tomou o fone.

— Precisava falar-lhe, Mr. Harness. Houve um engano. Meu Deus como é difícil confessar. Havia alguém... Eu queria vingar-me... Procurei o telefone na lista e me enganei. Encontrei o seu de casa e do escritório. Por favor, perdoe-me o caso é com outra pessoa.

— Alô? Alô? Quem está falando? Desligaram.

Subitamente ele começou a rir:

— Então você pensa que me engana com um expediente tão como esse? Quem

é essa mulher que você alugou para dizer isso pelo telefone? Quem foi? vamos! Muito bonito! Mas você acreditava que eu era mais ingênuo do que realmente sou.

— Jimmy, você está louco... eu nunca...

— Muito conveniente, esse engano. Com vozes anônimas não é possível provar que foi arranjo seu.

— Jimmy, pelo amor de Deus...

— Não, Miriam. Não adianta.

— Mas será possível que você, meu marido, que eu pensava conhecer tão bem, tenha ficado louco de repente? Então como pode você acreditar numa coisa dessas? Numa calúnia desse tipo? Alguém arranjou tudo isso para fazer com que eu ficasse mal... Essa moça, essa sua secretária, uma caluniadora. Com certeza foi ela. E foi por isso que disse que me tinha avisado, para que você acreditasse que eu era culpada. E esse desmentido foi ela. Ela sempre. Para que um desmentido inverossímil pudesse ser mais uma prova contra mim. Usou esse meio porque não havia outro, porque dizendo que eu ia encontrar-me com um homem mentiria. Eu não vou, nunca pensei em ir encontrar-me com um homem...

Ele ouvia em silêncio. Seu olhar impaciente passeava pelo quarto, pelas paredes, pela mesa dela. A agenda estava aberta. Ele se aproximou. Estava escrito: Robert — West 59th, 546".

— E isso? E isso?

Ele tinha na mão a agenda, com o endereço do cabeleireiro (Madame, quando a senhora quiser alguma coisa, sempre às ordens...). Ela escrevera naquela página, na data daquele dia, por acaso... Tentou explicar.

— Basta de mentiras. Minha capacidade para acreditar em coincidências não é ilimitada, Miriam.

Ela ouviu bater a porta da frente quando ele saiu. Caiu, soluçando, numa poltrona.

RESSURGE A FRANÇA

A França renasce. E com ela o mundo. Volta à evidência aquela velha frase, tão antiga quão verdadeira: "Todo homem tem duas pátrias — a sua terra e a França". A França renasceu vitoriosa e imutável, heróica e invicta, como Phoenix rediviva emergindo das próprias cinzas. E continuou marchando à frente do mundo pela estrada da civilização. Primeiro foram os seus soldados, as vitoriosas forças da África e do exílio, marchando pela estrada áspera da guerra. Agora volta a França da Arte e da Ciência. A Sorbonne voltou a ser o centro da ciência universal, e o Louvre tornou à sua posição de centro de gravitação da arte. Os artistas franceses saíram da guerra mais nobres e maiores do que nunca. O mundo inteiro volta-se novamente para a França eterna, de onde nos chegam novas esperanças e novas glórias. A escola onde estudou Mme. Curie está reaberta aos estudantes de todo o mundo. O museu onde se expõem as obras-primas de Cézanne está novamente franqueado ao público. O Louvre e a Sorbonne, símbolos gloriosos da gloriosa Paris, lançam de novo sua luz sobre o mundo. Agora nos chegam da França, pelo "Bang-Koc", obras de arte de todos os gêneros, que os gauleses nos enviam como uma mensagem de fraternidade do povo livre da França ao povo livre do Brasil. No Ministério da Educação está aberta ao público, desde o dia 15 do corrente, a "Exposição de Arte Francesa", mostra que reúne quadros, esculturas, objetos ornamentais, além de uma notável e numerosa biblioteca, de que fazem parte as mais notáveis obras literárias que se têm editado ultimamente na terra de Zola, e à qual pertencem ainda várias curiosidades bibliográficas. A exposição não se restringe entretanto apenas à arte ornamental, à pintura, à escultura e à literatura: no auditório do Ministério da Educação vêm sendo realizadas com assiduidade, sob o patrocínio da Embaixada Francesa, conferências com projeções luminosas, palestras, etc., relativas à arte e à cultura da França. Além disto, naquele local têm sido exibidos os melhores filmes franceses, verdadeiras obras-primas da sétima arte. Entre os artistas franceses muitos foram os que pegaram em armas na presente guerra, em defesa da liberdade e da democracia. E inúmeros foram os que tombaram sem vida nos combates travados contra os agentes do crime e da tirania. Entre esses figura Aimòs, ator cinematográfico e "astro" do filme "Monsieur Le Sourire", uma das películas que será exibida durante a realização da "Exposição de Arte Francesa". Nesta página reproduzimos duas cenas de celulóides que a comissão organizadora da exposição fará rodar para um número selecionado de espectadores, no auditório do Ministério da Educação. E' assim que o cinema francês volta ao Brasil, trazido vitoriosamente pelas mãos dos ex-combatentes das F. F. I. E' assim que o cinema francês renasce, mais vigoroso e maior, no cenário universal.



Ao alto: Aimòs numa passagem do filme "Monsieur Le Sourire", que será exibido no recinto da exposição. Aimòs morreu recentemente, combatendo como "maquis" nas barricadas de Paris. Em baixo: Jules Berry em "Les Visiteurs du Soir", que também será exibido no Ministério da Educação.





Seleções Musicais

FINO PROGRAMA, COM
AS MAIS BELAS PÁGINAS
MUSICAIS, APRESENTADAS
PELA GRANDE ORQUESTRA
DA RÁDIO GLOBO SOB A
REGÊNCIA DO MAESTRO
MIGNONE

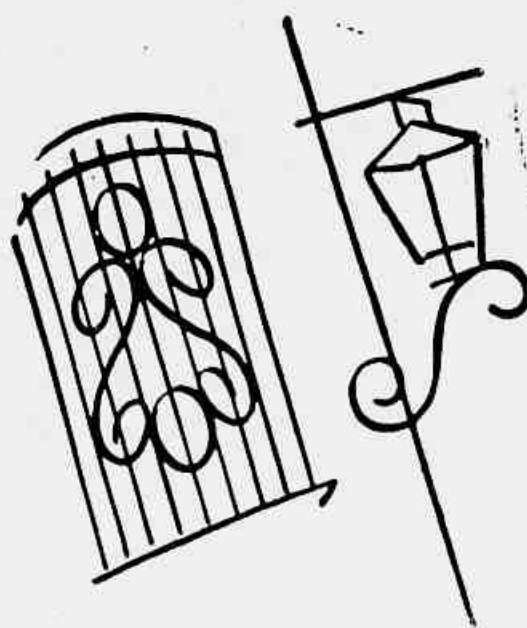
Uma oferta do
Leão da América
a casa dos mais
finos cristais
URUGUAYANA 89



ÀS 6.^{as} FEIRAS ÀS 21 HORAS

Memórias do Rio

AS MAIS BELAS PÁGINAS
EVOCATIVAS DO BRASIL E
DESENROLADAS NA **VELHA**
SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE
JANEIRO. UM PROGRAMA
ESCRITO E DIRIGIDO POR
CARMEN NICIA DE LEMOINE

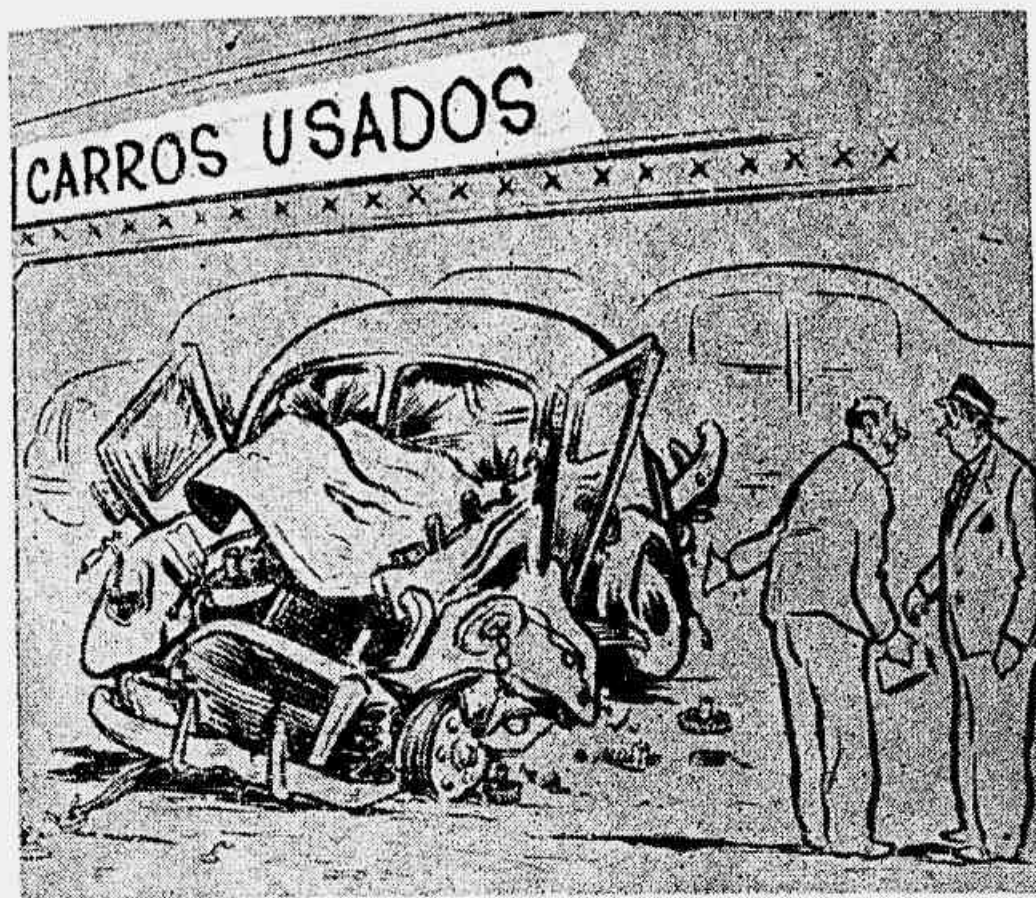


Desempenho
de todo o cast
rádio-teatral
da P R E - 3

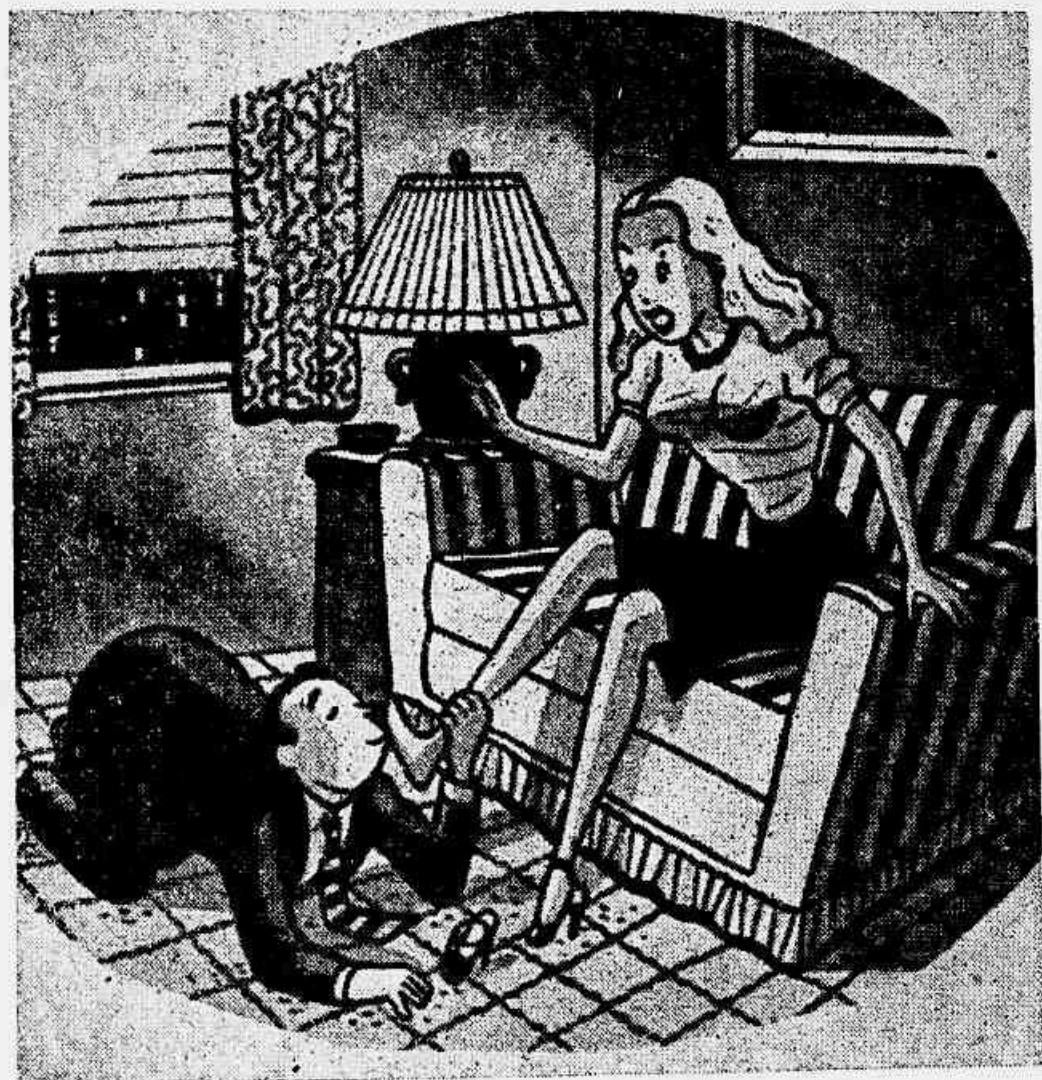
ÀS 2.^{as} FEIRAS ÀS 20 HORAS

Radio GLOBO

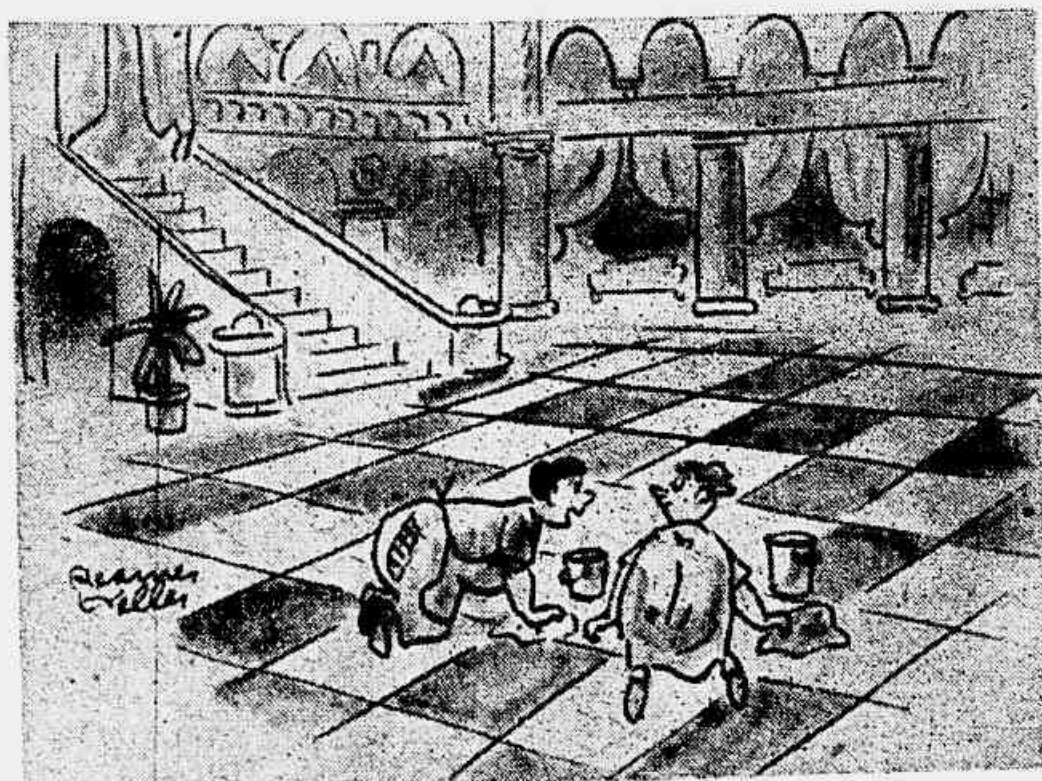
PRE-3 ★ 1180 QUILOCYCLOS ★



— Este é o tipo da "galinha morta". Só percorreu até agora um quilômetro...



— Oh, querido! Isso é apenas em sentido figurado...



— Eu lavo os ladrilhos pretos e você os brancos. Combinado?



— Horrível, "seu" Renato! Estes espelhos nos fazem ridículos...

DE BOM HUMOR





JOCKEY CLUB MUNDANO

O hipódromo da Gávea tem sido sempre o ponto preferido pela elite social e cultural, para encher as tardes vazias de domingo. Ali vamos sempre encontrar, em dias de corridas, os elementos mais representativos do nosso "set" e as celebridades que se encontram em visita ao Rio de Janeiro. Ao último "meeting" realizado no belo prado do Jockey Club Brasileiro compareceu a "estrelinha" de Hollywood Gloria Warren, que mostrou-se encantada com tudo o que lhe foi dado ver no maravilhoso hipódromo.



NA TEMPO-
RADA DE TITO

Guizar



No "show" do Jantar Dançante:

ANJOS DO INFERNO ★ ROTT Y MORAND ★
"VEM! A BAHIA TE ESPERA..."

com

LINDA BATISTA ★ GRANDE OTELO ★ MARGARETH LANTHOS ★
TITO GUIZAR ★ HELENINHA COSTA ★

No segundo "show":

ALVARENGA E RANCHINHO ★ TITO GUIZAR ★
"SONHO DE CIRCO"

com

MADELEINE ROSAY ★ WLADIMIR IRMAN ★ MIRNA BOLENO ★
FERNANDO BARRETO ★ ALONSO ★ E TODO O CORPO DE BAILE ★

RESERVA DE MESAS:

Fones, 26-5550 e 26-5558

Uca

C I N E M A

"CAFÉ PARA DOIS"

Antes de mais nada, um esclarecimento: este filme da Columbia não é produção recente, mas foi feito quando a Rússia ainda não havia participado da guerra. Ou melhor, quando parecia ainda prevalecer o acordo feito entre a Alemanha e a Rússia. Por isso, o cinema americano procurava alinhar o país que, pouco mais tarde, devia ser o grande e poderoso aliado das Nações Unidas. Vale este esclarecimento, porque sem ele poderia presumir-se que a sátira feita ao comunismo fosse já de pós-guerra. Espíritos tendenciosos iriam mais adiante, admitindo que as ironias de "Café para dois" fossem o reflexo de qualquer desinteligência entre os Estados Unidos e a Rússia, coisa inexistente.

Apresentado no Brasil com grande sucesso, a película da Columbia é, assim mesmo, engraçada. Se foi feita com o propósito de causticar o problema social, o que há três anos constituía ironia agora se transforma em uma ingenua e bem humorada comédia. Ingenua no sentido político, porque na moral o filme é até por demais malicioso. Contamos os apuros em que se vê um jovem francês, metido a socialista, quando uma bonita mulher resolve dominá-lo por amor. E trava-se a luta. De um lado o capital, ou melhor, a pequena elegância, que não sabe viver sem muito dinheiro. De lado oposto o comunismo. Quem vence? Simplesmente a Mulher, pois a finalidade da história é essa. Loretta Young confessa, muito sentenciosamente, a Melvyn Douglas que não existem pobres e ricos, mas homens e mulheres. A questão social converte-se em simples problema sexual. Será assim mesmo? Não importa saber, desde que o filme diverte e os protagonistas tiram o melhor partido das situações maliciosas. Só para apreciar a beleza e a elegância de miss Young vale a pena assistir, quer o leitor pressua ou não suas tendências socialistas. "Café para dois" tem todos os absurdos do gênero, e a participação divertida de Eugene Pallette, que representa o Capitalismo, na pele de um obeso banqueiro, o marido de miss Young, o que "paga para a música". Leonid Kinskey está engraçado no camarado Nicky. Una O'Connor, a eterna criada entesada, toma um pique de as direitas para se converter ao credo soviético, e a presença de Alan Marshall, mesmo em papel secundário, dá uma nota de elegância. Podem ver, mas não levem as crianças. A história, calcada em um original tipicamente parisiense, tem sal e pimenta à vontade. Por isso mesmo, e pelo bonito busto de Loretta Young, o filme é ainda mais saboroso.

Mas não pensem que chegou a rivalizar com "Ninotchka", mesmo porque está falando, desta vez, o toque mágico, cheio de reticências e subentendimentos, de um Lubitsch. Aqui tudo é objetivo, direto e sem duplo sentido. O sentido é um só... — C.

COTACÃO: 2

Carmen Molina, interprete de "Você já foi à Bahia?", onde dançou o "sketch" mexicano, entrevistada na Rádio Globo em "Cine-Rádio Jornal", declarou que foi convidada para participar de um filme nacional.

★

Gilão Abreu está dirigindo a filmagem de "O Ebrio", na Cinédia, com Vicente Celestino e Alice Archambeau nos protagonistas. Ai está um filme que vai dar dinheiro na certa.

Loretta Young e Melvyn Douglas numa cena de "Café para dois"



Quando o "Inimigo Invisível" se põe a trabalhar, a beleza corre perigo. Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Sua ação pode causar a cárie dentária. Escove os dentes pelo menos duas vezes por dia com Creme Dental Squibb, que é algo mais do que um simples dentífrico. Contém

Leite de Magnésia Squibb — ingrediente cujo contato concorre para a neutralização dos ácidos.

O Creme Dental Squibb não só limpa os dentes com segurança e eficiência, mas... é uma delícia usá-lo! Você há de gostar do seu sabor refrescante, adorável! Peça hoje mesmo Creme Dental Squibb.



CREME DENTAL
SQUIBB

M U S I C A

"O ESCRAVO"

Talvez a epígrafe mais original e respeitosa de "O Escravo", de Carlos Gomes, tenha sido a de uma senhora que, depois do 3.º ato, disse:

— Não entendo de música, mas lince de "pull-over"... Francamente...

De fato, se bem que o compositor não possa ser responsabilizado por esse detalhe, que não está na partitura nem no libreto, não deixa de ser grotesco o espetáculo dos coristas do Municipal de coar, tonga, tacape e... "pull-over". Esses índios demasiadamente vestidos, porém, não poderiam competir com aquela cantora (lembram-se?) que, há poucos anos, cantou "O Escravo" com saia e porta-seios verdes e sapatos de salto alto da mesma cor. Essa lince, que esbanjou em excesso sua indumentária, tinha pelo menos o mérito de vestir um traje silencioso... Maria Helena Martins apresentou-se coberta de "boiangundans" choculhantes, contribuindo, dessa maneira, para uma nova orquestração da partitura...

Em todo caso não podemos protestar contra esses excessos sem sermos forçados a reclamar, por exemplo, árvores reais nos cenários, para não cair em contradição.

E' justamente por reconhecer em Maria Helena Martins um dos elementos mais valiosos da nossa cena lírica que tenho tido a preocupação de procurar as imperfeições que a impedem de nos dar, por enquanto, tudo quanto sua voz vem prometendo, desde o momento da estréia, com a mesma ópera que cantou este ano na Temporada Lírica.

Maria Helena tem uma voz de timbre agradável, volume e extensão incomuns. Não lhe falta, também, a desenvoltura necessária para dar relevo dramático aos personagens que interpreta, realçando as qualidades de sua voz. Por outro lado, entretanto, sente-se, perfeitamente, que ela ainda não explorou completamente os recursos de que dispõe. Também a emissão poderia ser melhorada. Aíás, quando Erich Kleiber convidou Maria Helena para uma visita a Buenos Aires, prometendo-lhe uma apresentação no Colón, ficou estabelecida uma condição: ela deveria submeter-se a um breve curso de aperfeiçoamento e adaptação. Artista de um discernimento invulgar, Kleiber soube louvar o talento de Maria Helena, percebendo, porém, que ela poderá fazer grandes progressos sob uma orientação segura.

Silvio Vieira já é um veterano. Não tendo uma oportunidade como a que agora é oferecida a Maria Helena, lutou sempre sozinho. E o que conseguiu foi uma vitória incontestável. Sua voz já não tem mais a frescura dos primeiros tempos; mostra-se, mesmo, um pouco cansada, mas Silvio sabe suprir essa falta com uma linha de grande artista cantando magnificamente. Sua interpretação é caracterizada por uma louvável sobriedade. Ele faz valer com inteligência e experiência que lhe deu um longo tirocinio.

Maria Augusta Costa reapareceu em "O Escravo", recobrada a segurança que lhe faltara, por um momento, durante a primeira representação de "Mignon". Voz limpa, de emissão fácil, atingindo as notas agudas com firmeza e suavidade.

Poderia repetir o que ficou dito sobre Silvio Vieira a respeito de Frederick Jagel, cuja voz já dá sinais de cansaço. Jagel, porém, mostra-se, em todas as ocasiões, um artista consciencioso. Dramatiza com discrição e consegue fazer com que esqueçamos os senões observáveis na sua voz com a sinceridade do seu canto. Especialmente feliz na "Norma", ele não desmereceu em "O Escravo".

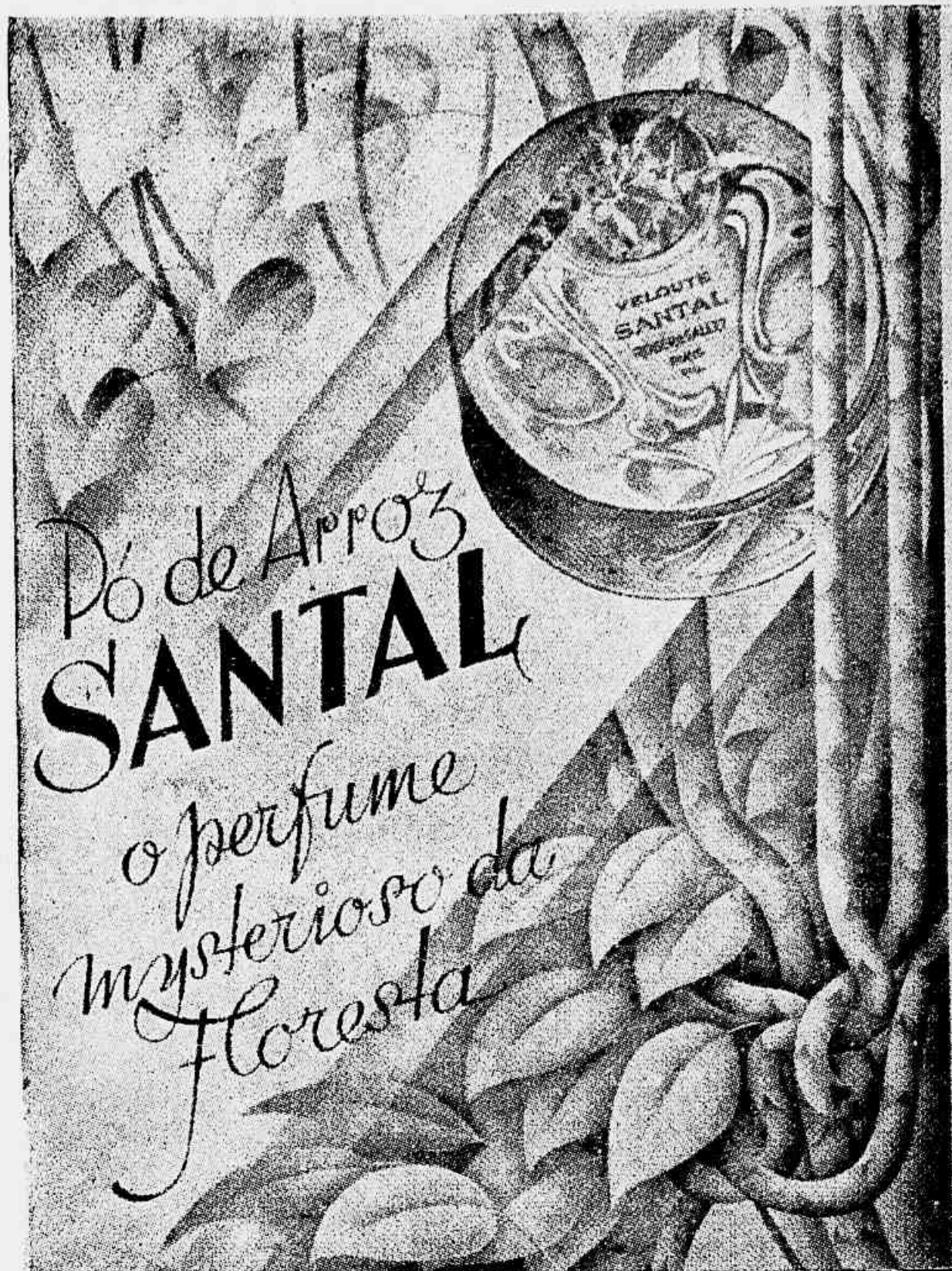
Destacarei, ainda, Américo Basso e Guilherme Damiano, que deram relevo aos seus pequenos papéis.

Não se pode dizer que Eleazar de Carvalho seja um regente minucioso, um regente que dá importância aos detalhes. Ele confia no vigor com que arrasta a orquestra, despertando o entusiasmo do público e tornando aceitáveis algumas incorreções.

"O Escravo", se bem que não tenha atingido o alto nível de outros espetáculos da temporada, também não desagradou. Muito aplaudidos, mesmo, foram o maestro, depois da famosa Alvorada, e Silvio Vieira, após a ária do 4.º ato.

ROBERTO LYRA FILHO.

Maria Augusta Costa, que tomou parte na Temporada Lírica, interpretando a Condessa de Coigny e Filina.



ROGER & GALLET

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULÁVEL

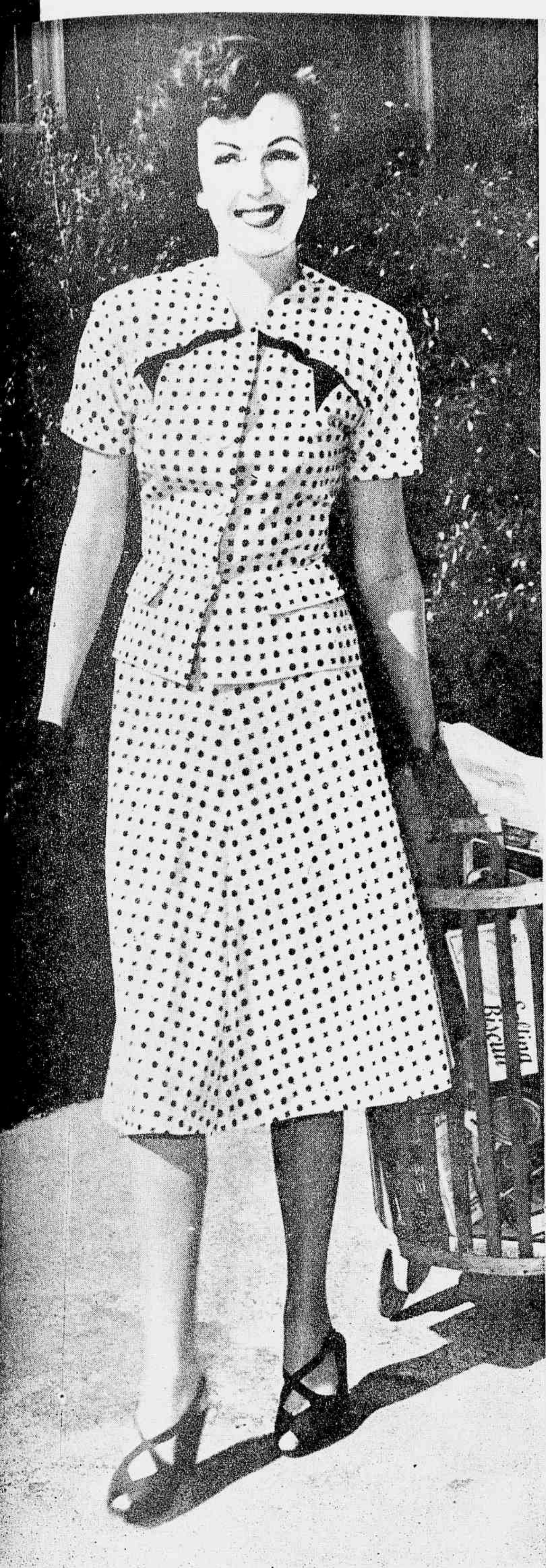


PRIMAVERA

22

Dolores Moran, da Warner, apresenta-nos um modelo em linho esponja, cuja originalidade são os grandes bolsos adornados de botões com as respectivas casas. A frente da blusa também abotoada, e as mangas de corte japonês. Grande capeline em palha Leghorn sombreia o rosto da elegantíssima figurante da Warner.





Eis aqui um modelinho singelo para as manhãs primaveris, confeccionado em tobralco branco pontilhado de preto. Veste o conjunto, com sua graça toda primaveril, a graciosíssima Frances Gifford, da Metro.



Em linho liso adornado com tiras de linho listrado, Frances Gifford aparece-nos nesta fotografia, depois de haver caminhado pelas ruas do seu bairro e ter comprado um jornal na esquina próxima de sua casa.

MEMNON, O FILÓSOFO, OU A SABEDORIA HUMANA

De VOLTAIRE

A Memnon, certo dia, meteu-se-lhe na cabeça ser um grande filósofo. Poucos homens há que não tenham, nesta ou naquela ocasião, concebido o mesmo projeto insensato. E diz Memnon de si para si:

"Se quiser ser um perfeito filósofo, e naturalmente gozar de perfeita felicidade, nada terei a fazer senão despir-me inteiramente de tôdas as paixões; e nada mais fácil, como todo o mundo sabe. Em primeiro lugar

jamais amarei, porque, quando avistar uma mulher bonita direi comigo mesmo: aquelas faces murcharão um dia; vermelhos e lacrimosos se tornarão aqueles olhos; flácidos, cairão aqueles seios, e aquela cabeça tornar-se-á calva. Isto é, bastar-me-á imaginar o que será ela no futuro, e certamente não haverá rosto bonito que me vire a cabeça.

"Em segundo lugar, serei sempre moderado. Em vão me tentarão seduzir com bom petisco, delicioso vinho, ou com os encantos da sociedade. Será suficiente que me figure as consequências do excesso, uma dor de cabeça, a indigestão, a perda de juízo, da saúde e do tempo. Comerei, pois, apenas para suprir os gastos da natureza; será sempre estável a minha saúde, e minhas idéias luminosas e puras. É tudo tão fácil de se fazer que mérito algum há em conseguilo.

"Mas, espere, diz Memnon, quase me esqueci de como regar a minha fortuna: meus desejos são moderados, minha riqueza está seguramente entregue ao Recebedor Geral das Finanças de Ninive: tenho com que viver independente e esta é a maior das bênçãos. Nunca me encontrei na cruel necessidade de bajular a corte; não invejarei ninguém, e ninguém me invejará; todavia, isto é fácil de conseguir. Tenho amigos —

continuou ele — e conservá-los-ei, pois não me farão diferença; não levarei a mal o que eles me disserem ou fizerem; e da mesma forma se comportarão eles comigo. E não há dificuldade neste particular.

Estabelecido desse modo o seu modesto plano filosófico, Memnon aproximou-se da janela e olhou para a rua. Viu duas mulheres que caminhavam sob os plátanos próximos de sua casa. Uma era velha, e parecia sentir-se bem jovem; a outra, bonita, parecia muito agitada: suspirava, e com tudo isso tornava-se ainda mais bonita. Comoveu-se o nosso filósofo, não, é claro, com a formosura da senhora (era forte sua deliberação de não se deixar levar por tais comições), mas sim com o desgosto que no rosto dela se estampava. Desceu a escada e interpelou a jovem ninivita, no intuito de levar-lhe o consolo da filosofia. A adorável criatura contou-lhe então, com ar de grande simplicidade, e de maneira afetuosíssima, as injúrias que sofria de um tio imaginário, da manha com que a despojara ele de seus bens imaginários, e das violências que fingiu sofrer. "Vejo ser o senhor — disse depois — homem de tamanha sabedoria que se condescender em seguir-me até à minha casa e examinar de perto minha situação, estou convencida de que me livrará dos cruéis sofrimentos de que sou vítima". Não hesitou Memnon em acompanhá-la, afim de filosoficamente examinar-lhe os problemas íntimos e dar-lhe o avisado conselho.

Conduziu-o a aflita senhora a um quarto perfumado, e polidamente fê-lo sentar-se com ela num largo sofá, onde ambos se colocaram em posição de conversa, um em frente ao outro, as pernas cruzadas; uma, ansiosa por contar a própria história, o outro, pronto para escutá-la com atenção devota. A senhora falou com os olhos baixos, dos quais uma ou outra vez deslizava uma lágrima, e quando ela se aventurava a erguê-los, se encontravam sempre com os do sábio Memnon. Cheio de ternura foi o discurso dela, e redobrava de meiguice toda vez que seus olhos se encontravam. Memnon acolheu em seu coração com excessivo ardor os lamentos da senhora, e a cada instante mais e mais inclinado se sentia a servir uma tão virtuosa e infeliz criatura. Aos poucos, com o calor da conversa, deixaram de sentar-se um diante do outro; aproximaram-se mais, e já não tinham as pernas

Ilustração de
JOSE ANTONIO



cruzadas. De tão perto a conselheira Memnon, e com tão suave exortação, que pouco depois não falavam mais de aflições e não sabiam o que tinham ido ali fazer.

Neste interessante momento, como bem pode ser imaginado, quem chegou senão o tio? Vinha armado da cabeça aos pés, e a primeira coisa que disse foi que sacrificaria imediatamente, como era justo, o sábio Memnon e a própria sobrinha; esta, que conseguiu fugir, conhecia-lhe a disposição para perdoar, e sugeriu se lhe oferecesse polpuda quantia. Memnon foi obrigado a comprar a própria liberdade com todo o dinheiro que possuía no momento. Naqueles dias se conhecia a felicidade da fácil libertação. A América não fôra ainda descoberta, e as senhoras aflitas não eram tão perigosas quanto o são as de hoje.

Coberto de vergonha e confusão, retirou-se Memnon para sua casa; lá encontrou um convite para jantar com um de seus amigos íntimos. Se eu ficar só em casa, pensou ele, ficarei todo o tempo a martirizar o espírito com estas tristes aventuras, não serei capaz de comer migalha, e acabarei doente. É prudente, pois, que eu vá ver os meus amigos e compartilhe com eles de um frugal repasto. Esquecerei, com os encantos da companhia deles, a tolice que tive a fraqueza de praticar hoje de manhã". E foi à festa; ali sentiu-se indispostos, e pediram-lhe para beber e pôr de parte os cuidados. Um pouco de vinho, bebido com moderação, conforta o coração de Deus e do homem: assim raciocinou o filósofo Memnon, e acabou embriagado. Depois da refeição, alguém propôs o jogo. Um joguinho com amigos íntimos é inofensivo passatempo. Jogou e perdeu tudo o que tinha na carteira, e quatro vezes mais, sob palavra. Em dado momento do jogo, surge uma discussão, os contendores se acaloram, e um dos amigos íntimos atira-lhe à cabeça uma caixa de dados, além de esmurrar-lhe um olho. Embriagado e miqueado, levam para casa o filósofo Memnon que sentia ainda o desfalecimento de uma visita.

Dorme ele a sua orgia, e quando sente mais lúcido o entendimento manda o criado à casa do Recebedor Geral das Finanças de Ninive, a fim de sacar pequena importância com que pretende pagar a dívida de honra assumida com os amigos íntimos. Volta o criado e diz-lhe que naquele mesmo instante fôra o Recebedor Geral declarado em falência fraudulenta, e que com isso tinham sido reduzidas à pobreza e ao desespero centenas de famílias Memnon, quase fora de si, põe um emplastro no olho e uma petição no bolso, e corre à justiça para pedir a interven-

ção do rei contra o falido. No palácio encontra-se com inúmeras senhoras em excelente disposição de espírito, saracoteando-se com colares de vinte e quatro pés de circunferência. Uma delas, que o conhecia, olha-o de soslaio e brada:

"Oh! Que monstro horrível!" E outra, mais bem relacionada com o filósofo, chega-se a ele com estas palavras. "Bom dia, sr. Memnon. Folgo em vê-lo tão bem disposto. Ah! como perdeu o olho, sr. Memnon?" E girando no calcanhar afastou-se sem esperar resposta.

Memnon escondeu-se num canto e esperou o momento de atirar-se aos pés do monarca. Chegou enfim o momento. Três vezes beijou o chão, e entregou o seu requerimento. Sua graciosa Majestade recebeu-o mui favoravelmente e passou o papel a um de seus sátrapas, para que lhe dissesse de que se tratava. O sátrapa agarra Memnon, leva-o para o lado e diz-lhe, com ar altivo e um arreganho satírico:

— Ouça, cara de um só olho, você deve ser um cachorro engraçado, sem dúvida, para dirigir-se ao rei em vez de a mim, e mais ainda por se atrever a pedir justiça contra um honesto falido, a quem protejo, e que é sobrinho da dama de companhia de minha senhora. Não se envolva mais neste negócio, meu bom amigo, se quiser poupar o olho que lhe resta.

Memnon, que havia pouco renunciara no seu quarto às mulheres, aos excessos da mesa, ao jogo e às controvérsias, e que especialmente determinara jamais ir à corte, no curto espaço de vinte e quatro horas fôra ludibriado e roubado por sedutor da dama, embebedara-se, jogara, numa querela perdera um olho, e comparecera à corte, onde o insultaram e maltrataram.

Petrificado de estupefação, o coração varado de mágoas, vol-

tou Memnon para casa, em desespero. Ia entrar, quando foi repellido por oficiais de justiça que lhe carregavam a mobília para compensação dos credores: deixou-se cair sob um plátano, quase sem vida. Encontrou aí a linda mulher da aventura matinal, a qual conversava com seu estimado tio; e ambos explodiram em gostosa gargalhada ao avistar Memnon com o emplastro. Caiu a noite, e Memnon preparou seu leito num monte de palha perto de sua casa. Atacou-o a febre intermitente, e ele adormeceu num dos acessos, quando lhe apareceu em sonho um espírito celestial.

Era todo resplandecente: tinha seis asas vistosas mas nem pés, nem cabeça, nem cauda, não havendo nada com que ele se parecesse.

— Quem és? — perguntou Memnon.

— O teu bom espírito — replicou-lhe a aparição.

— Devolve-me então o meu olho, minha saúde, a fortuna e o entendimento que perdi — implorou Memnon; e contou-lhe como tudo perdera em um só dia.

— São aventuras que nunca nos acontecem no mundo onde vivemos — disse o espírito.

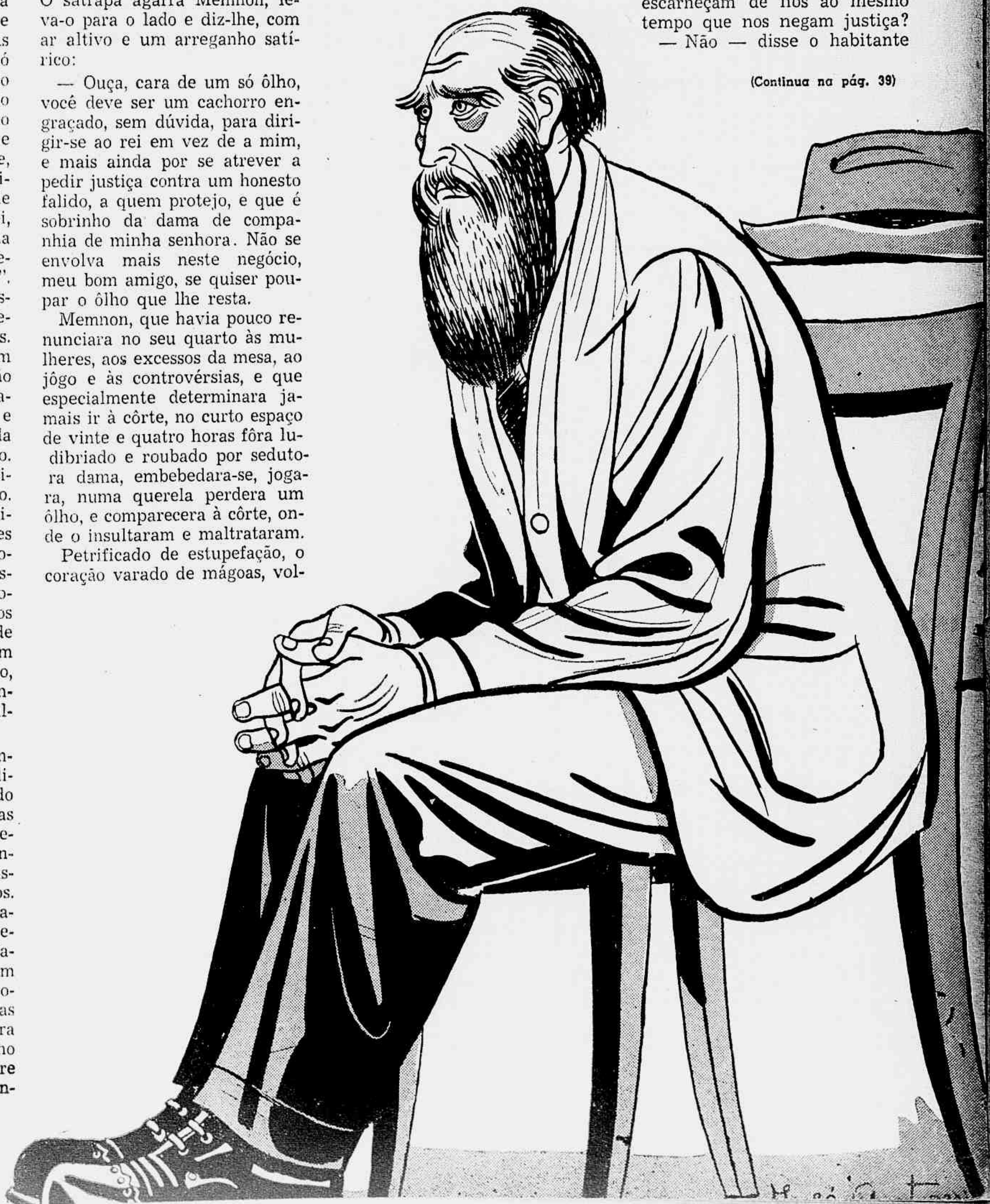
— E que mundo habitas? — perguntou o aflito homem.

— Minha terra natal — replicou seu interlocutor — fica a quinhentos milhões de léguas distante do Sol, numa pequenina estrela perto de Sirius que daqui se pode ver.

— Encantador país — exclamou o filósofo. — E não há realmente mulheres vis para enganar um pobre diabo, nem amigos íntimos que nos roubem o dinheiro e nos arranquem os olhos a murros, nem falências fraudulentas, nem sátrapas que escarneçam de nós ao mesmo tempo que nos negam justiça?

— Não — disse o habitante

(Continua na pág. 39)



ESCRAGNOLLE DORIA A BIBLIOTECA LEOPOLDINA

QUANDO em março de 1824 apresentaram a D. Leopoldina de Habsburgo Bragança um livro especial para que nele subscrivesse termo de juramento da Constituição do Império, a subscritora lançou no termo esta assinatura, de letra firme e clara:

"Maria Leopoldina, Imperatriz."

Popularmente simpatisada, popularmente chorada, D. Leopoldina honrou o título com o qual documentou o termo de 1824.

Quase três anos depois de por seu lado autenticar o termo de juramento constitucional, morria D. Leopoldina deixando órfão D. Pedro II mal saído de berço.

Da progenitora herdaria o filho o amor à esmola e ao livro. O amor de Pedro II à esmola, ao repartir com a pobreza envergonhada a que a nação lhe dava para representá-la, este amor e esta divisão reconheceu-os nobremente um decreto de Governo Provisório da República, logo ao inaugurar-se esta.

O amor de D. Pedro II aos livros não se o precisa dizer a ninguém, que à sociedade todos o sabem amigo da imensa família dos volumes, das brochuras, dos opúsculos, dos folhetos, das separatas, desses livros de folhas soltas de todo dia, os jornais.

Amiga de cultura, valendo-nos a sua presença no Brasil a de Spix e Martius, D. Leopoldina era dedicada às ciências naturais nelas prezando em particular a mineralogia. Tal dileção, por um retorno atávico, seria continuada pelo bisneto de D. Leopoldina, o príncipe D. Pedro de Saxe-Coburgo, fadado a promissora mocidade, a curso de vida desditoso e a fim sombrio.

Quem reverencia cultura não dispensa biblioteca. Uma fundou D. Leopoldina no palácio de S. Cristóvão. Antecipadamente maior, quando ainda poderia gozar liberdade de menor, levado a trono aos quinze anos, D. Pedro II encontrou na Biblioteca Leopoldina o fundamento da biblioteca que ele aumentaria em meio século de reinado.

Banido da pátria, mas não por ela, só um tesouro lhe ofereceu D. Pedro II, a sua biblioteca, continuação da materna.



IMPERATRIZ LEOPOLDINA
(1797-1826)

Biblioteca sem catálogo é um amálgama a desafiar descobridores tentos no procurar. Salvou-se do perigo a Biblioteca Leopoldina. Teve catalogador, conheceu ordem.

Parte do catálogo da Biblioteca Leopoldina é conhecida. Deu-a à estampa o Arquivo Nacional, em 1926, ao consagrar volume especial, de suas úteis "Publicações" em homenagem do primeiro centenário da morte de D. Leopoldina.

A parte divulgada do catálogo de sua biblioteca foi precedida no volume especial do Arquivo da seguinte explicação sem menção de autor.

"Publicamos pequena parte da biblioteca da imperatriz Leopoldina, para dar idéa da riqueza dessa biblioteca e das predileções intelectuais da excelsa senhora. A publicação total do mesmo catálogo, além de encarecer muito a presente publicação, viria retardar o seu aparecimento.

O catálogo é um códice de 181 páginas em letra muito meada e de difícil leitura por ser fino o papel e a tinta o ter delido.

Deve ter sido organizado pelo bibliothecario da imperatriz, Roque Schüch, que era também director do gabinete de Historia Natural de S. M.

Foi offerecido ao Arquivo Nacional, em 1921, pela Mesa da Camara dos Deputados Federaes, de cujo archivo fazia parte.

Restaurado e encadernado luxuosamente poderá agora afrontar o tempo.

Roque Schüch foi grande amigo do Brasil. No seu testamento, datado de 18 de Janeiro de 1829, determinou que se applicasse a quarta parte de terça de suas rendas para subvencionar um estudante que fosse ao estrangeiro aperfeiçoar-se nos conhecimentos de mineração.

Herdou-lhe as virtudes o notavel brasileiro Barão de Capanema, seu filho.

O Arquivo Nacional possui diversos manuscritos de Roque Schüch. A letra do Catalogo, confrontada com a desses escriptos, verificou-se ser muito differente. Naturalmente o Catalogo organizado pelo bibliothecario foi passado a limpo por algum copista de boa letra."

O catálogo da Biblioteca Leopoldina tem fôlha de rosto, a dizer, em francês:

"Catalogo

Dos Livros Que Se Acham
na Bibliotheca

Da

Sua Magestade A Imperatriz

Disposto Por

Ordem Alfabética de Obras

Rio de Janeiro. Anno 1825."

O catálogo de há cento e vinte anos não só indica os seus livros como até lhes fixa o preço na época. Fornece assim matéria para comparações monetárias, dando testemunho do ecletismo da biblioteca, na qual sem dúvida incluídos não poucos livros chegados ao Rio de Janeiro em 1817 com D. Leopoldina a desposório.

Na sua biblioteca havia pequena babel de linguas. Tanto na rumo de livros se podia encontrar o

Aufangs — Grunde der Italianischen Sprache como os: Annaes da Capitania de São Pedro pelo desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro.

Na Biblioteca Leopoldina obras de Linneu, atestando amor a ciências naturais, vizinhavam com um volume intitulado à longa:

Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural extrahido das obras de Linneu para facilitar a intelligencia dos mesmos e Memoria sobre a utilidade dos Jardins Botânicos por Domingos Vandelli. Coimbra. 1738.

Nas estantes da Biblioteca Leopoldina, Bossuet, o bispo de Discours Sur L'Histoire Universelle estava na companhia de Antonio Vieira e de uma edição da praticadíssima Arte de Furtar, em edição londrina de 1821.

De boa paz com as Campanhas do Muito Nobre Duque de Wellington ficavam dois volumes do Correio Brasiliense de 1821 e 1822, avaliados em 12\$800, o soldado feliz de Waterloo e por de Ipolito, e combatente de Independência.

Em pois estranha, em continente bem diverso do europeu, desejava D. Leopoldina recordar por figuras o país e o continente do seu nascimento.

Para recordar continente, valer-se-ia D. Leopoldina de livro de sua biblioteca, naquelas coleções vistas pitorescas da Suíça, da França e da Espanha, desenhadas do natural e gravadas em água-forte.

Com mais prazer evocativo, D. Leopoldina folhearia volume n.º 12 assim catalogado:

Colleção das Vistas dos Principaes Palacios, Igrejas, Edifícios Publicos, Chacaras e Jardins de Vienna.

A Biblioteca Leopoldina faltariam dicionários? Havia-os em cópia para resolver dúvidas linguísticas em vários idiomas, inclusive as da lingua alemã. No caso, D. Leopoldina chamaria a si, por exemplo, obra impressa em Leipzig de 1812, o Dicionário Teuto-Português de João Daniel Wagener.

Mais um dicionário da Biblioteca: o de Moraes e Silva, 3.ª edição, pronto a esclarecer, à clássica, dúvidas linguísticas em português. Para as dúvidas em francês apresentava-se o Dicionário da Academia Francesa de multiplicados quarenta mortais.

Com parentes e amigos costumava D. Leopoldina corresponder-se em alemão ou francês, e às vezes em português.

Uma carta de D. Leopoldina assim começa:

"Meu querido Marquez.

Segundo o seu desejo vou escrever-lhe como Brasileira em nossa amada lingua portugueza."

Destinatário da missiva era D. José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, nobiliárquica e abreviadamente marquês de Marialva, o embaixador extraordinário insubido de pedir a Francisco I a mão da filha Leopoldina para noiva e mulher de D. Pedro, príncipe real do Reino Unido de Portugal e dos Algarves.

No volume votado pelo Arquivo Nacional a D. Leopoldina, encontram-se desta várias cartas anotadas por A. M. K.

São iniciais do nome do dr. Alexandre Max Kitzinger, tão modesto quanto ilustrado funcionário do Arquivo Nacional e digno da mais saudosa memória.

Já dissemos a parte publicada do catálogo da Biblioteca Leopoldina precedida de explicação.

Declarou esta ter sido o Catálogo da Biblioteca Leopoldina offerecido ao Arquivo Nacional pela Mesa da Camara dos Deputados em 1921; o documento provindo do Arquivo daquela Camara.

Complete-se aqui a informação de 1926.

Quem em 1921 dirigia o Arquivo Nacional sabia o catálogo da Biblioteca Leopoldina incluído na debandada de livros e papéis em dispersão na subsequência do advento da República no Rio de Janeiro.

Conhecido o paradeiro do catálogo da Biblioteca Leopoldina, cumpria ir-lhe em busca. Assim fez o Arquivo Nacional, autorizado a solicitar de repartições públicas ora de poderes do Estado quanto em lembrança do passado histórico pudesse interessar a natureza e os fins do Arquivo.

Dirigiu-se este ao presidente da Camara dos Deputados para cessão do desejado catálogo.

Presidia à Camara o deputado mineiro Bueno Brandão.

Inteirado da pretensão do Arquivo, mostrando desde logo compreensão da mesma, sobre toda boa vontade, prometeu o presidente Bueno Brandão levar pedido do Arquivo ao conhecimento da Mesa da Camara, no parecer o documento solicitado de maior significação no Arquivo Nacional do que no Arquivo da Camara. Já tinha este muito precioso para a história do poder legislativo encaregado outrora de fiscalizar governos e pedir-lhe contas anuais.

A Mesa da Camara de 1921 anuiu ao desejo do Arquivo Nacional, a catálogo da Biblioteca Leopoldina a enriquecer a sua Secção Histórica repleta de passado.

Fica deste modo completada a pequena história da presença do catálogo da Biblioteca Leopoldina nas coleções do Arquivo Nacional, lembrados os que ajudaram a transferir-se lá vire e quatro anos.

E sempre sempre para justiça.



Primavera!

A primavera é uma ressurreição! No ápice das florestas e das cordilheiras, na ansiedade das correntezas e no tumulto dos mares, no infinito das planuras, no sutilíssimo arfar das plantinhas humildes e no arrepio luminoso dos lagos; em toda a Natureza perpassa um frêmito misterioso, e todas as coisas se agitam e se renovam numa ebbriez divina, sorvendo, na taça imensa e milagrosa da Primavera, um elixir de Vida e de Alegria!



O coração dos moços dilata-se, numa sofreguidão gigantesca, ansiando por acolher em seu âmbito todos os prazeres e todos os amores que desabrocham ao fecundo e prodigioso influxo da Primavera. E os velhos como que revivem e se inebriam ao perfume do Passado que a Primavera derrama nos seus corações.

A mocidade tem vinho nas veias e um sol no coração; e a velhice embriaga-se no delírio das evocações!...



Nas manhãs radiosas da Primavera o dia mal desperta e logo estende a carícia colorida para o seio da terra que o aguarda tremente e à vida de amor. E nas tardes iluminadas a passarada, em seu adejar irrequieto, escreve, com os hieroglifos do vôo, a história de seus amores na lousa do céu azul. E nas noites profundas o céu é como um imenso e misterioso coração que sofresse e palpitasse apunhalado de estrêlas. E, nos jardins e nas matas, cada pétala e cada fôlha que caem são as páginas do livro sagrado que a Primavera folheia celebrando no altar da Natureza o seu esplêndido ritual.



Sacerdotiza coroada de estrêlas, a Primavera abre para o mundo os seus braços, onde o Sol enfiou as mais rútilas pulseiras, e o mundo mergulha no seu carinho que renova, que alimenta e que inspira. E a Primavera estreita ao colo enflorado a terra bêbeda de vida, e a terra inteira se entrega a êsse amplexo de Sonho e de Ilusão! E o mundo se reergue em um novo hausto ao influxo dessa vertigem, e a Arte e a Poesia como que renascem dessas núpcias da Primavera, na mais gloriosa das renovações!

A MODA E A PRIMAVERA

A Primavera tece um hino ao Creador, arrancando à escala dos sons e tons das paisagens os acordes e o desenho que a própria Natureza traça e executa com a voz dos pássaros, com o cício da brisa, o arfar das folhagens, o murmúrio das vagas e o colorido das auroras, dos crepúsculos e dos plenilúnios. E, como as deusas de outras éras, as mulheres organizam, com o seu conjunto de elegância e de beleza, uma guirlanda de harmonia e de perfumes, para a glorificação da Primavera, que por sua vez embala as almas femininas em novos sonhos e em novas ilusões.

Os guarda-roupas se renovam e é como se as flôres humanas desabrochassem em novas pétalas e em fôlhas verdejantes para a promessa risonha da Primavera, que surge nas asas brancas da Paz!

E os tecidos de seda aparecem com estamparias inspiradas em motivos musicais simbolizando o anseio que domina as criaturas: o desejo de entoar todos os cânticos de vitória, que andam esparsos pelo mundo nesta hora triunfal!

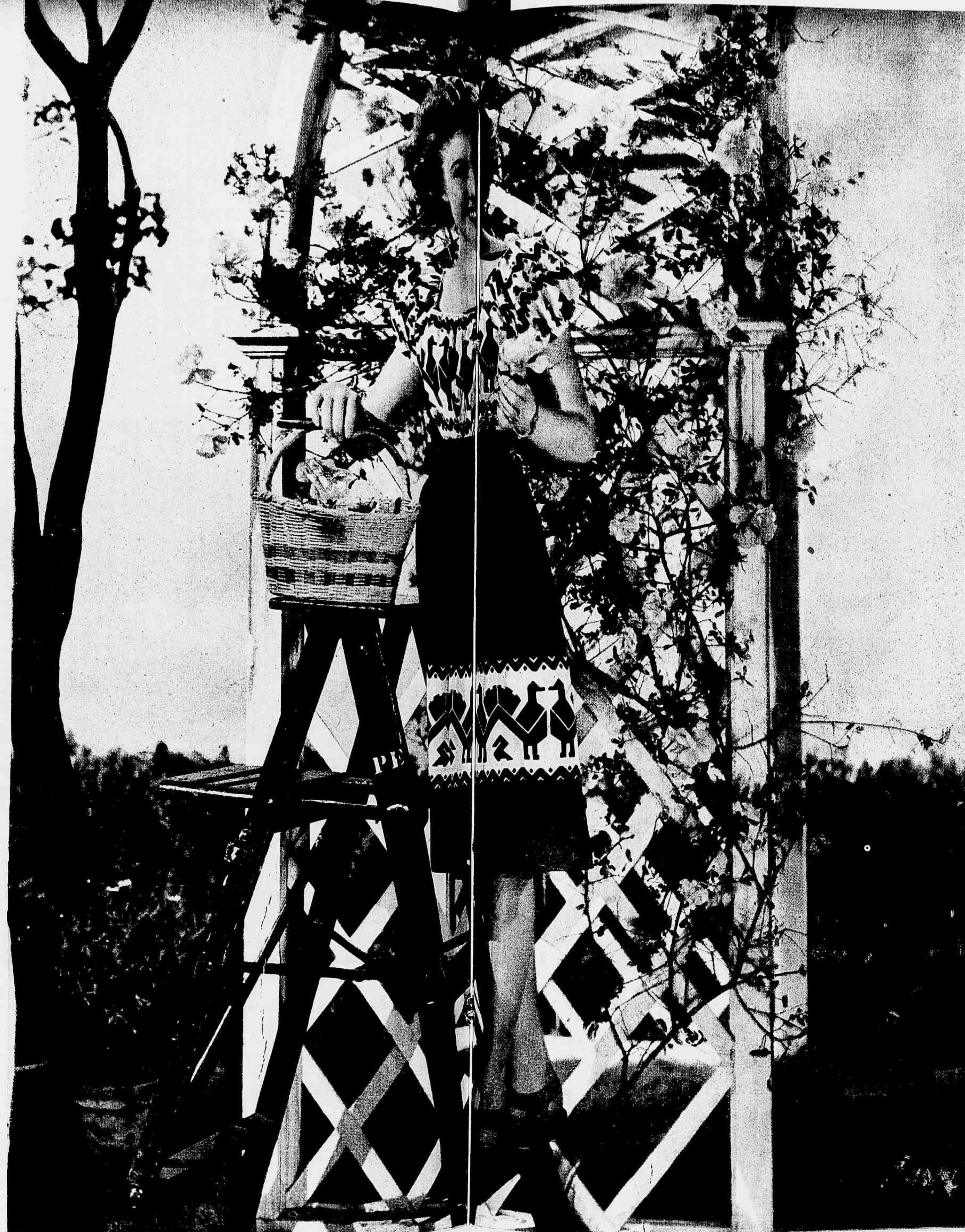
E aqui temos Alexis Smith apresentando-nos três modelos em estilos diversos, confeccionados com tecidos em cuja estampa se entrelaçam os desenhos musicais.

ALEXIS SMITH (Warner)





Vestido para as tardes risonhas da Primavera, em crepe rayon turquesa, estampado em florinhas vermelhas. Na saia uma pequenina túnica em forma de avental. Uma auréola de flôres emoldura o lindo rosto de Lina Romay e completa a graça do conjunto.



LARAINÉ DAY, a linda "estrela" da Metro, nos apresenta três conjuntos encantadores. **À esquerda** — Para os passeios campestres, tão necessários à saúde do corpo e ao equilíbrio do espírito, aí têm as nossas leitoras uma esplêndida sugestão. Rayon liso e rayon estampado compõem o traje leve e gentil que ela ostenta com uma graça toda juvenil. **Ao centro** — Numa própria encarnação da Primavera, Laraine Day aqui nos aparece entre flôres e colhendo flôres. Seu traje, com um acentuado aspecto mexicano, é uma esplêndida sugestão para um vestidinho de praia. Mangas fôfas, decote quadrado em estilo cigano, e a saia ligeiramente franzida. **À direita** — Aqui está elegantíssima, num vestido em crepe estampado cuja saia tem um corte bastante original. Luvas longas e negras e sapatos de camurça preta completam a graça do conjunto.



À ESQUERDA — Chapéu em palha brilhante, brincos dourados em forma de rosas, vestido de feição bastante simples num tecido vistoso de ramagens coloridas. Luvas de cano longo cujo tom se casa ao que predomina na estampa do traje. Eis o conjunto com que Lina Romay, da Metro, aparece, lindíssima e elegante, nesta fotografia. À DIREITA — Eleanor Parker, da Warner, num vestido de seda espessa, cujo talho se reveste de uma elegância sóbria e absolutamente distinta, sorri às nossas leitoras, com o seu lindo rosto emoldurado por uma touca esplendidamente bizarra, que se compõe de tufo de violeta, harmoniosamente arrumados, e uma espécie de capus, que lhe cai até os ombros num movimento ligeiramente "godel". Uma encantadora sugestão para uma ida ao casino, este chapeuzinho engraçado de Eleanor.



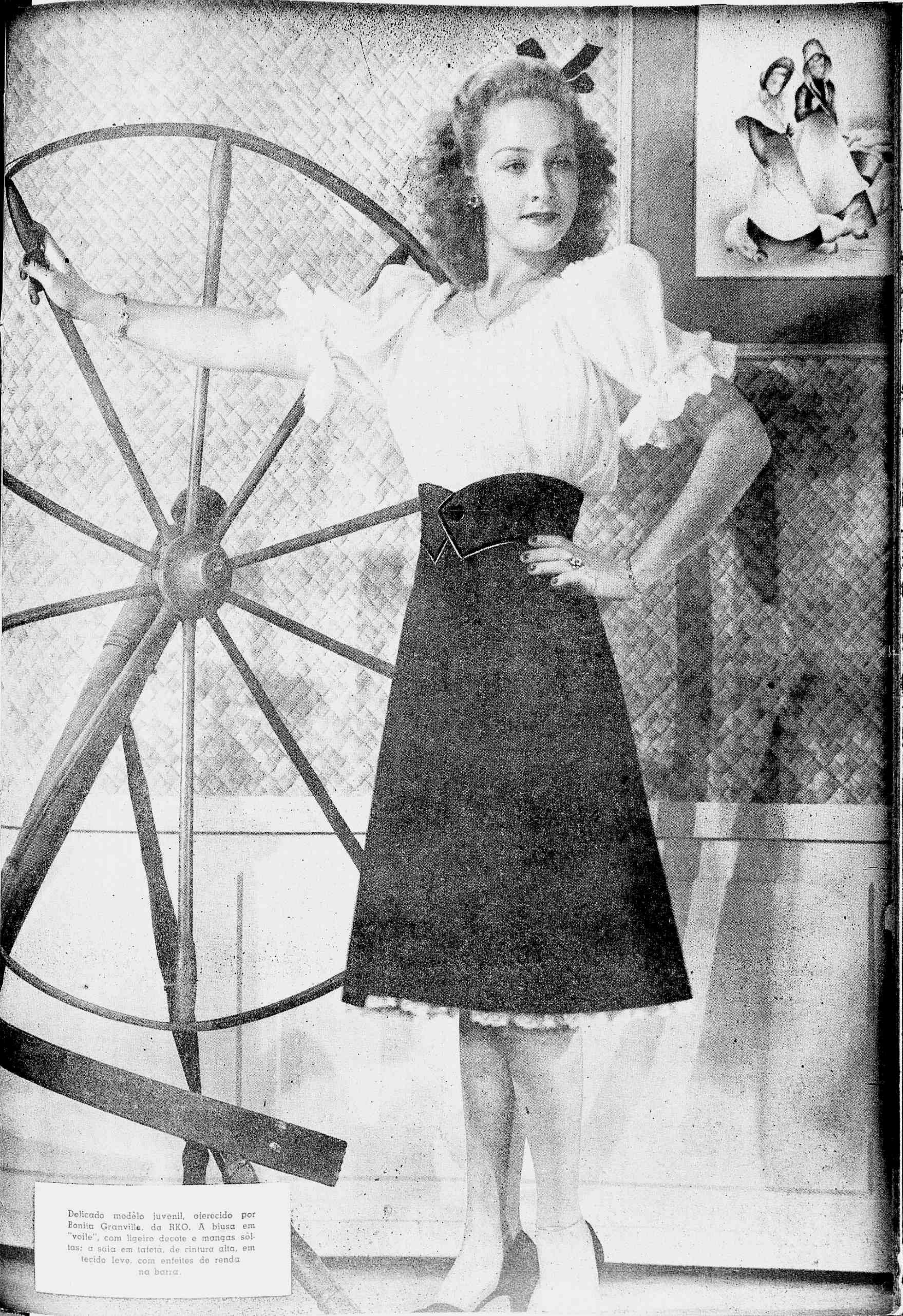
Observem as nossas leitoras a originalidade sóbria desta esplêndida "toilette" de Marsha Hunt, da Metro: confeccionada em seda branca encorpada, mangas de talho japonês, graciosamente abotoada de lado, decote em V. Todo o pitoresco d'êste traje reside no bordado em estilo pele-vermelha. Luvas de cano longo em suedine branca; sapatos brancos com friso vermelho. Ao lado, sôbre o sofá, o chapelão em palha grossa arrematada por uma fita vermelha.

Dolores Moran oferece-nos nesta graciosíssima pose um modelo esplêndido, a ser executado com tecido listrado em três tons. A linha artista da Warner está simplesmente encantadora nesta "toilette", que evoca os trajes mexicanos no leito e na mistura dos tons.



Jane Harker, da Warner Bros., aqui está com um elegantíssimo vestido negro cujo bordado em círculo lhe dá uma nota sóbria e interessante. Um ramo de cravos brancos alegria o decote, e o chapéu, em estilo "canotier", é graciosamente circundado por um véu.





Delicado modelo juvenil, oferecido por Bonita Granville, da RKO. A blusa em "voile", com ligeiro decote e mangas soltas; a saia em tafetã, de cintura alta, em tecido leve, com entfeites de renda na barra.

CHAPÉUS COM UM NOME Stetson



Interpretados na

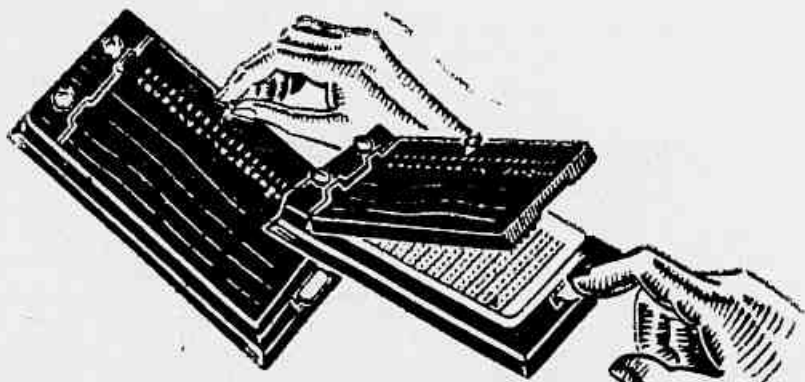
América

desenhos e cores

criados por Stetson. Importação direta.

CADA MODELO STETSON
É UMA CRIAÇÃO DIFERENTE.
NÃO HÁ DOIS IGUAIS

1005



SEUS ENDEREÇOS
À SUA MÃO...
COM O ÍNDICE "LIST FINDER"

Controle com a ponta do dedo... Abre-se a um toque, em qualquer letra, 1380 espaços para números de telefones, nomes, preços, tabelas, fórmulas, listas de freqüências e muitos outros usos, V S. poderá encontrá-los imediatamente. Ricamente acabado. Blocos facilmente trocáveis. Uma necessidade nos escritórios e nos lares. Um presente perfeito para cavalheiros e damas.

Corra o indicador para a letra desejada, aperte a mola e... pronto! V S. a tem.



Ideal para propaganda, com o nome de sua firma, produto ou marca, e preços especiais. Peça-nos informações, sem compromisso.

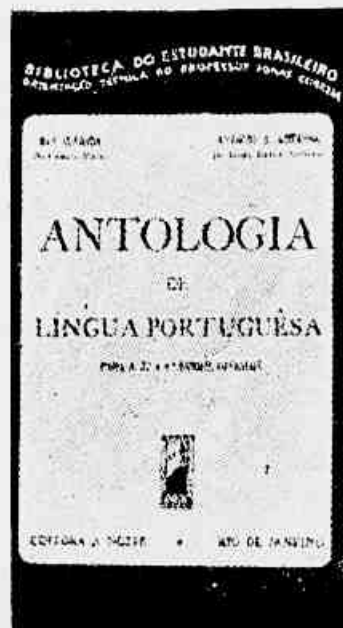
THE BATES MFG. Co.,
NEW YORK, USA.

Rep.: Rogerio Guerra & Cia. Ltda.
Rua Teófilo Otoni, 64/66 — RIO



Libros

ANTOLOGIA DE LINGUA PORTUGUESA, organizada e anotada por Antônio J. Chediak e Rui de Almeida — Editora "A Noite" — Rio de Janeiro, 1945.



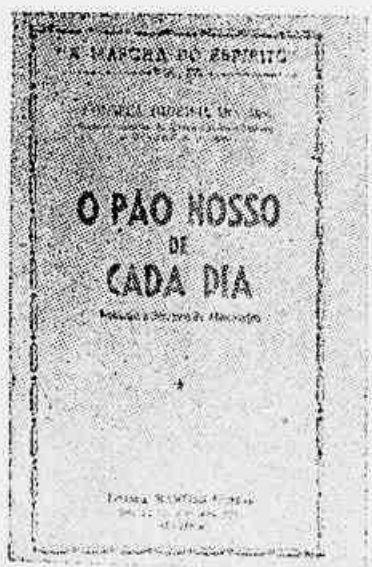
Este livro, que vai a quatrocentas e vinte páginas, especialmente se consagra aos estudantes da terceira e quarta séries ginasiais. Quer, portanto, a escolha das matérias quer a maneira como são apresentadas obedecem a um plano oficial, visam uma finalidade de programa.

Por isso mesmo não foram observados outros preceitos, alguns dos quais sempre se respeitam nas publicações do gênero. Não se seguiu, por exemplo, a ordem cronológica dos autores. O volume abre com Ronald de Carvalho, falecido há pouco mais de dez anos, fecha com João de Barros que viveu há quatro séculos; e, entre brasileiros como entre portugueses, anda para trás ou para diante, conforme exigem ou por melhor conveniência solicitam as necessidades escolares. Também se não procedeu a rigorosa seleção quanto ao esmero ou à pureza da linguagem. E este senão é muito mais grave, de consequências muito mais funestas do que modernamente se pensa ou se finge acreditar. Pelo menos, Deus do Céu, que se não ensine a juventude às avessas da nobre significação do verbo — isto é: a errar! Proporcione-se a todos os estudantes os elementos necessários para bem falar e escrever; os que, mais tarde, por vaidosa independência, propósito sensacional, questão de regionalismo ou qualquer outro motivo, quizerem abandonar quanto aprenderam, procederão deliberadamente e por sua conta. *Grand bien leur fasse!* Bom proveito! Mas os verdadeiros educadores olharão extravagâncias e desacertos com a consciência de terem cumprido o seu dever.

Não importam estas considerações em censura positiva aos organizadores da presente Antologia. De certo eles estudaram, procuraram a melhor maneira de alcançar o seu fim. Deixaram talvez passar alguns inconvenientes, pela impossibilidade de os remover sem incorrer em desvantagens piores. E, quanto ao vulto do seu trabalho e ao sapiente esforço que ele exigiu, não pode haver sombra de dúvida.

Da coletânea faz parte uma série de cartas íntimas de escritores ilustres: Álvares de Azevedo, Camilo Castelo Branco, Euclides da Cunha, Jackson de Figueiredo, Varughen, Olavo Bilac, Sousa Bandeira, Tavares Bastos, Gonçalves Dias, Almeida Garrett — para só falar dos mortos. Algumas dessas epístolas estão pouco divulgadas; e todas são curiosíssimas.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA, advertências e conselhos sobre alimentação, por Fonseca Ribeiro — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1945.



Quem é que sabe comer? Quasi ninguém. Em geral, a gente procura, para se alimentar, aquilo de que mais gosta e não aquilo que mais lhe convém. Os seres que consideramos irracionais não precisam de dar atenção a tal problema. Principalmente, se não exclusivamente, lhes apetece as iguarias que melhor lhes vão, quer às condições normais do organismo quer a um estado de saúde ocasional ou particular. E não transigem. Não procedem como nós, perdendo "o mal que lhes faz pelo bem que lhes sabe". Nesse sentido — como em tantos outros — poderia o seu chamado instinto dar lições à nossa pretensa inteligência. Nós é que, com certeza, não as aproveitamos.

O Sr. Fonseca Ribeiro, catedrático de química orgânica e biologia da Universidade de São Paulo, desenvolveu pelas duzentas páginas do presente volume a missão de nos orientar do ponto de vista da alimentação, salvando aqueles de nós que porventura ainda não estejam irremediavelmente perdidos. Pela boca morre o peixe, diz o axioma secular. O autor do presente livro dá a esse conceito uma variante não menos pitoresca — nem menos fúnebre — asseverando que com os dentes cavamos a nossa própria sepultura. Trata, assim, de nos assustar, para que mais atentamente lhe consideremos os ditames de mestre na matéria. Começa por nos bradar "cautela!" e em seguida nos indica a espécie de caldo de galinha que deve dominar nas nossas refeições. A respeito de vitaminas dá-nos o mais minucioso relatório. Aqui as encontramos todas, com a designação alfabética, todas as propriedades, todas as aplicações. E, passando do laboratório para a cozinha, o Sr. Fonseca Ribeiro nos revela a maneira de escolher carnes, farinhas, legumes, frutos e as condições em que tudo deve ser preparado ou acondicionado para de cada coisa tirarmos o possível proveito.

"O propósito deste livro — diz, em resumo, o autor — é o de ensinar o homem a comer melhor. E, para realizar essa finalidade, parece-nos mais razoável ensinar principalmente as donas de casa, porque a elas compete a difícil atribuição de dirigir e supervisionar o próprio lar. Nem devem elas se esquecer da veracidade dum provérbio nórdico: o amor entra pela boca; que não se descuidem, pois, de uma boa nutrição, agradável e salutar, para não perderem o objecto do seu amor, ainda que não temam o exemplo de Confúcio, que se divorciou porque a mulher não lhe preparava a contento a alimentação."

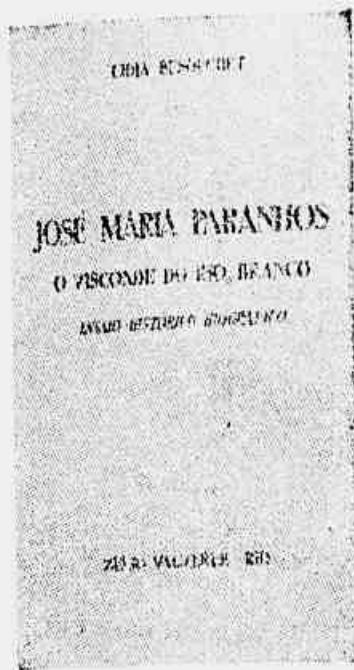
A' MARGEM DO AMAZONAS — Aurelio Pinheiro — Editora Universal.



Muito se tem falado e escrito sobre a grandeza amazônica, mas nenhum escritor conseguiu reunir tantos conhecimentos e tantas informações preciosas como o sr. Aurelio Pinheiro. Manejando um estilo elegante e uma prosa fácil e agradável, vai-se até o fim do livro com uma emoção em cada página, uma sensação nova em cada capítulo. O seu autor viveu muitos anos na "gleba tumultuária" e com o olhar sempre atento pôde absorver toda a estranha imponência da selva e gravar o tumulto das águas arrastando tudo, devorando tudo. Encontra-se ainda em *A' margem do Amazonas* uma poesia singular, quando lemos a história tocante da *Vitória Régia* e subimos ao sétimo céu da emoção quando aparece a descrição empolgante do jacaré ou a pesca do pirarucu. E, enfim, uma preciosa contribuição ao conhecimento da ampla região brasileira do Extremo Norte, destacando-se tanto pelo mérito literário como pelo valor científico.

Novos

JOSÉ MARIA PARANHOS, VISCONDE DO RIO BRANCO, ensaio histórico-biográfico por Lúcia Besouchet — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1945



É mais uma das obras da Sra. Lúcia Besouchet publicadas primeiramente em castelhano. E até agora se pode dizer que se trata duma escritora tão conhecida na Argentina como no Brasil ou ainda mais. Assim a lista das suas obras inclui *Diez escritores del Brasil*, *Maud y su época*.

Desarrollo industrial del Brasil, edições de Buenos Aires e todas elas esgotadas. O presente livro apareceu na capital portenha em 1944, lançado pela casa Viau. E sabemos que o seu êxito foi considerável.

A tendência do espírito e as exigências do gosto tem encaminhado, até hoje, a Sra. Besouchet para este ramo literário quanto mais explorado tanto mais rico de material de trabalho e mais variado em sugestões sobre a maneira de ser exercido. A bibliografia do gênero avultou extraordinariamente nos últimos tempos. Romancistas de fama, consagrados poetas o adotaram com um entusiasmo novo e novo sonho creador. Antes da guerra, multiplicavam-se no teatro parisiense as reconstituições históricas, sob as formas de poema dramático, drama propriamente dito, alta comédia. E, dentro da biografia, se esta-

beleceram diferenças que vão da documentação rigorosa, escrupulosa, com o cuidado extremo de se não incorrer, pelo interesse da narrativa ou a sedução do estilo, em qualquer defeito que signifique afastamento, até à variante "romanceada" que justifica — pelo menos, assim os autores entendem — todas as liberdades e todas as invenções.

A biógrafa Lúcia Besouchet toma a sério o seu mister, abstenendo-se doutros meios que não sejam a revelação dos fatos ou o seu confronto e algum sizado comentário. No presente volume, de vasto formato e mais de duzentas e cinquenta páginas, segue aquela grande individualidade em todos os aspectos, todas as expressões e, por assim dizer, dia a dia. O primeiro capítulo intitula-se "Infância e juventude", o segundo "Início na vida pública". A terceira parte, a penúltima da obra, trata desenvolvidamente de matéria menos conhecida ou, antes, pouco vulgarizada apesar de tão importante: a figura e a influência de José Maria Paranhos na Maçonaria. Tal vulto e tal prestígio caracterizaram a sua ação de "pedreiro livre" que, na página consagrada ao falecimento do Visconde do Rio Branco, Angelo Agostini o desenhou, ao lado da estrela alusiva à Lei do Ventre Livre, empunhando o martelo simbólico de grão-mestre e em atitude de quem não preside simplesmente uma sessão maçônica mas, em verdade, domina e orienta uma instituição.

Sem nenhuma razão para abandonar o caminho até agora percorrido, a Sra. Besouchet nos promete três livros de ficção novelesca. Como tantos novelistas passaram a historiôgrafos, chegou-lhe a vez de fazer o contrário. E talvez venha a conciliar os dois gêneros, quem sabe?



NASCIMENTO E MORTE DO SOL, exposição científica por George Gamow, tradução de Monteiro Lobato. — Livraria do Globo, editora — Porto Alegre, 1945.

Nascimento e Morte do Sol

GEORGE GAMOW

TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

1945

Cyrano de Bergerac andou pelo sol e pela lua como nós por nossa casa. Serenamente percorreu os dois astros, contemplando-os e estudando-os em todos os aspectos e particularidades. Não encontrou, nessa dupla excursão, obstáculos superiores aos que se depararam a um repórter de hoje no país mais civilizado e hospitaleiro. As dificuldades que aos excursionistas vulgares impediriam de dar um passo sequer nas regiões solares ou lunares, êle as removeu, sorrindo, a golpes de espada ou com a esgrima da imaginação. E foi assim que pôde escrever a *História cômica dos estados e impérios da Lua e do Sol*.

Não consta isto, exatamente, do poema dramático de Edmond Rostand, mas está nas enciclopédias. Depois de Cyrano, muitos autores tem realizado ou, antes, feito realizar aos seus personagens a travessia dos espaços, que leva a Diana ou a Apolo. A filha de Júpiter tem recebido muito mais visitas do que o irmão — ou não fosse ela uma senhora. E entre essas homenagens notavelmente figuram as que veem narradas em *Da Terra à Lua*, de Jules Verne, e *Os primeiros homens na lua*, de G. H. Wells. Mas o cientista

George Gamow, professor de física teórica da George Washington University, bem superiormente deve sorrir dessas concepções. É que não mandou ninguém em seu lugar, como fizeram Verne e Wells. Como Cyrano, foi pessoalmente ao Sol; e, em vez da inspiração poética e da veia cômica do antecessor, levou os instrumentos de observatório e de laboratório que lhe permitiram compor, não apenas livro para fazer sorrir, mas uma série de lições com que desbastar ou atenuar a universal ignorância dos homens.

"Como surgiu o sol? O que o conserva aceso e luminoso? Qual o seu destino final?" Assim o livro começa, dirigindo aos leitores três perguntas essenciais. A maior parte deles, está claro, apanhados em plena incompetência, não respondem coisa alguma. O mestre, porém, não se limita, como em tantas aulas oficiais, a marcar-lhes zero. Considera-os com benignidade, e passa a revelar-lhes metódica e minuciosamente a matéria. É uma biografia do sol. E nada romanceada, à maneira moderna de tais trabalhos. A história vem realmente dos tempos em que o sol — como o imposto em Roma, segundo aquele lente de Direito — começava por não existir. O doutor Gamow no-lo mostrando em todas as fases possíveis de distinguir do seu crescimento ou intensificação. Faz-nos contemplá-lo, sem vidros fumados e sem nenhum constrangimento, em períodos nos contemplá-lo, sem vidros fumados e sem nenhum constrangimento, em períodos comparáveis à infância, adolescência, maturidade, decrepitude, morte. A visão e a previsão se correspondem com impecável nitidez. Até à morte, sim. Já outros sábios nola haviam assegurado e o autor deste livro a confirma, irrefutavelmente. O sol tem que morrer. Tranquilizemo-nos, porém: não será para os nossos dias. J. L.



O MUNDO E SUAS MARAVILHAS

Editora Anchieta S. A. S. Paulo, 1945. — Recebemos da Editora Anchieta uma coleção da série que, sob a título acima referido, acaba de lançar.

É, por assim dizer, uma enciclopédia popular em pequenos volumes, alguns ilustrados porém todos muito interessantes, sobretudo pela simplicidade da linguagem. Temos em mãos 13 volumes, entre os quais destacamos: "Insetos Amigos e Inimigos", "Ouvindo os Fios Elétricos", "História da Terra", "O Romance do Mar", "Os grandes Cavaleiros Cósmicos", etc.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



PERFUME QUE LEMBRA CARÍCIAS INESQUECÍVEIS...

AGUA DE COLÔNIA - TIPO RUSSO

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE



Brilhe com o brilho dos seus metais!



Brasso
— DÁ BRILHO AOS METAIS!

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

Zande

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campa

ALIMENTA A PELLE - CONTRA AS RUJAS
A VENDA EM TODA A PARTE

PARA VIAGEM



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO



PREFIRA
AGUA DE COLONIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLONIA CLÁSSICA



Rion



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVENDER



Aqui está Frances Gifford, a elegantíssima figura da Metro, apresentando-nos um conjunto em duas peças em tecido de algodão quadriculado cinza-pérola. Blusa em seda lavável branca, luvas e sapatos brancos. Chapéu em "laise" de palha.

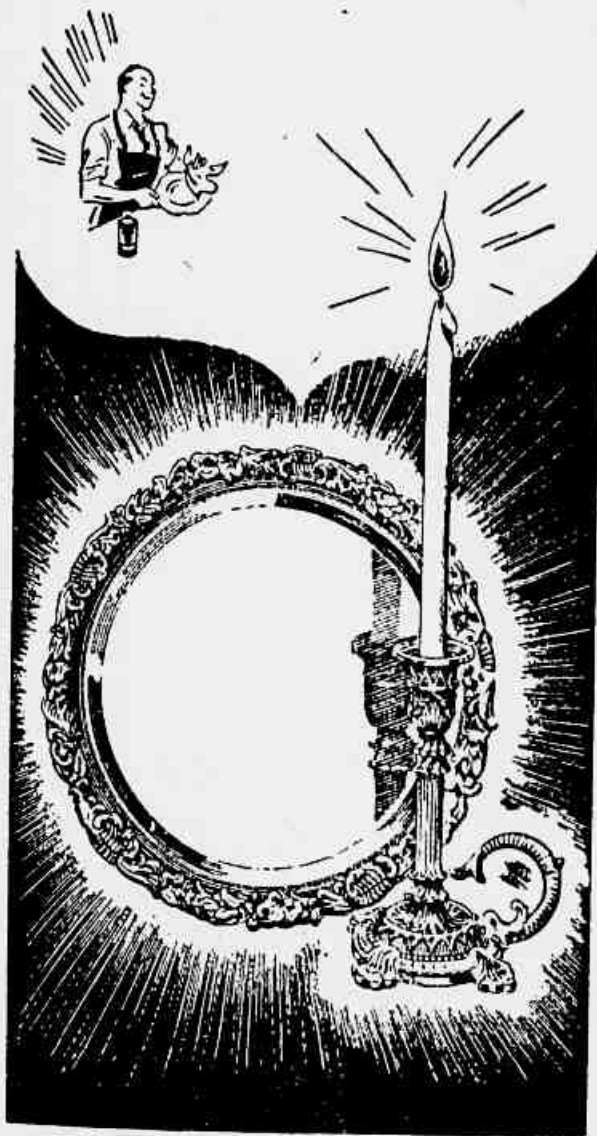
Memnon, o filósofo, ou a sabedoria humana

(Continuação da pág. 25)

da estrêla — nada disso que falaste temos lá; as mulheres não nos ludibriam, porque as desconhecemos; à mesa não cometemos excessos, porque jamais co-

Use

o que usam
os melhores
joalheiros
para limpar
sua prataria!



memos ou bebemos; não sabemos o que são falências, porque não possuímos ouro nem prata; nem nos podem arrancar os olhos a bofetões porque os não temos, como os teus; e, por sermos todos iguais, não existem lá sátrapas que nos façam injustiças.

Por favor, anjo meu — intervem Memnon — sem mulheres e sem comer, como passais o tempo?

— A vigiar — disse o gênio — os outros mundos que nos são confiados; e eu aqui estou para consolar-te.

— Ai de mim — lamentou-se o filósofo — por que não vieste ontem, para impedir que eu praticasse tanto dispaupério?

— Estive com Hassan, teu irmão mais velho — replicou a celestial criatura. — Ele merece muito mais piedade do que tu. Sua Majestade benevolentíssima, o Sultão das Índias, em cuja corte ele tem a honra de servir, mandou-lhe arrancar os dois olhos por insignificante indiscrição; e está agora num calabouço, mãos e pés cobertos de grilhões.

— E' de fato uma felicidade — disse Memnon — ter-se na família um gênio bom, quando um irmão é cego de um olho, e outro de ambos: um a dormir na palha, jogado o outro num calabouço.

— Tua sorte mudará — declarou o animal da estrêla. — É verdade que nunca mais recobrarás a vista, mas, afora isto, serás suficientemente feliz se tirares da cabeça a idéia de ser filósofo perfeito.

— E' isto, então, coisa impossível? — indagou o outro.

— Tão impossível quanto a sabedoria perfeita, a força, o poder ou a felicidade perfeitos. Nós, ao menos, estamos longe disso. Há em verdade um mundo onde tudo é possível; mas nos cem mil milhões de mundos dispersos no espaço tudo caminha gradualmente. Há menos filosofia e menos prazeres no segundo que no primeiro, menos no terceiro que no segundo, e assim até o último da escala, onde são todos completamente tolos.

— Receio — disse Memnon — ser o nosso pequeno globo terráqueo o manicômio desses cem mil milhões de mundos dos quais tive a honra de ouvir referências.

— Não é bem assim — respondeu o espírito — mas é quase: tudo deve estar no seu devido lugar.

— Mas há os poetas e filósofos errados, que nos dizem estarem

Na
"PROVA DO TANQUE"
não há outro igual!



exclama Dona
MINERVINA



Mas, cuidado! O Sabão Minerva está sendo imitado na cor, mas não na qualidade. Ao comprá-lo, verifique bem a marca. Minerva, agora, é assim...

O SABÃO MINERVA SAI BARATO PORQUE PROTEGE O QUE LHE É CARO

as coisas na melhor situação?

— Não, eles têm razão, quando as consideramos relativamente ao universo inteiro.

— Oh! Nunca mais acreditarei nisso, enquanto não recuperar a visão — disse o infelizmente Memnon.

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Bona Seguard, já em 1881, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, ao qual recorre dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino.

Encontra-se a venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fornecedor do Prod. AUGUSTO GESSOL
Remetemos, pelo reembolso postal — Crd. 15.000 o Vinte
Produtos Feminina — Rua da Estrêla n. 9 — RIO DE JANEIRO

HEMORRHOIDAS? tome
EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS
Pílulas de Herva de Bicho
compostas inescard
LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.P.
DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,

DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes), Glândulas de secreção interna,

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 hs.

Mmes. EVA e SYLVIA

(Ex-auxiliares de Mme. Campos)

no seu Instituto de Beleza

Rua Ouvidor, 138, 1.º — Tel. 42-8775

— Insc. S. N. F. M. —

**MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos

LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

**CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante**

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

**NOIVA DE
PRIMAVERA**



Dusty Anderson, figurinha simpática da Columbia, apresenta-nos um belíssimo traje nupcial.



OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAME RECEITAS ME-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

O NOVO HOMEM INVISÍVEL

Novela de
CARTER DICKSON

— Imagine o senhor que de repente aquela luva foi se levantando, foi se levantando e o gatilho foi puxado... Eu digo que puxaram o gatilho porque vi. Mas ninguém estava segurando o revólver...

O guarda segurou o homem pelo braço. Parecia consideravelmente agitado. Indicou-lhe uma porta.

— Entre ali.

Afastou-se em seguida.

O coronel March estava habituado a ouvir histórias daquela espécie. Na verdade, era este seu trabalho e ao mesmo tempo seu passatempo. Todos os visitantes de Scotland Yard que vinham com uma história demasiado incoerente ou demasiado improvável para que os outros departamentos lhe dessem atenção eram enviados ao coronel March. O coronel ouvia. Estava ouvindo o caso do novo homem invisível que aquele cavalheiro nervoso contava com atropelo.

— Em primeiro lugar seu nome e endereço.

— Roberto Lawton. Meu endereço é muito importante. E' bom o senhor tomar nota. Depois eu explico porque é importante.

O coronel tomou o lápis.

— Diga.

— Travessa Nicholas 24.

— Prossiga.

— Bem, a história é essa. Eu vi o homem invisível. Isto é, um homem invisível... quero dizer, não o vi precisamente... Mas eu o vi fazer uma coisa... Ele puxou o revólver, atirou. O outro caiu. Depois, quando eu corri até lá, disseram que eu estava maluco. Mas eu vi. Porque naquela noite eu estava na janela quando ele apareceu...

— O homem invisível?

— Não. O outro, a vítima. O que levou os tiros.

— Não acha melhor proceder com ordem? Vamos recomençar do início.

— Desculpe, eu estou tão nervoso...

— Não há de ser nada. E' natural.

— Pois é. Mas, como eu ia dizendo, ele pegou o revólver, isto é, eu vi o revólver levantar-se no ar. O gatilho se encolheu e a bala partiu... O outro cambaleou, depois estatelou-se no chão.

— Nós tínhamos combinado proceder com método.

— E' verdade. Eu... Eu... O senhor me desculpe. Quer fazer perguntas.

— Talvez assim seja mais fácil.

— Acho que sim.

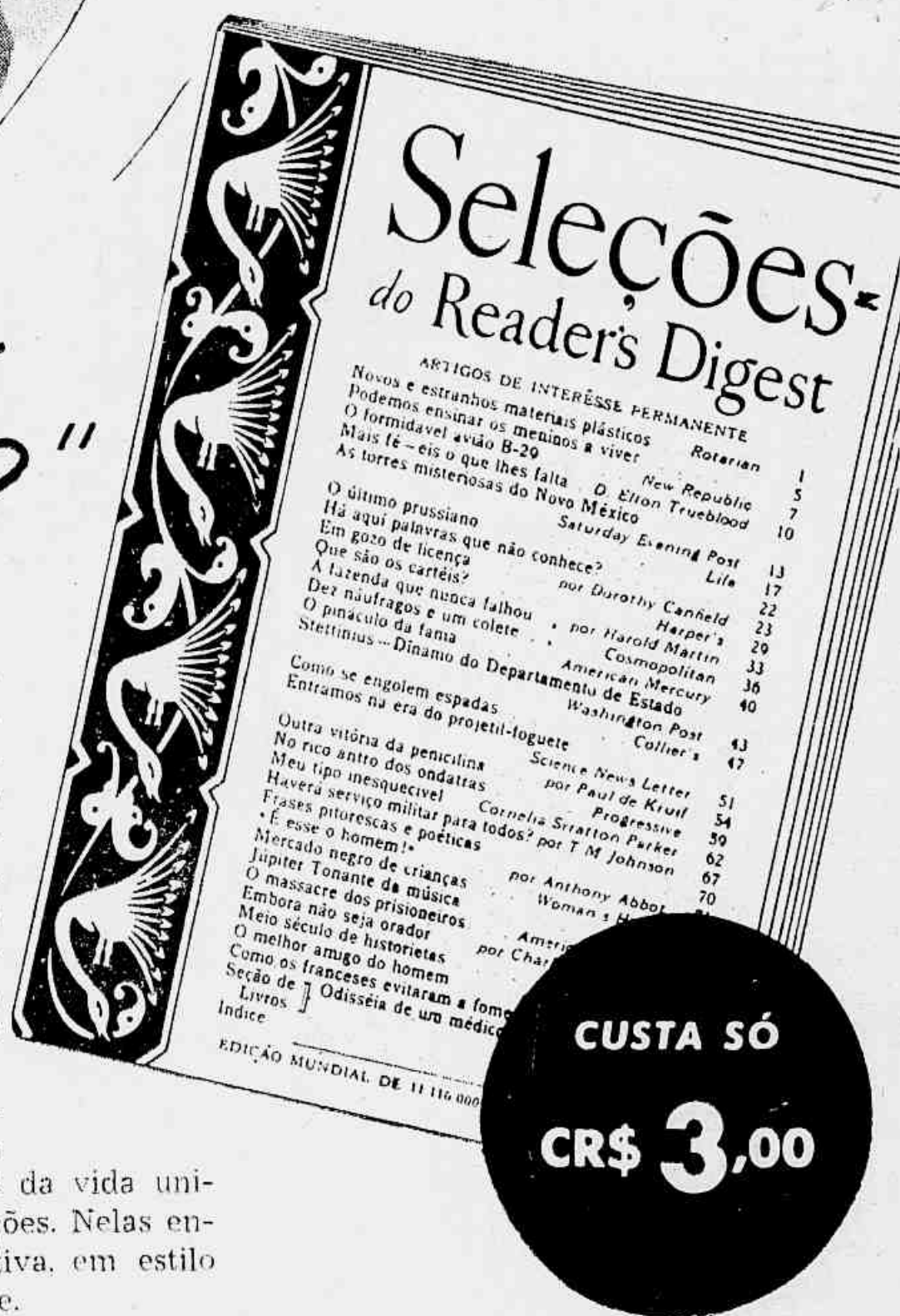
— Pois bem. Mora na travessa



"...está calor hoje, não?"

ESTA expressão salvadora, para tantos silêncios embaraçosos, é hoje um recurso de que prescindem milhões de leitores de Seleções, em todo o mundo. Porque Seleções, apresentando em suas páginas os melhores artigos de 500 revistas, proporciona um manancial abundante de informações e assuntos de toda natureza, que dão à palestra, uma vivacidade e um encanto permanentes.

Enriqueça sua personalidade, mantendo-se em dia com o mundo e com os mais importantes acontecimentos da vida universal, através das páginas de Seleções. Nelas encontrará leitura agradável e instrutiva, em estilo conciso e ameno, que educa e diverte.



CUSTA SÓ

CR\$ 3,00

SELEÇÕES é lida pelas pessoas bem informadas em todo o mundo!



ELEANOR ROOSEVELT, esposa do grande presidente americano, diz: "A leitura do Reader's Digest é uma alegria, precisamente porque nele encontramos, condensada, uma variedade de assuntos capazes de estimular nosso intelecto, sob vários aspectos".



LEVY CARNEIRO, da Academia Brasileira de Letras, diz a respeito de Seleções: "Pareceria impossível reunir periodicamente, num pequeno número de páginas, o que de mais interessante se publica em centenas ou milhares de livros e revistas. Seleções realizou o milagre".



EVA CURIE, a eminente biógrafa, filha ilustre de uma mãe ilustre, diz: "É um feliz augúrio que as edições internacionais de Seleções tenham sido recebidas tão entusiasmamente e faço votos que, em breve, sejam lidas em todas as principais línguas do universo".

SELEÇÕES publica, mensalmente, os melhores artigos de 500 revistas e o resumo de um livro famoso!

Representante Geral no Brasil: **FERNANDO CHINAGLIA** — Rua do Rosário, 55-A — 2.º andar — Rio de Janeiro

J. W. T.

sa Nicholas e diz que é importante o seu endereço. Por que?

— Porque foi lá que tudo aconteceu. Quero dizer, na travessa Nicholas 23 e não 24. No 24 moro eu. O 23 é defronte.

— E foi lá que aconteceu o que quer contar?

— Sim.

— Disse que estava à janela.

— E' isso mesmo. Mas eu preciso primeiro contar quem mo-

ra lá. Eu moro no segundo andar. Eles também. "Eles" quer dizer Hartley e a mulher. Ele é um rapaz moço ainda, sai de manhã e volta tarde do trabalho. Ela trabalha também, mas

em casa. Parece muito distinta.

— Eles também moram no segundo andar, mas do edifício fronteiro. Isso quer dizer que a sua janela da frente é também fronteira à deles?

— Sim. E no mesmo nível. A distância é pequena.

— Muito bem. Então, como ia dizendo, estava à janela.

— Era uma noite muito quente. Ante-ontem. O senhor se lembra. Uma noite muito quente, não foi? Pois é. Por isso eu resolvi abrir a janela. Afastei as cortinas e abri-a. As luzes do meu quarto estavam apagadas. O senhor compreende, não é? Com as luzes acesas e a janela aberta ficava muito devassado. Pois é.

— Portanto, o senhor debru-

çou-se na janela e viu alguma coisa?

— Vi — vi o crime. Eles disseram depois que nada tinha acontecido. E' mentira deles.

— Fiquemos no que aconteceu antes. Vamos com ordem.

— Muito bem.

— Quando o senhor se debruçou na janela, que viu?

— Vi, primeiro, um homem.

— O dono da casa?

— Não. E aí é que está o mais interessante. Não era o dono da casa.

— Pôde ver as feições dele, então?

— Sim. Curioso por saber o que estaria ele fazendo, também com as luzes apagadas, apanhei um binóculo e olhei.

— Descreva-o.

— Era um velho... Um velho com uma cara... uma cara de assassino!

— Entretanto, segundo o senhor, foi ele a vítima?

— Sim.

— Prossiga.

— O velho estava passeando pelo quarto, como quem espera alguma coisa.

— Ficou assim muito tempo?

— Não. Somente o tempo de eu ir buscar o binóculo. Depois acendeu a luz. Em seguida chegou para junto da janela. Procurava alguma coisa; abaixou-se. Depois abriu a vidraça que estava fechada e debruçou-se. Olhou para baixo, para a rua, e assobiou, baixinho. Em seguida virou-se. Mas eu estava olhando para a mesa. Porque o velho

— tinha eu esquecido de dizer — estava de luvas e com um revólver na mão. Antes de ir para a janela e abri-la ele deixara tanto as luvas como o revólver sobre a mesa. Pois bem: depois do assobio eu vi as luzes se levantarem lentamente no ar com o revólver, como se um homem as houvesse calçado e tomado o revólver na mão direita. Em seguida **puxaram** o gatilho. O velho cambaleou e caiu.

— E em seguida o que aconteceu?

— Corri lá.

— Descobriu alguma coisa.

— Nada. Um policial me acompanhou.

— O senhor foi chamá-lo?

— Não. Ele já viera, tendo ouvido os tiros. Eu disse a ele o que vira mas ele não pareceu acreditar muito na minha história. Em todo caso fomos ao apartamento dos Hartley. Tivemos que subir pela escada porque o elevador estava desarranjado.

— Quem atendeu?

— Foi Mrs. Hartley, em **peignoir**. Ela disse que nada havia acontecido.

— Visitaram o apartamento?

— Sim. Não havia nem vestígio do homem.

— Mais alguma coisa?

— O marido apareceu enquanto estávamos à porta, falando. Vinha indignado. Parecia uma fera.

— Por que motivo vinha tão zangado?

— Estava irritado com a nossa visita. Perguntou o que é que queríamos.

— Os senhores se retiraram depois calmamente?

— Não antes de observar duas coisas.

— Quais foram?

— A primeira foi sensacional. Na parede havia um retrato do homem que eu vira na janela, isto é, um retrato da vítima...

— E a outra coisa?

— Quando o marido notou que eu vira o retrato empalideceu e deu um passo atrás. Tropeçou na mesa que estava perto e caiu no chão.

— Caiu?

— Sim. A esposa deu um grito e correu para ele. Mas, vendo que ainda estávamos ali, voltou atrás e bateu-nos a porta na cara, antes de acudí-lo.

O coronel ouvira a história com interesse crescente. Enquanto o homem falava ele refletia. Seria possível? Sim, era a única solução para o caso. Perguntou:

— Havia muitos espelhos no apartamento?

— Creio que não. Por que?

Antes que ele pudesse responder tocou a campainha. O coronel mandou ver quem era.

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?

O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE.

PEÇA SEMPRE O



CHAPÉU STETSON Stratoliner

O único chapéu ainda melhor do que o seu velho Stetson de hoje é um Stetson novo

— Mr. e Mrs. Hartley, coronel.
 Lawton deu um pulo na cadeira.
 — Mando entrar?
 — Mande. Mande.
 O marido vinha à frente, com ar truculento.
 — Escute aqui, coronel, nós soubemos que esse homenzinho veio aqui...
 — Um momento, cavalheiro — interrompeu o coronel. Mas já Lawton se levantara e enfrentava o rapaz com agressividade:
 — Homenzinho, homenzinho. Pelo menos não sou um assassi-

(CONTINUA NA PAG. 45)



Não despreze a terrível
PIORRÉIA
 De cada 5 pessoas — 4
 (também V.S.) estão
 ameaçadas

Com o abominável encolhimento das gengivas e o execrável afrouxamento dos dentes, a Piorréia ameaça hoje milhares de pessoas. Se V. S. notar que suas gengivas estão sensíveis... que sangram facilmente ao escovar os dentes... acautele-se — pode ser Piorréia!

Proteja-se imediatamente com o método experimentado Forhan, que consiste em escovar os dentes duas vezes ao dia (fazendo-se ao mesmo tempo massagem nas gengivas) com Forhan's para as gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora num mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para a saúde e vigor das gengivas e beleza e proteção dos dentes, comece hoje mesmo a usar o famoso dentífrico FORHAN'S para as gengivas.

Escove os dentes com
Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

"Não espere sofrer de piorréia para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorréia!"

4FPG

Lábios ARDENTES... Faces AVELUDADAS...

O desejo de toda mulher cuidadosa, é manter-se atraente, apresentando uma cutis bem tratada. Realize esse ideal, usando os produtos de Mme.

GRÇA, criados para as mulheres de fino trato. Para limpar a cutis, eliminando sardas e manchas, use o ÓLEO DE VIOLETAS, que torna a sua face aveludada. Ao deitar-se, aplique o CREME ANTI-RUGAS, que enrijece a pele, dando-lhe uma aparência juvenil, eliminando as rugas e a flacidez. Aos seus lábios, o BATON SEMARAP dá um encanto duradouro e uma tonalidade ardente... Use os produtos de Mme.

GRÇA, indispensáveis aos cuidados da beleza feminina.



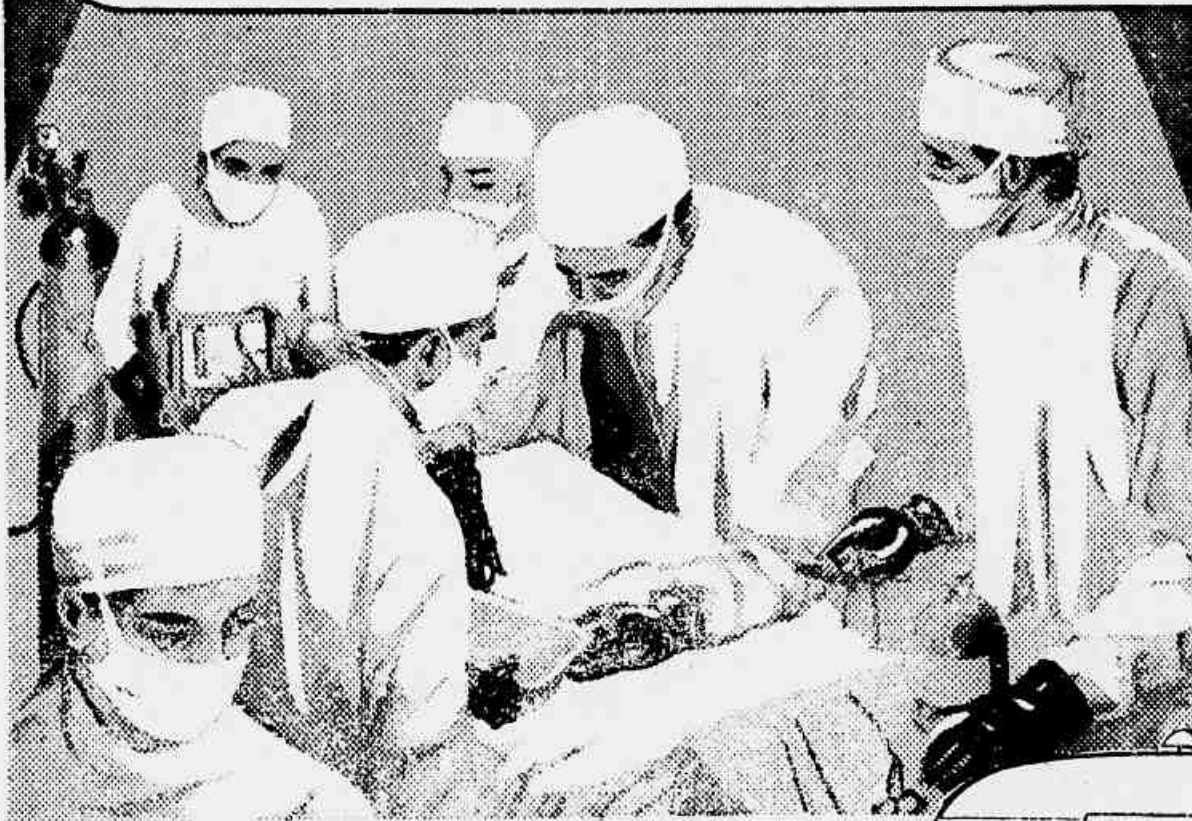
- Rouge
- Pó de Arroz
- Loção Acne
- Adstringente
- Bêlsamo Branco

Catálogo grátis pelo Correio

Distribuidores: GRÇA: ESPANA PARAMÉS & IRMÃO • Rua da Alfândega, 181 - RIO

Voga Publicidade

"HIGIENE E SAÚDE" - Palavras inseparáveis



NA vida moderna, higiene e saúde são conceitos que se não separam. E é em nome da higiene e da saúde que fazemos perguntas que ontem não nos ocorreriam: onde é lavada e enxuta nossa roupa de corpo, de cama, de mesa, das crianças? é protegida contra contágios e infecções? não se mistura com a roupa de outros, talvez enfermos? Os mesmos preceitos higiênicos que exigem assepsia nas salas de operação nos obrigam à certeza de que nossa roupa é bem lavada, e com assêio.

Com economia, a máquina G. E. de lavar roupa lhe garante essa certeza — "Higiene e Saúde" — pois lava em sua casa (evitando contágios externos), sem estragar nem perder peças, impedindo que o sujo e o suor impregnem os tecidos. A máquina de lavar roupa é uma das muitas modernas sentinelas G. E. a velar pela saúde de toda a família.

Ouçá os "Festivais G-E", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22,05. Em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Um programa musical com atrações para todos os gostos.



EM MENOS TEMPO,
 COM MENOS TRABALHO,
 COM AUXÍLIO DA ELETRICIDADE

Não deixe de incluir no seu plano de compras esse precioso auxiliar doméstico — pela higiene, conveniência e economia que proporciona.

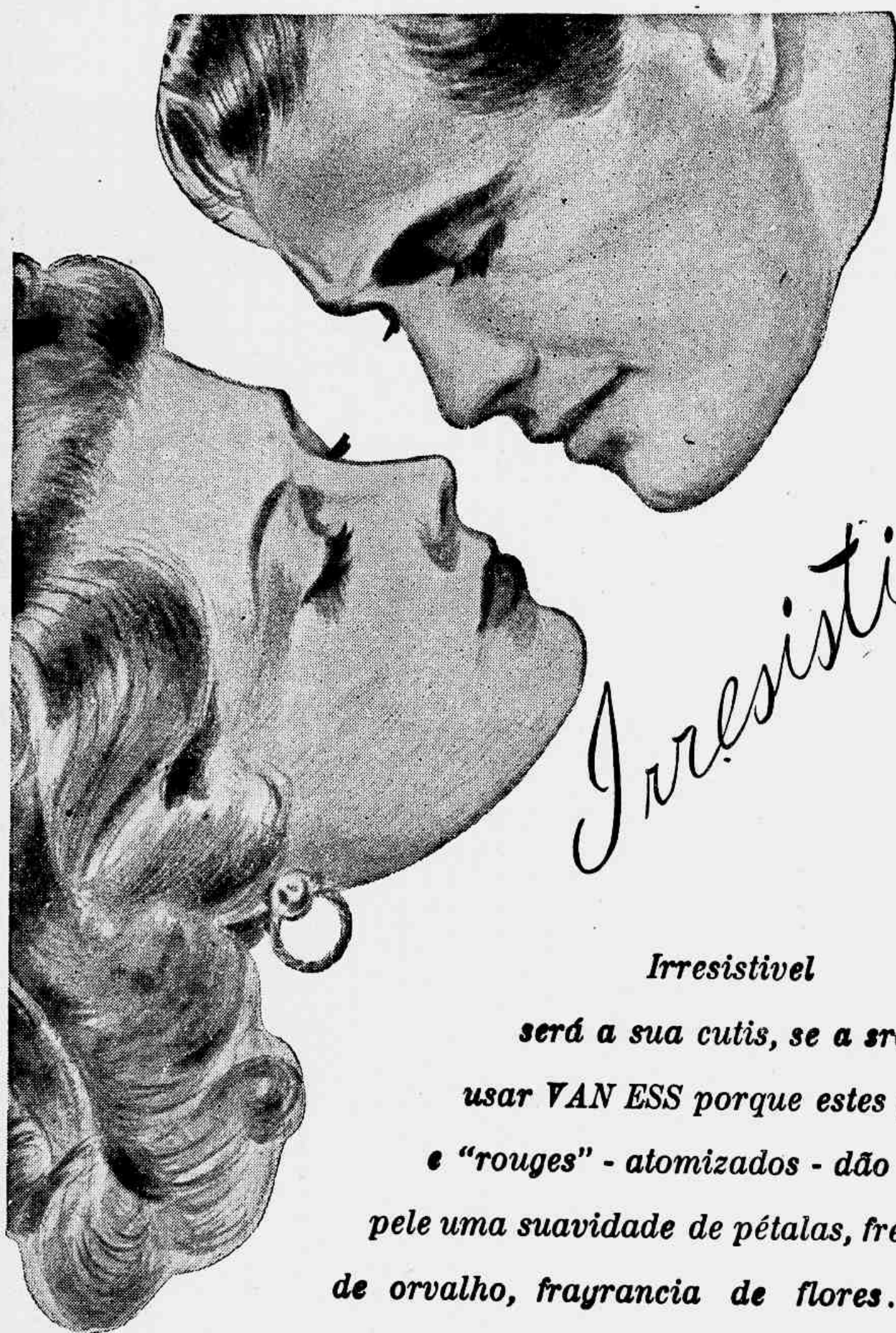
Máquinas de lavar roupa

GENERAL ELECTRIC

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DA ENERGIA AOS MUSCULOS



Irresistível!

Irresistível

*será a sua cutis, se a sra.
 usar VAN ESS porque estes pós
 e "rouges" - atomizados - dão à
 pele uma suavidade de pétalas, frescor
 de orvalho, fragrancia de flores...*

VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

pó de arroz e "rouge"

Van Ess



"atomizados"



★ Use também o baton VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base de "creme valudo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO
A Oitava Maravilha

Com o Signo, Planeta e Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECIVEL, feito de prata fina com OURO 18K. Mande dia e mês do seu nascimento, e medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peçam catálogos desta maravilha. Todos os direitos reservados por lei. Fábrica de Joias "AZTECA", rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

Quem parte leva saudades

Continuação da pág. 13.

livre das amarras, o barco começa a manobrar. Vai por fim afastando-se pouco a pouco, entre os gritos de despedidas dos que ficam. E com um silvo longo passa serenamente entre rebocadores e batelões, rumo à barra. E numa rápida manobra, dobrando em ângulo fechado, perde-se atrás da floresta de mastros que envolve a ilha Fiscal.

A saudade portuguesa se foi a bordo, entre os passageiros do "Serpa Pinto"

Ficou no cais, acenando o lenço branco, a saudade brasileira.

CASA ANGLO-BRASILEIRA

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
 Sucessora de Mappin Stores
 Pr. Ramos de Azevedo, 131

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

SOFRE DO FÍGADO?
 TOME
BIO-HEPAX
 PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIQUINA

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O NOVO HOMEM INVISÍVEL

(CONTINUAÇÃO DA PAQ. 43)

no. Onde está o corpo do homem que vocês mataram?

O coronel fingiu surpresa:

— Mas o senhor não disse que tinha sido um homem invisível?

Lawton protestou:

— Disse o que vi. Com certeza foi um truque. Esse homem matou outro.

— Mas como, se pelo que o senhor me diz ele não estava lá?

— Não sei. Mas que ele matou, matou.

— Hum...

O coronel estava se divertindo imensamente com a cena.

— Vou fazer três pedidos.

Os três olharam surpreendidos:

— Vou pedir ao sr. Lawton — disse o coronel — que esqueça o que viu, e não mostre mais curiosidade indevida pelo que se passa na casa alheia. Pode retirar-se, sr. Lawton.

— Mas...

— Pode retirar-se, sr. Lawton.

O mexeriqueiro saiu resmungando.

— E ao senhor, Mr. Hartley, quero pedir como especial favor que consulte imediatamente um médico.

— Como?

— Não precisa mais fingir. Sei de tudo. Vá tratar de seu ombro.

O rapaz hesitou um instante, depois disse:

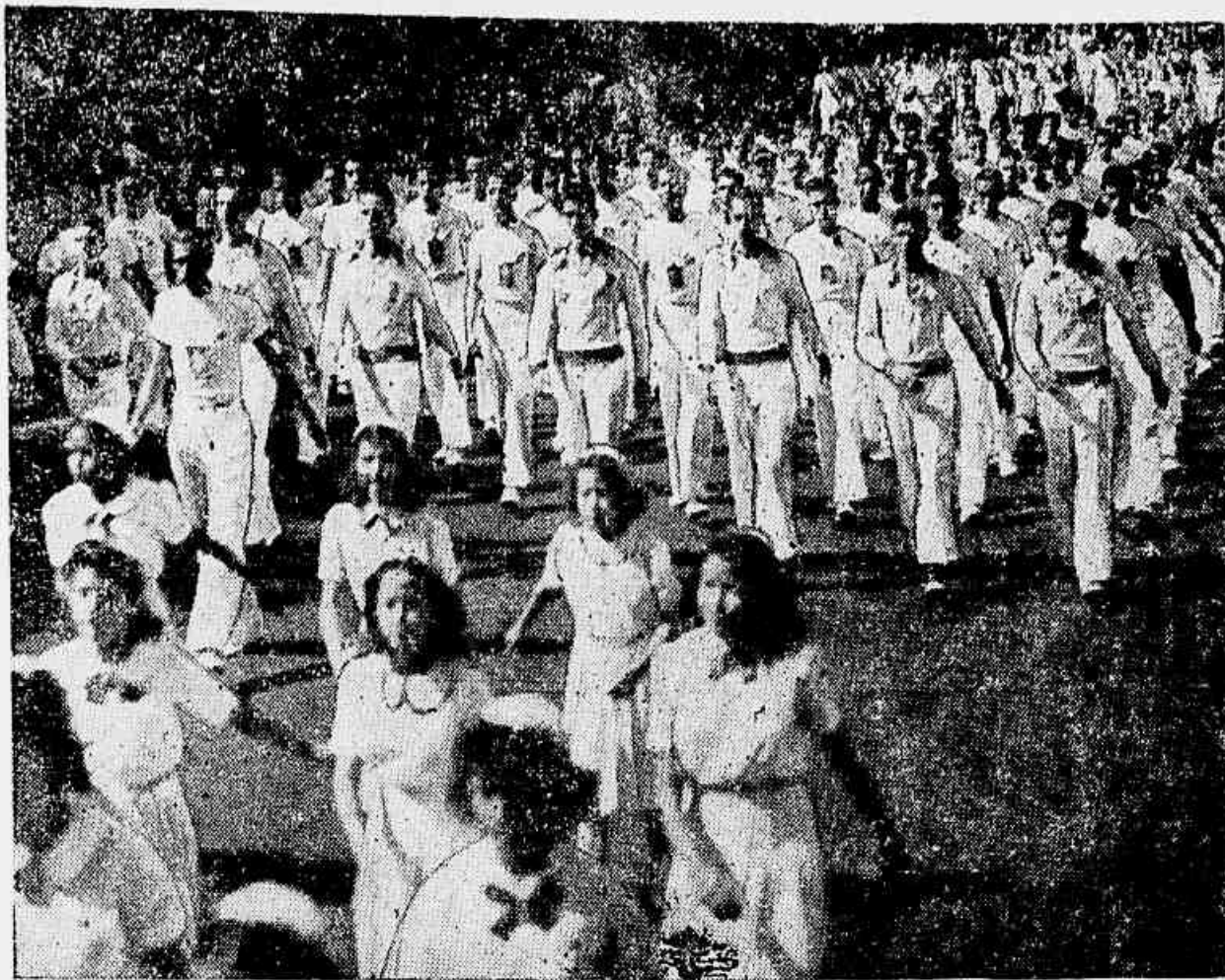
— Vamos, Marger.

— Um momento. — Era novamente o coronel. — Eu queria pedir à sua senhora o favor de permanecer alguns minutos para esclarecer alguns detalhes. Mera curiosidade.

O rapaz voltou atrás:

— Escute, o senhor não vai prender minha mulher. Ela não teve culpa. Fez o que eu mandei. E depois só pode prendê-la se eu der queixa. E eu não darei.

— Asseguro-lhe, meu caro amigo, que não tenho a menor intenção de prender sua esposa. Vá tratar de seu ombro, que dentro de alguns minutos ela estará em casa, à sua espera.



ECOS DA PARADA DA JUVENTUDE

O cliché que estampamos ao lado é um flagrante colhido por ocasião do desfile escolar em comemoração à Semana da Pátria, em que aparecem marchando garbosamente alunos do Colégio Lutécia pela avenida Rio Branco.

O Pó de Arroz que realça a BELEZA!

Nas côres:

- Branco
- Rosa
- Raquel
- Ocre-claro
- Ocre-escuro
- Ocre-rosée
- Gitane
- Péche

Pó de Arroz
ORYGAM de GALLY

À VENDA EM TODO O BRASIL

• P. Ferraz •

OPINIÕES

Longa Tradição

de alta qualidade



Consagrado por uma preferência de meio século, graças à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cutis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete de Reuter

I-A

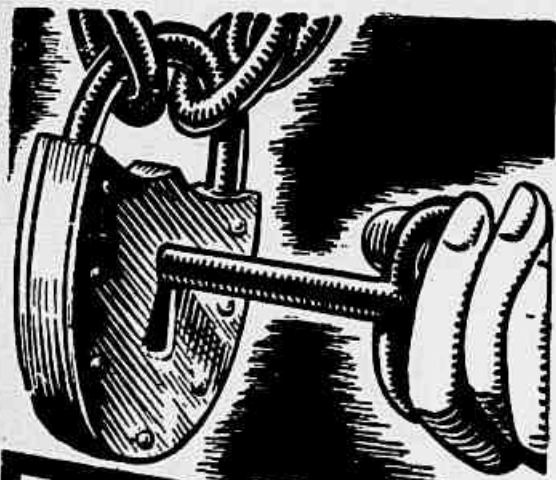
SR-3

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



LAXOLAGAR GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO



— Não sei que graça acha essa gente que passa a noite fora.



— Que bobagem! Há certa gente que gosta de estafermar em casa tôda a noite...

O NOVO HOMEM INVISIVEL

(Continuação da pag. 45)

A sós com Mrs. Hartley o coronel perguntou:

— Foi o grande truque dos espelhos, não foi?

Ela acenou com a cabeça que sim.

— Vários espelhos que se refletem e dão a impressão de que nada há debaixo da mesa. Era feito por um mágico famoso.

— Sim. Mas meu marido inventou uma nova maneira.

— Exatamente. Quer que lhe conte como foi?

— Como é que o senhor descobriu?

— Pela impossibilidade de ter sido realmente um homem invisível.

— Ah...

— Vou lhe dizer como penso que tudo se passou e depois a senhora me dirá se estou certo ou não. Seu marido é ator. O retrato que há na parede e que Lawton diz ser da vítima é seu marido caracterizado para uma peça de terror. Ele queria fazer com que um homem fôsse assassinado pelo homem invisível em cena. Usou o grande truque. Uma mesa no centro da sala era a maneira que usavam os mágicos, e uma sala mobilada simetricamente, com mobília igual dos dois lados. A mesa formando um triângulo, com seus três pés, tendo a base do lado oposto ao público, no caso Mr. Lawton. Dos dois lados espelhos que refletem a parede fronteira e dão a ilusão de que não há nada debaixo da mesa e que se está vendo o espaço. A senhora estava escondida do outro lado, protegida pelos espelhos. Seu marido apareceu no escuro, para não deixar que as próprias reflexões estragassem o efeito. A seguir acendeu a luz. A senhora levantou o revólver lentamente e atirou. Pensou que não havia balas, mas havia. Seu marido foi ferido, e o vi-

zinho vira o ensaio que estavam fazendo. Julgou presenciar um crime. A senhora correu para sacudir o marido. Esconderam os espelhos. Chegou o vizinho com o policial. A senhora entreteve-os enquanto seu marido tirava o **maquillage**. Depois ele apareceu, mas um leve esbarro com a mesa fê-lo cair. Pudera! Tinha uma bala no ombro! Não foi assim que se passou tudo?

Ela suspirou:

— Sim.

— Vá ajudar seu marido, minha filha — aconselhou o coronel. E depois acrescentou — Quando repetirem o truque no teatro tenham o cuidado de verificar bem se o revólver está carregado.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - Set. 85

Nome
Rua
Cidade Estado R S

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feito quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Um produto da **NATUREZA!**

As exalações das florestas de eucalyptos dão vida, alegria e saúde, — assim como vida ao corpo, alegria ao espírito e saúde à pele, dá também o sabonete "Beijaflor", perfumado com a legítima essência de eucalypto.

Sabonete Beijaflor
Perfumado com essência de **Eucalypto** citriodora

Sabonete Beijaflor
DE EUCALYPTO

A VENDA EM TODO O BRASIL



1 A TIA DA ROÇA — O Pedrosa, burguês em vésperas de bancarrôta, tinha tôdas as suas esperanças voltadas para a tia Clotilde, parente de fora que devia chegar ao Rio, pela primeira vez, dentro em breve. Anunciara com todo espalhafato, às pessoas de "seu largo círculo de relações e amizades", a chegada de sua parenta, senhora muito prendada e culta. Mas... oh, decepção! Chega d. Clotilde, um tipo exótico de calíra mal acabada. Pedrosa e família olham com sorrisos amarelos as "prendas" da nobre e culta tia da roça.

2 QUE BOTAS! — A tia Clotilde, entre outros objetos de requintado luxo e bom gosto, usava uma pele de cachorro em volta do pescoço e umas botas de grande efeito ornamental, herança de alguma avó que sofrera de reumatismo, ou de algum avô que hcuvesse porventura trabalhado no picadeiro. Quando ela se assentava, assungando as sete saias, os bicos das botinas ocupavam tôda a sala.



3 RIVAL DA SOBRINHA — A irmã do sr. Pedrosa viera ao Rio chela de projetos, entre os quais figurava em primeiro plano a conquista de um marido. E, não querendo perder tempo, começou logo a "dar em cima" do "inocente" Altino Mimoso, noivo de encomenda da menina Alice, filha diletta do casal Pureza-Pedrosa. Cenas como esta eram então frequentes em casa do "seu" Pedrosa: a terrível Clotilde atacando destemidamente o pobrezinho do Mimoso.

4 EM TERCEIRA VELOCIDADE — Como o ingênuo Altino Mimoso, rapaz de peregrinas virtudes e de princípios sólidos, não fôra no "golpe", Clotilde "desviou" para a esquerda e jogou a "papa" para cima do Benedito, "chauffeur" da casa, que se obrigado a abraçar a "aristocrática e digna senhora". A respeitável e honrada irmã do sr. Pedrosa parece uma Julieta langorosa nos braços do terrível Romeu de "libré", que aí vai ao seu lado, engrenado em terceira velocidade.



5 SINUCA DE BICO — Enquanto a tia Clotilde procura convencer o pobre Altino a se casar com ela, entra pela casa a dentro uma senhora sizada e de "lorgnon", dizendo-se a verdadeira irmã do Pedrosa. Aí a confusão torna-se geral. A primeira tia Clotilde está metida numa verdadeira sinuca, sem vislumbrar qualquer possibilidade de solução para o problema. E o "inocente" Altino Mimoso cai na gargalhada.



6 **REVOLUÇÃO DOMÉSTICA** — A primeira tia Clotilde, isto é a que chegou primeiro, conquista a simpatia de Paulo, filho do casal Pedrosa, a quem instiga contra a própria mãe. E os dois, firmado um pacto contra a velha, dirigem à pobre senhora caretas e micagens, ridicularizando-a e pondo-a em ponto de explosão. Enquanto isto a outra Clotilde permanece "na moita", sem entrar em ação. Assim estão as coisas em casa dos respeitáveis Pedrosa.

7 **COMIGO, NÃO!** — Vendo que não arranjava nada com ninguém, e que nem o Benedito estava para ela, a terrível Clotilde investe desta vez contra o próprio Pedrosa, o seu respeitável "irmão", chefe de família de honestidade comprovada e homem de ótimos costumes. E, pondo para o lado cadeiras e sofás, a "irresistível" mulherzinha avança contra a vítima. Pedrosa, assustado, grita em desespero: "O que é isto, Clotilde? Somos todos irmãos!".

ROSA DAS SETE SAIAS

Pela Companhia Alda Garrido, no Rival Teatro, está sendo apresentada a peça de Anselmo Domingos "Rosa das Sete Saias", que explora um tema muito ao gosto do público e da popular atriz, repleta de cenas de grande hilaridade. Alda Garrido faz a protagonista, exibindo-se mais uma vez à platéia como uma comedianta cheia de recursos admiráveis para tirar da peça o melhor efeito cômico. O tipo criado pela comedianta, fictício e grotesco, é o ponto central de um sistema em torno do qual giram todos os outros artistas da Companhia que integram o elenco de "Rosa das Sete Saias".

8 **O ÚLTIMO RECURSO** — Mas se não pode ser com o Pedrosa tem que ser com outro qualquer! — é o pensamento da Clotilde... E então avança no Braga, o pobre Braga, que não tem outro remédio senão deixar-se envolver na fúria da mulherzinha... E logo o Braga, que ora um senhor tão sério!

ELENCO:

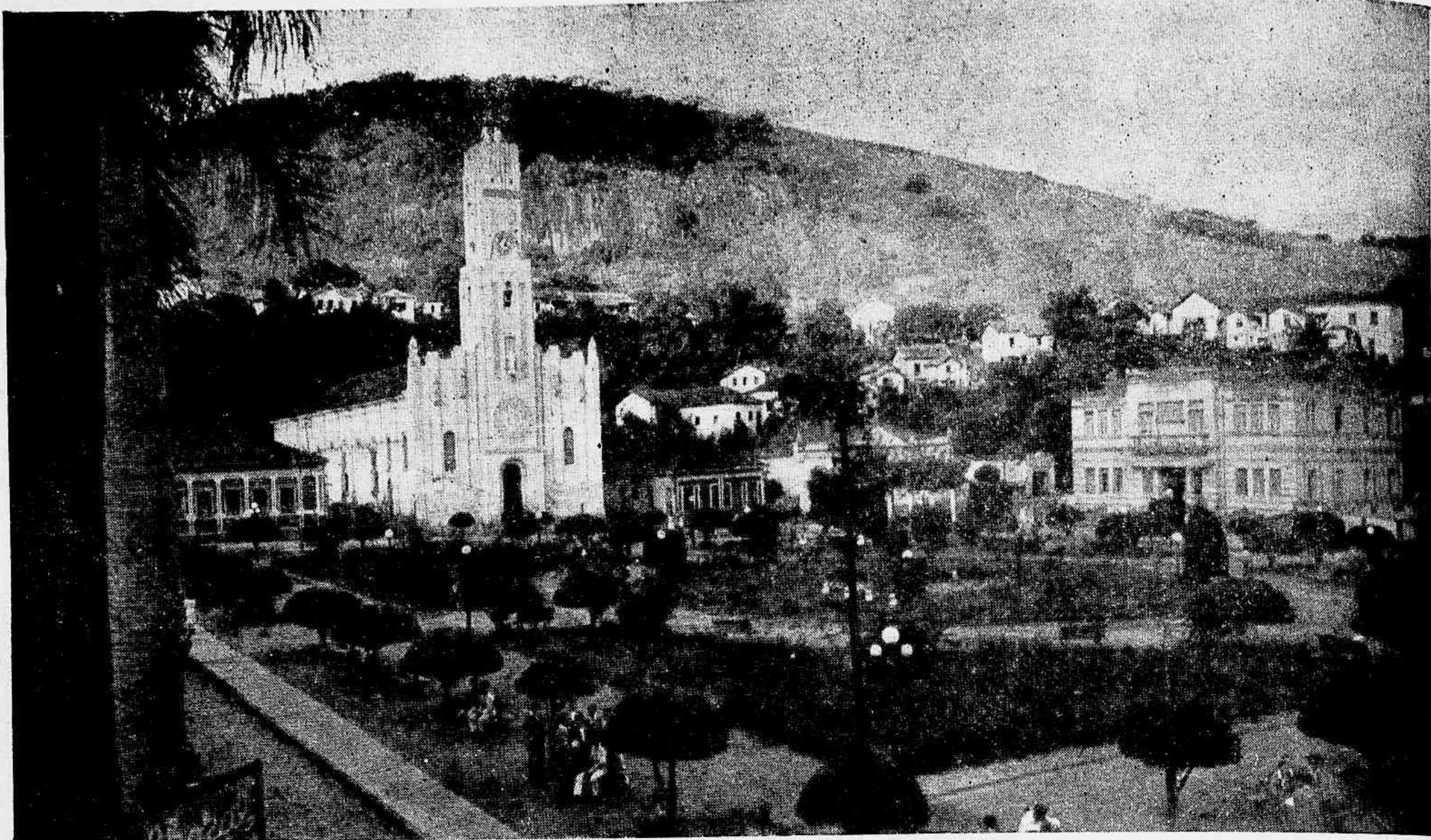
Clotilde I	Alda Garrido
Pedrosa	Augusto Anibal
Florisbela	Cléa Suzana
Altino	João Martins
Pureza	Rosa Sandrini
Paulo	Belcy Drumond
Alice	Isa Rodrigues
Clotilde II	Lourdes Pinheiro
Braga	Benito Rodrigues
Benedito	João Boavista



9 **ROSA DAS SETE SAIAS** — Neste mundo, porém, tudo se descobre! Chegou-se em tão à conclusão de que aquela mulher não era a tia Clotilde que todos esperavam! Era uma falsa irmã do Pedrosa, uma mistificadora! E quando lhe perguntaram "Quem é a senhora?" ela apenas respondeu: "Eu sou a Rosa das Sete Saias"... E contou para todos, espantadíssima, a sua história dolorosamente cômica...

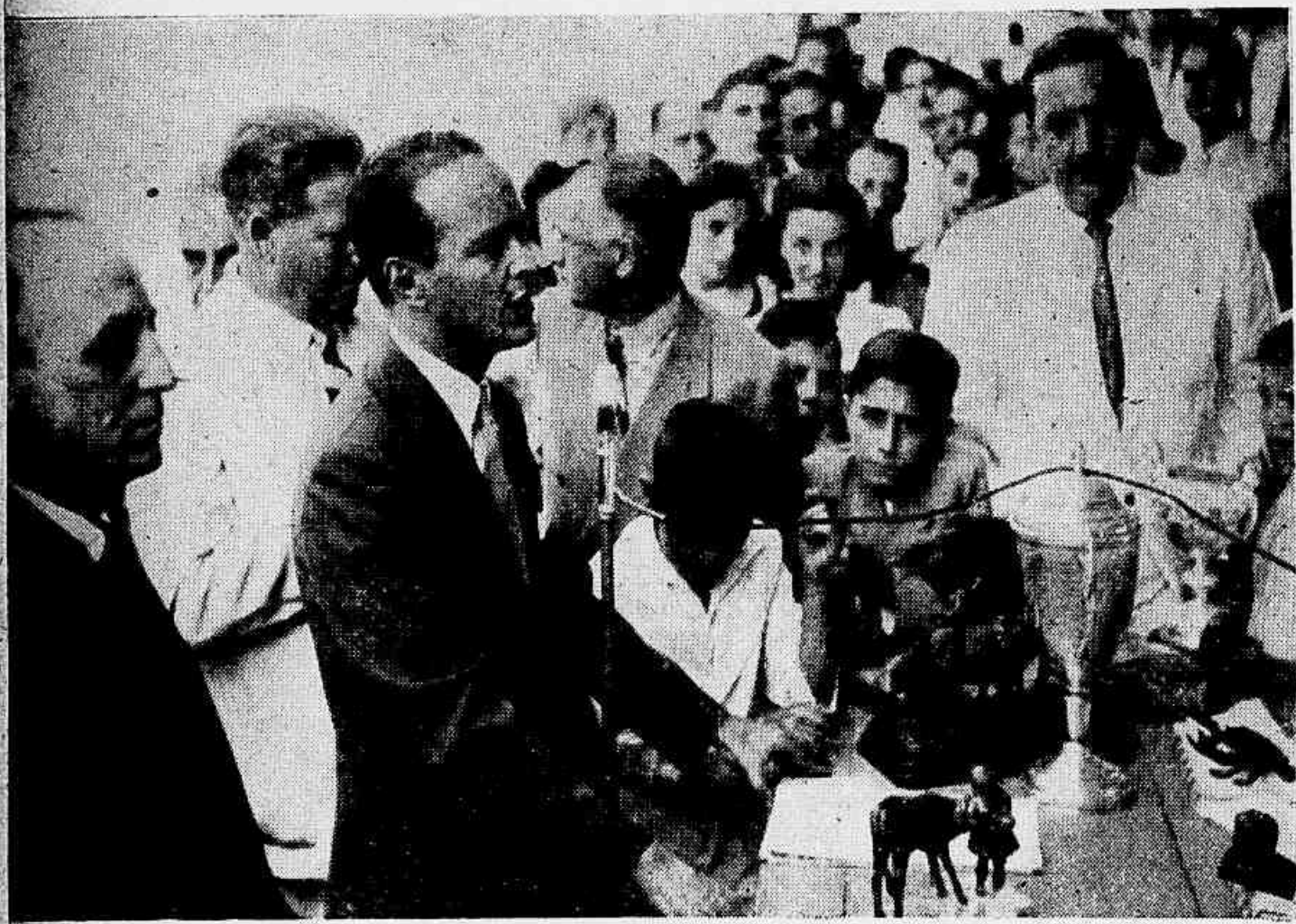
10 **LUZ SÔBRE O CASO** — Quem chegou tarde, porém, foi o Paulo, o filho do Pedrosa. Já a mulherzinha tinha dado o fora, e e mais que ele fez foi mostrar a notícia que tinha lido no jornal... A notícia que contava a história de uma mulher que tinha a psicose do casamento, uma mulher que entre outras coisas usava sete saias, uma mulher que... bem, o resto só mesmo ela é quem sabe contar!





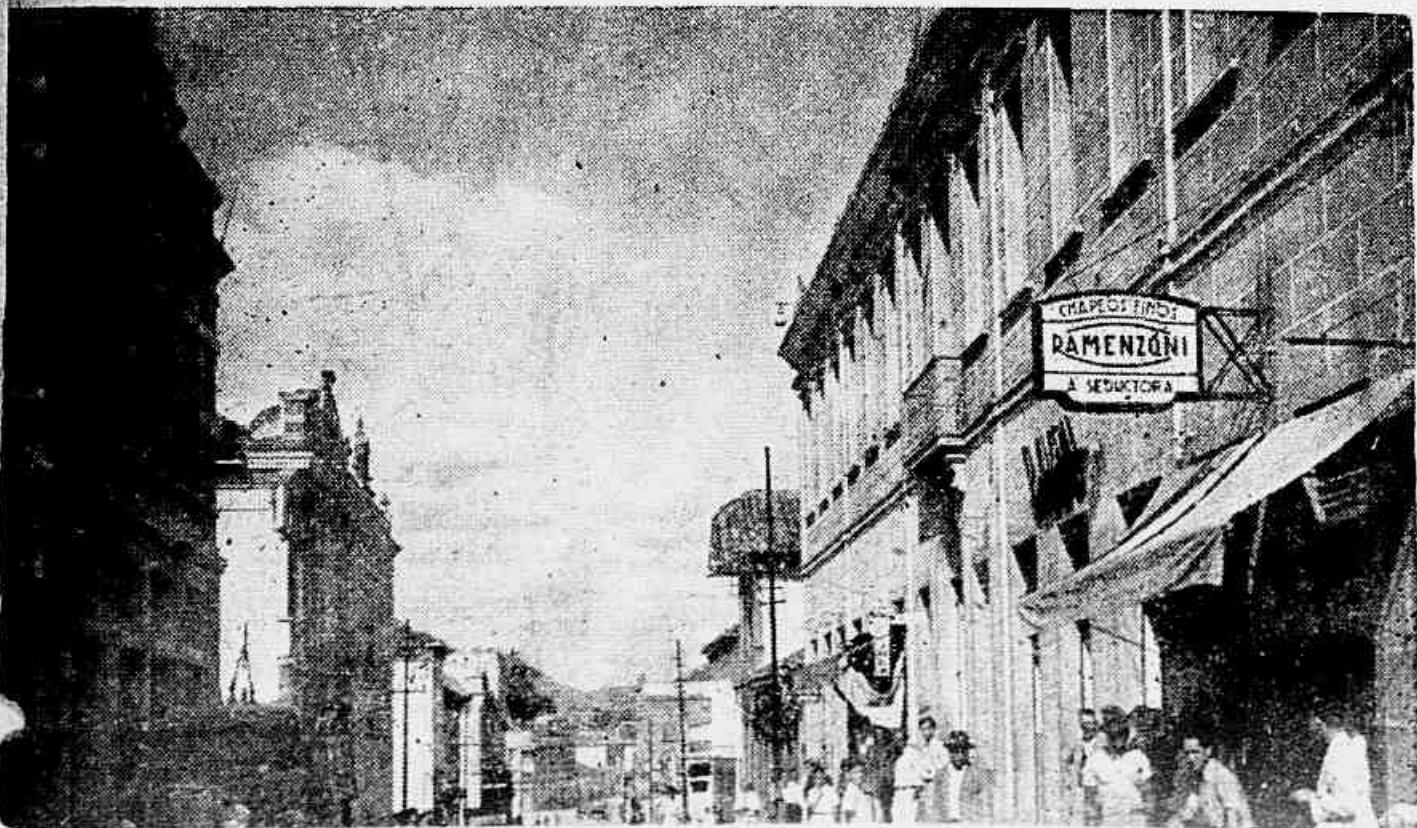
Carangola é uma cidade moderna e bem cuidada, apresentando suas ruas e praças bonito aspecto como o que se vê na gravura, de um dos seus logradouros centrais.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA



O sr. Lucas Lopes, secretario da Agricultura de Minas, compareceu ao encerramento da Exposição, sendo homenageado com um almoço. Na foto acima s. s. está falando durante a entrega dos prêmios.

A rua dr. Olegário, em Carangola, é a parte mais central da cidade, onde se acha instalado o principal comércio varejista, os melhores bars, cinema, etc., sendo o ponto mais movimentado da cidade

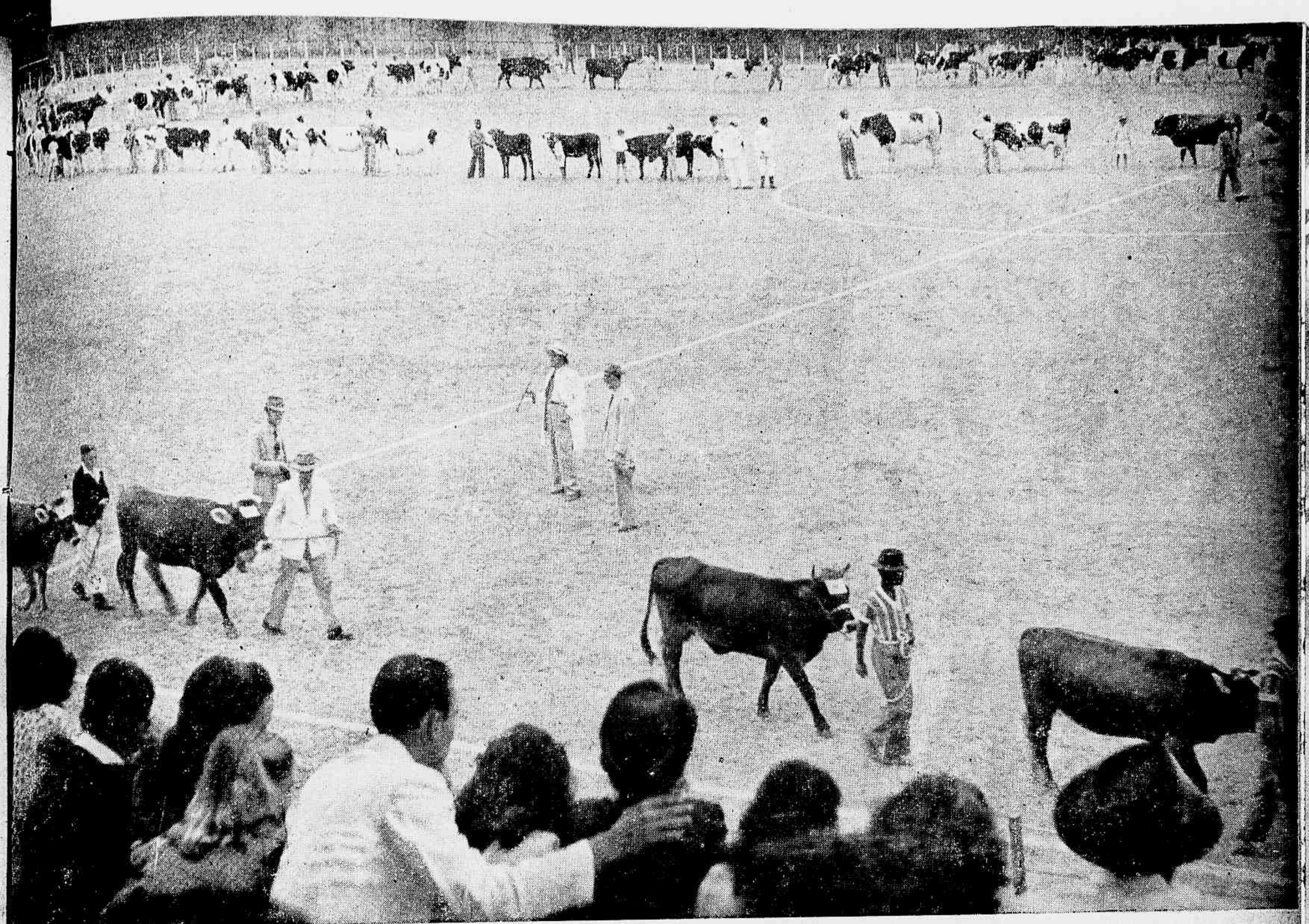


Encravada no engaste verde da Zona da Mata, ergue-se a cidade de Carangola, sede do município dêste nome, centro produtor dos mais progressistas de

Minas Gerais, onde o espírito laborioso de um povo constrói os alicerces de sólida riqueza, traduzida nos rebanhos de finas raças, nas variadas e extensas cul-



Da esquerda para a direita — Em pé: srs. Carlos Hosken e dr. José de Freitas; sentados: srs. Ignacio L. S. Thomé e dr. José Larivoir Esteves. São êstes os membros da Comissão Organizadora da Exposição.



Imponente aspecto do desfile dos animais expostos, tomado no dia da cerimônia inaugural da Exposição. Todos os desfiles foram realizados no gramado do Estádio Municipal local.

turas, numa indústria próspera e ativa e num comércio de largo conceito e vulto. Cidade bem cuidada e limpa, Carangola prende o forasteiro pelo trato amável e cavalheiresco dos seus filhos, traços característicos da boa gente mineira ali tão acentuadamente cultivados. Com largos horizontes abertos à sua frente, Carangola projeta-se para o futuro amparada pelo trabalho perseverante do seu povo, confiante e feliz, representando já agora um potencial econômico de inestimável valor, pôsto em evidência com a realização da sua 1.^a Exposição Agro-Pecuária e Industrial, que alcançou sucesso talvez sem precedentes em certames regionais dessa natureza, levados a efeito pela primeira vez. Ao chegarmos à bela e florescente cidade, longe estávamos de supor o que se ia desenrolar ante os nossos olhos, o espetáculo de pujante vitalidade que nos proporcionariam as forças produtoras daquela região mineira, especialmente no setor da pecuária. E não avançaremos de mais se dissermos que Carangola conheceu-se a si mesma nos dias do esplêndido triunfo que marcou o transcurso daquela exibição de riqueza e de capacidade econômica. O plantel apresentado, de gado puro sangue, principalmente das raças européias, ultrapassou a melhor expectativa, sendo comum ao reporter ouvir, de elementos autorizados que acorreram a visitar a magnífica

montra, os maiores elogios e as expressões da mais viva admiração pelo que lhes era dado observar. A contribuição agrícola e industrial também concorreu com sua parcela para o êxito da 1.^a Exposição de Carangola, e a variedade e qualidade dos produtos expostos deram ensejo a que se conhecesse o adiantado grau de desenvolvimento dessas fontes de produção.

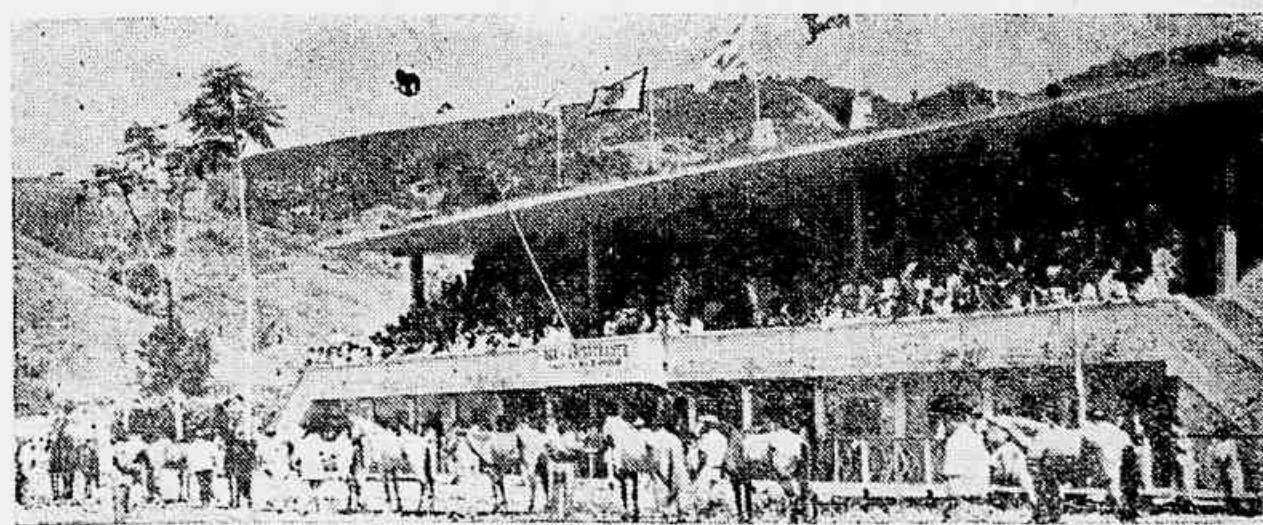
★
A organização da 1.^a Exposição Agro-Pecuária de Carangola, levada a efeito em 45 dias, esteve quase perfeita. Lá encontramos um recinto construído caprichosamente, com pavilhões muito bem feitos, em caráter definitivo, num bonito local às margens do rio Carangola, confinando com o Estádio Municipal, majestosa praça de esportes de que muito justamente se orgulha a linda cidade, e cujo gramado foi palco de imponentes desfiles de animais, concursos de marcha e rodeios, nos quais autênticos peões demonstraram raras habilidades equestres. O grandioso certame, que contou com o apoio das prefeituras de Carangola, Tombos, Espera Feliz e Divino, teve na sua Comissão Organizadora fator decisivo de sucesso. Queremos citar aqui os nomes de Ignacio L. S. Thomé, presidente, José de Freitas, José Larivoir Esteves e Carlos Hosken, membros incansáveis desse organismo, que, assistidos de perto por Francisco Duque de Mesquita, prefeito de Caran-



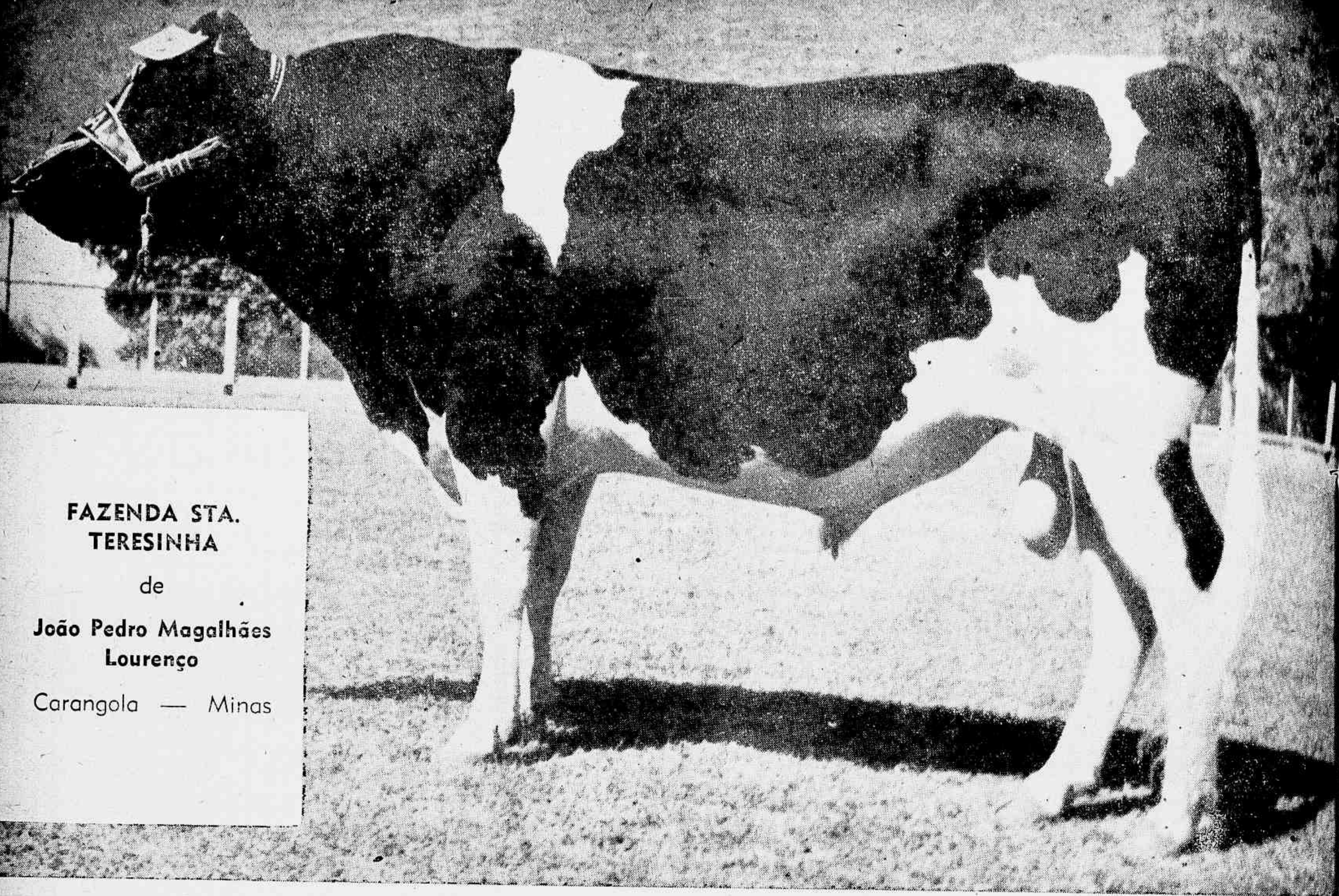
O prefeito Francisco Duque de Mesquita corta a fita simbólica, dando por inaugurada a Exposição.



O sr. José Larivoir Esteves, presidente da Associação Rural de Carangola, pronuncia o discurso inaugural



Outro aspecto do desfile do dia da inauguração, vendo-se as arquibancadas do Estádio, repletas



**FAZENDA STA.
TERESINHA**

de

**João Pedro Magalhães
Lourenço**

Carangola — Minas

"Zagal", magnífico exemplar da raça Holandesa preta e branca. Campeão da raça na 1.ª Exposição Agro-Pecuária de Carangola, 5½ anos. "Zagal" é de propriedade da Fazenda Santa Teresinha, do sr. João Pedro Magalhães Lourenço.

gola, elemento que exerceu marcante atuação para o êxito de tão útil empreendimento, e coadjuvados pela Associação Rural, realizaram obra meritória, possibilitando à cidade inaugurar a sua exposição apenas um mês e meio depois de assentada a concretização de um desejo acalentado por longos anos.

Outro aspecto ilustrativo do certame foi a caprichosa apresentação dos animais expostos, para tal preparados com cari-

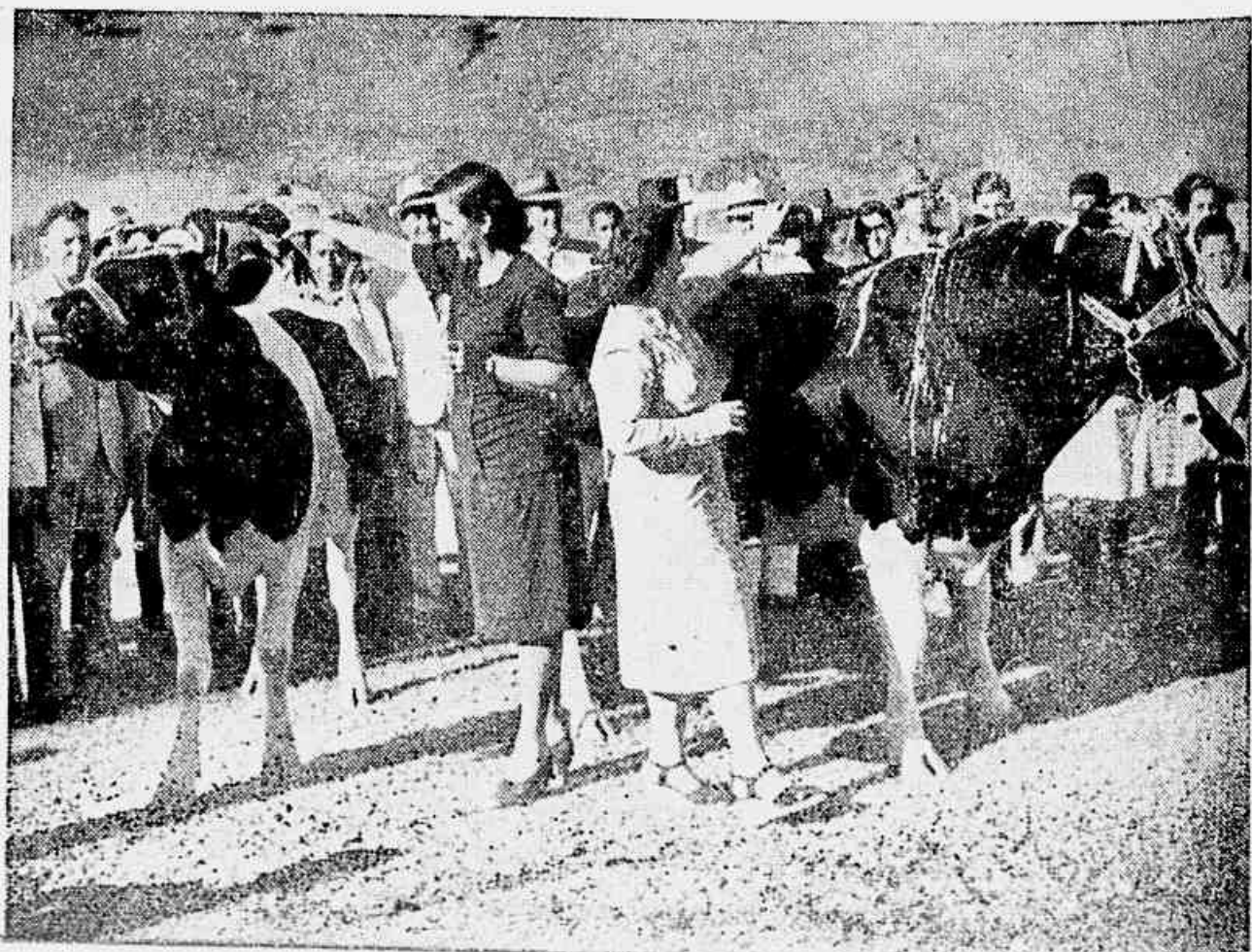
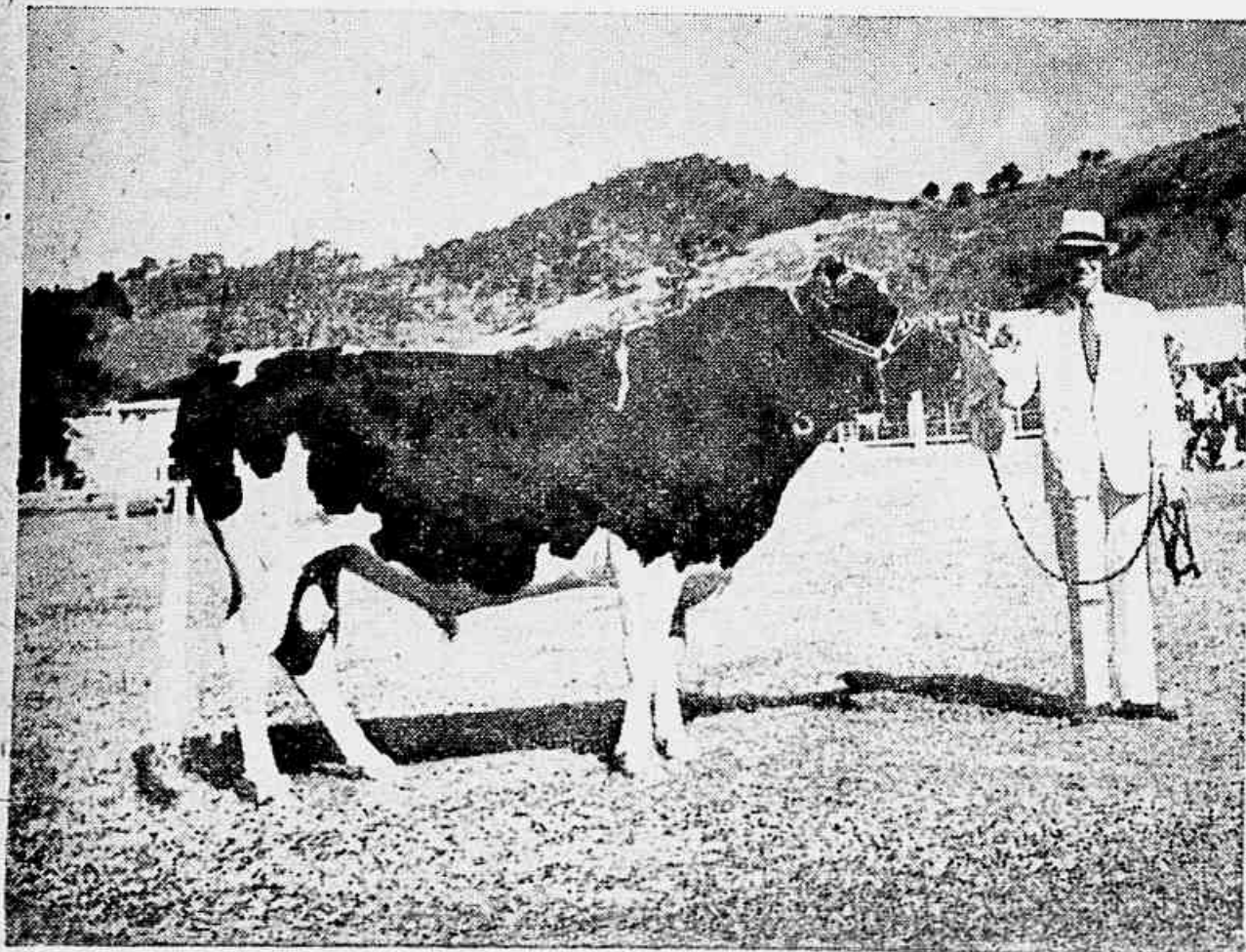
nho e esmero, oferecendo aos visitantes uma excelente impressão de ordem e asseio, luzindo dentro dos pavilhões bem cuidados. Assim foi mostrado um grande plantel de bovinos de apuradas raças, como também de equinos e muares, revelando a existência de um apreciável grau de sangue nos rebanhos carangolenses e dos municípios adjacentes, de onde surgiram verdadeiros expoentes da pecuária mineira.

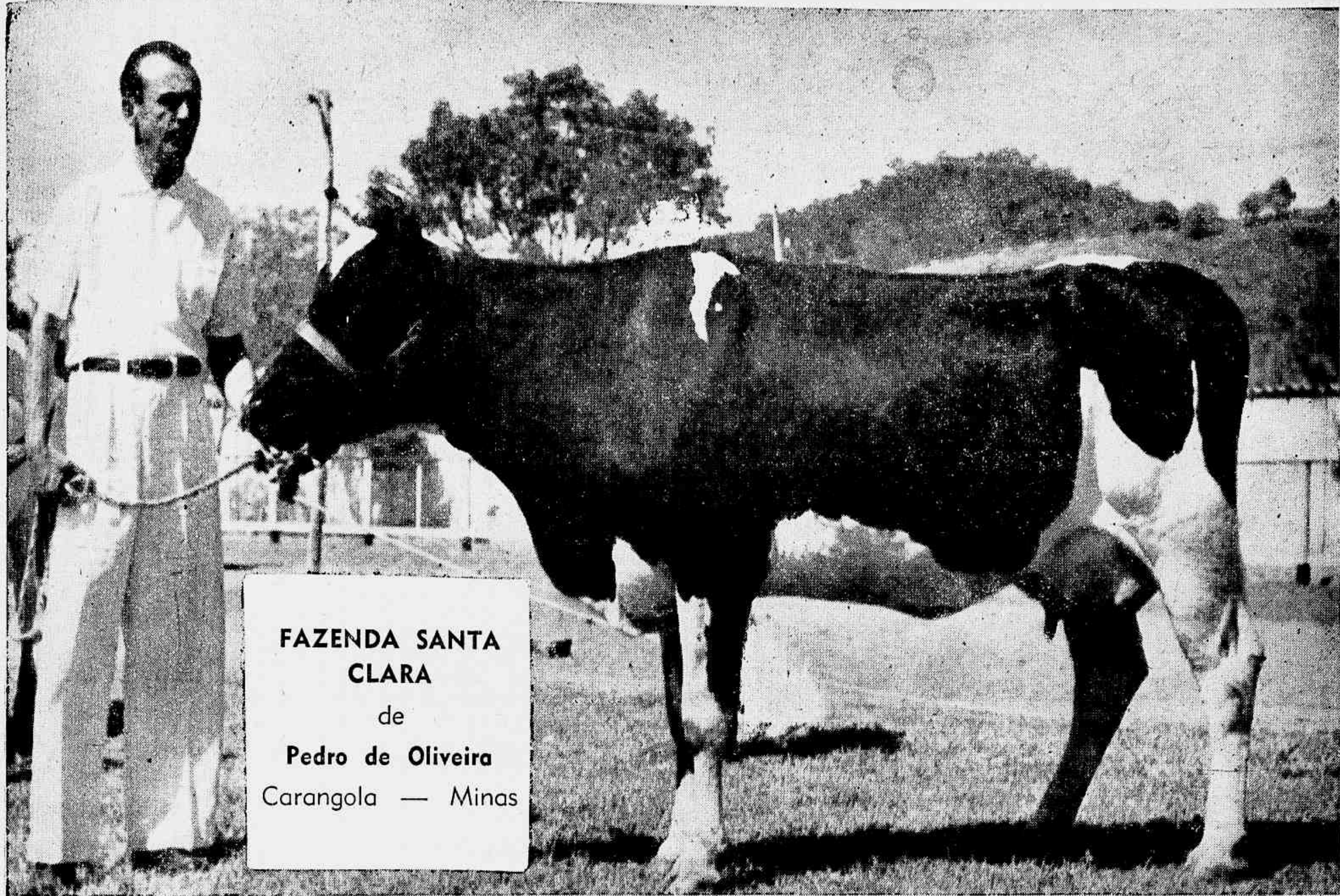
Também o entusiasmo invol-

gar dos expositores, sempre atentos à forma dos seus produtos e aos resultados do julgamento, constituiu um capítulo à parte, que deu extraordinária vida e permanente animação ao desenrolar do "meeting". As ruidosas manifestações de alegria que assinalavam o desfêcho das competições entre os exemplares mais categorizados, batizados alguns após sensacionais vitórias com capitosos vinhos derramados sobre os dorsos por nervosas mãos femininas, fo-

ram nota de vivo colorido a ornamentar o cenário em que se desenvolveu mais uma etapa triunfal da vida de Carangola. Atestava-se, assim, a elevada compreensão dos criadores carangolenses da alta finalidade da reunião, e o regosijo pelos prêmios conferidos aos seus esforços era como que um tônico revivificador das energias para maiores e mais largos cometimentos. Daqueles, desejamos mencionar alguns cuja contribuição para o êxito do certame

Em baixo, à esquerda — "Zagal", em outra póse, seguro pelo prefeito Francisco Duque de Mesquita. À direita — A cerimônia do batismo do touro "Zagal", procedida pela sra. Herondina Tironi Marques. Ao mesmo tempo era batizada a vaca "Oceania", campeã da raça, tendo como madrinha a sra. Dagmar Amorim Lourenço.





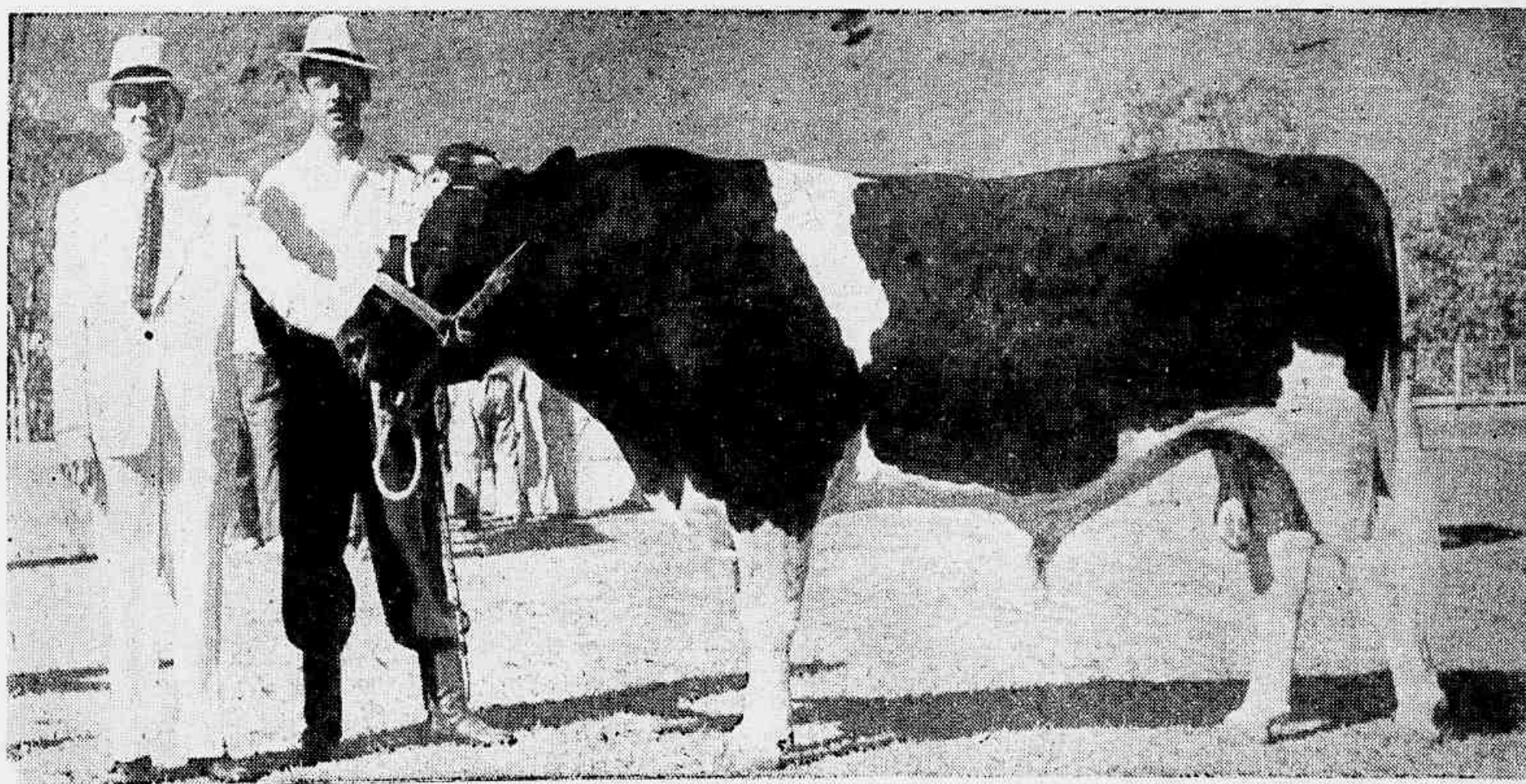
**FAZENDA SANTA
CLARA**
de
Pedro de Oliveira
Carangola — Minas

"Esponja", campeã do Concurso Leiteiro da 1.^a Exposição de Carangola. Raça Holandesa preta e branca. Produziu 79,400 kgs. em 3 dias, com 3 ordenhas diárias. "Esponja" está segura pelo seu proprietário, sr. Pedro de Oliveira.

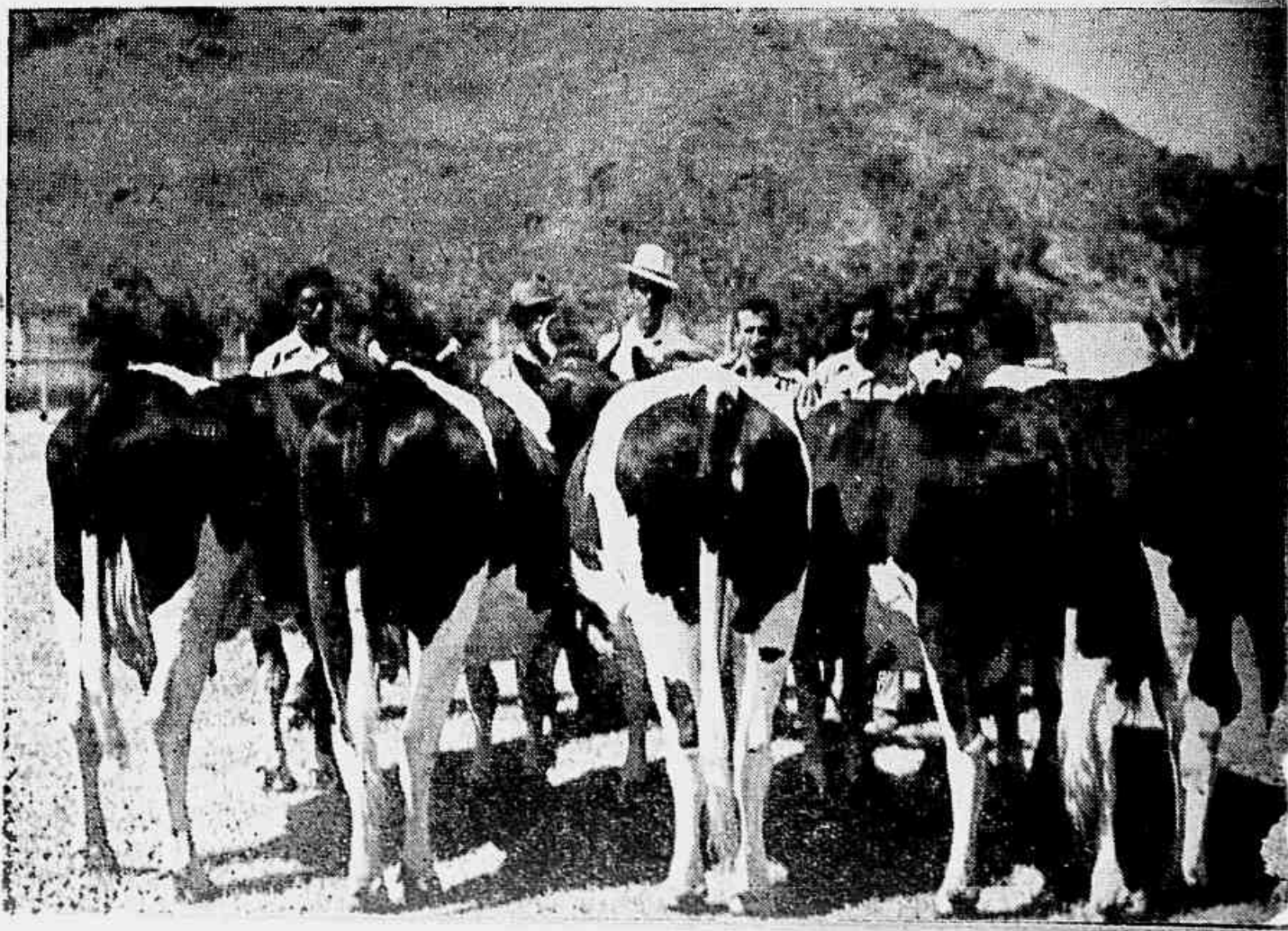
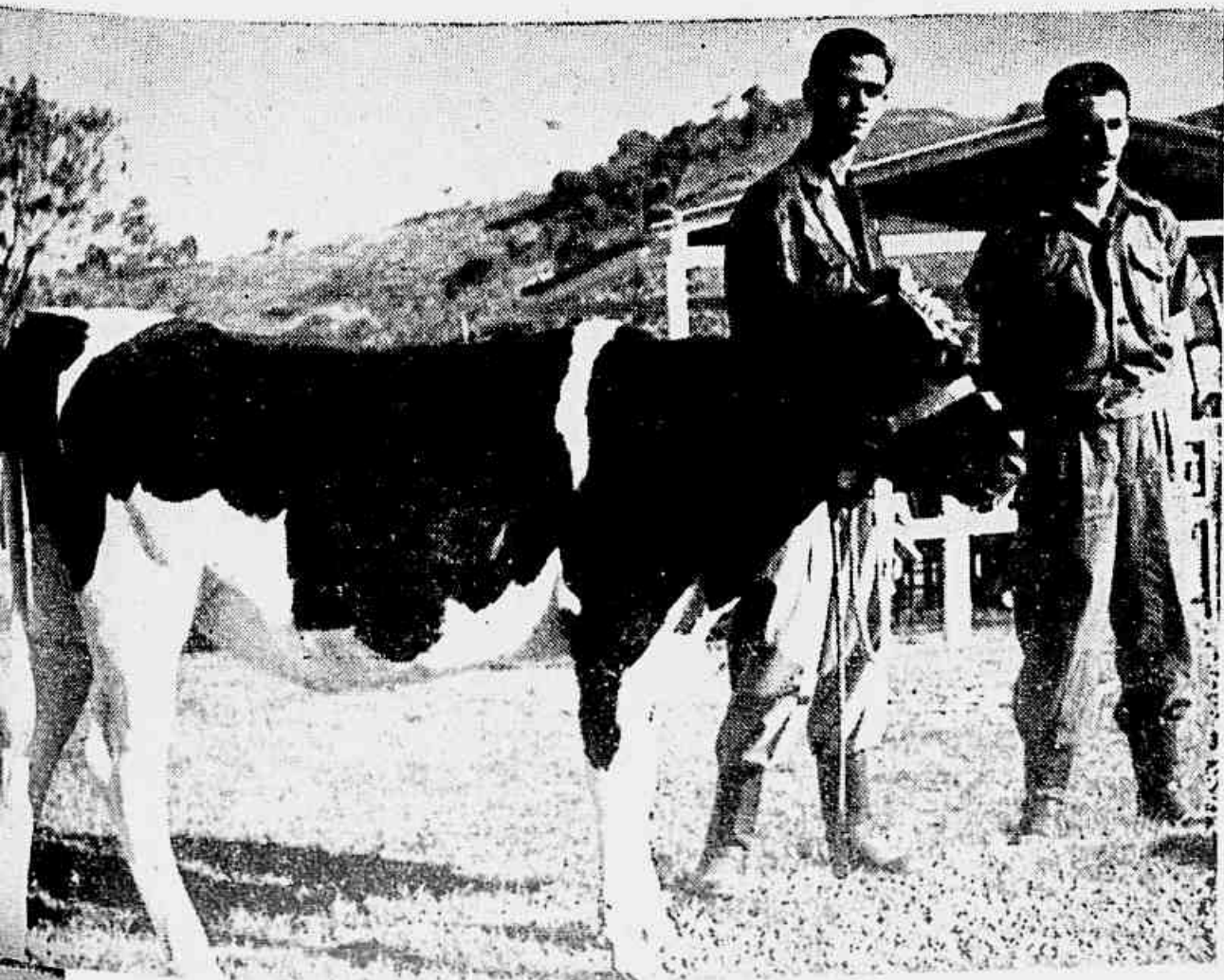
"Pacheco", 1.^o Prêmio da raça Holandesa preta e branca. Puro por cruza.

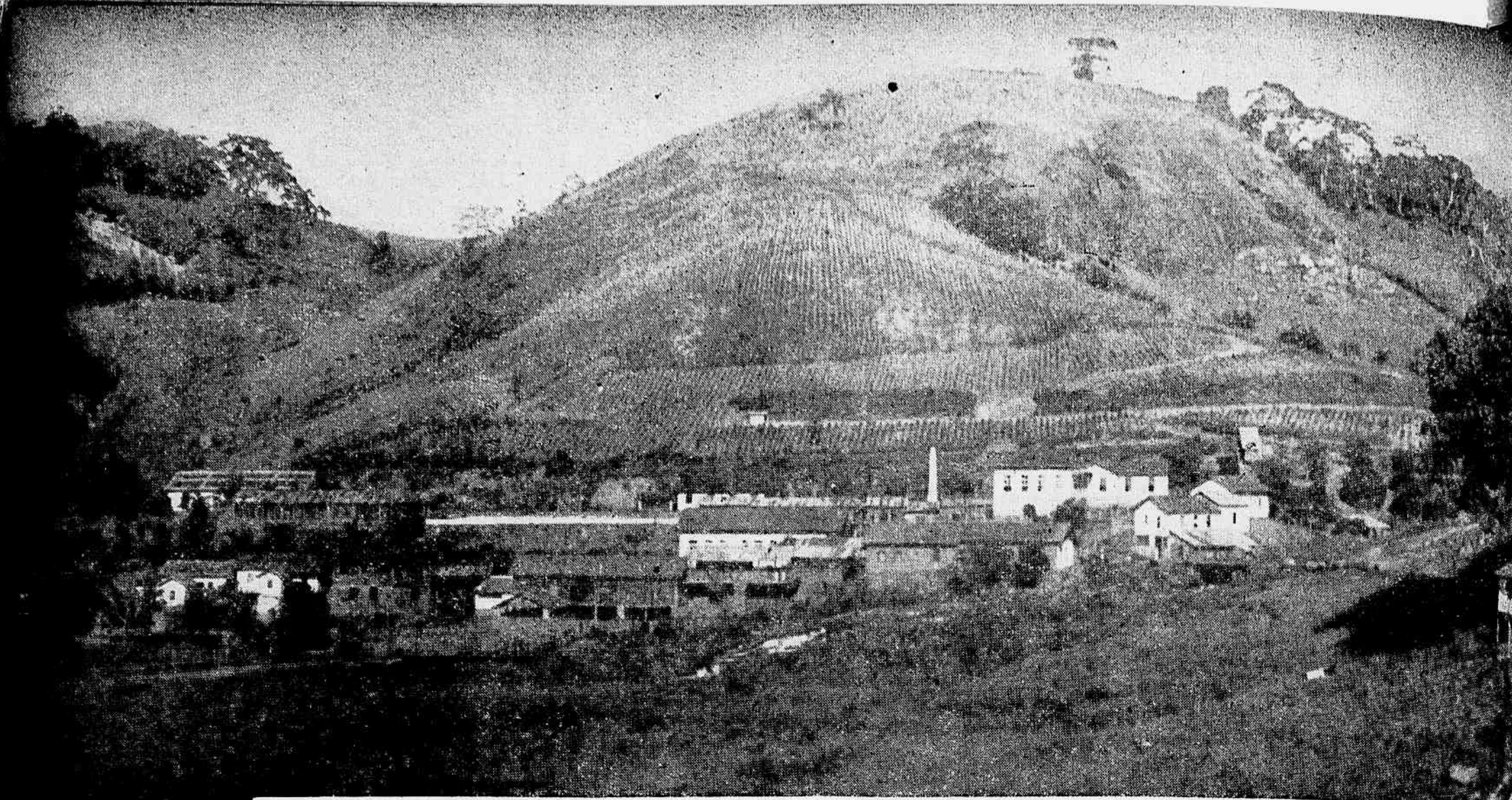


foi tão eficaz, pelo valor dos seus plantéis como pelos seus dotes pessoais. Lá estavam o excelente amigo João Pedro Magalhães Lourenço, "double" de expositor e grande animador da Exposição, com o seu espírito sempre ágil e a sua "verve" muito natural, e que, após momentos de angústia verdadeira-

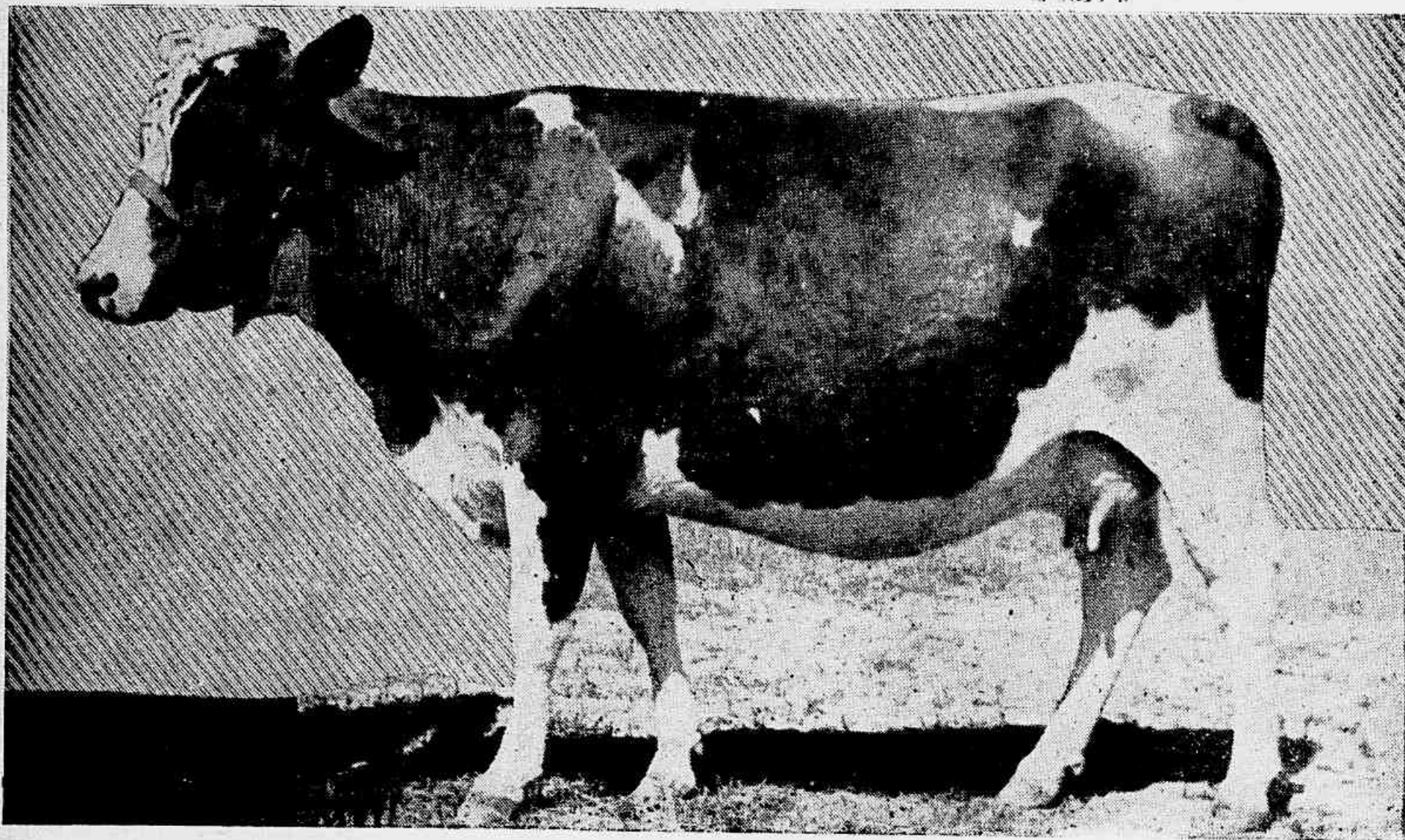


Em baixo, à esquerda — "Bonina", 1.^o Prêmio da raça Holandesa preta e branca. 15/16. "Bonina" está segura pela mão do jovem Pedro de Oliveira Filho, que tem ao seu lado o administrador da Fazenda Santa Clara, sr. Tufic Tannus. À direita — Conjunto de gado Holandês preto e branco.





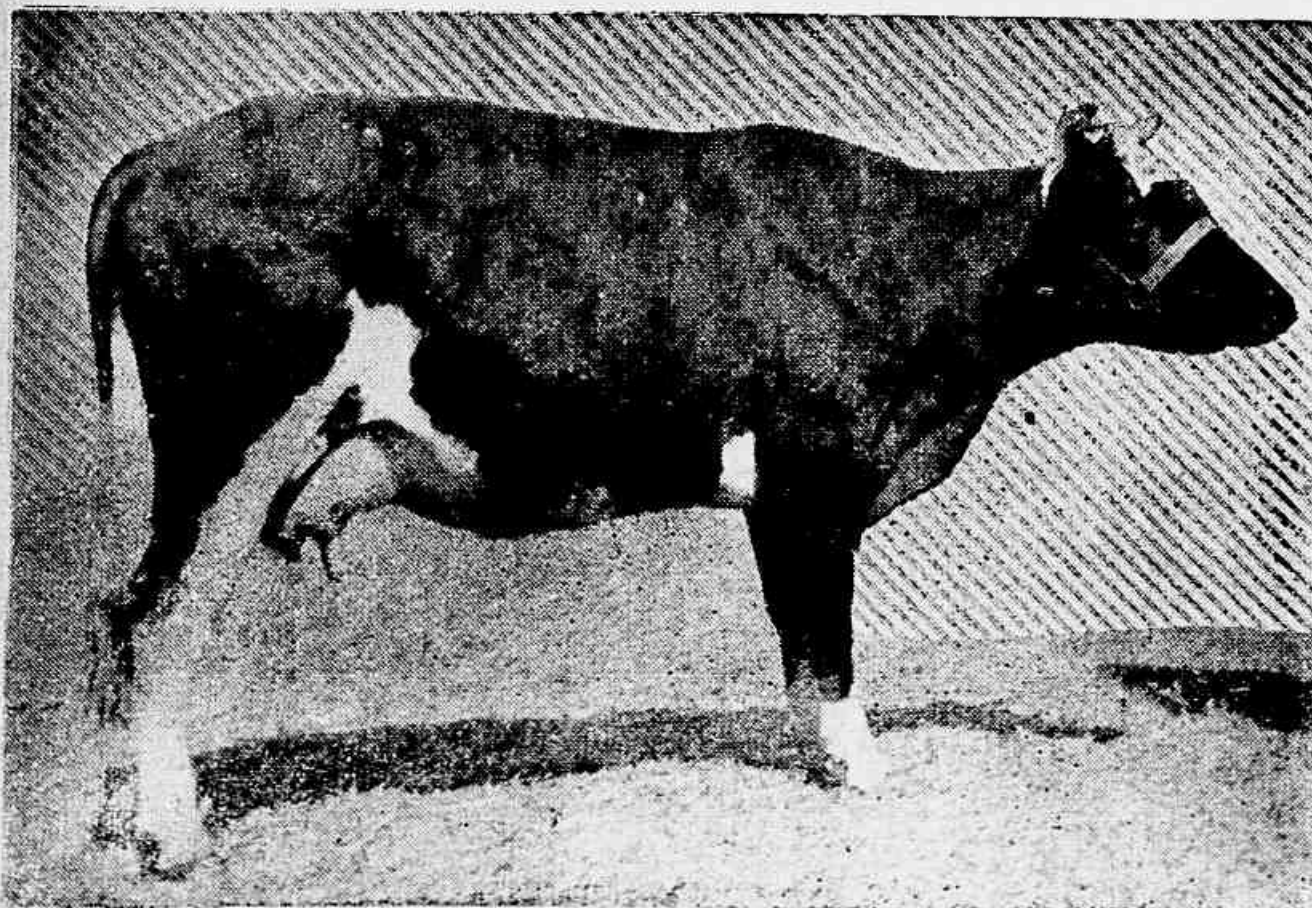
FAZENDA DA SERRA
Propriedade de **Sebastião Rocha**
Tombos — Estado de Minas



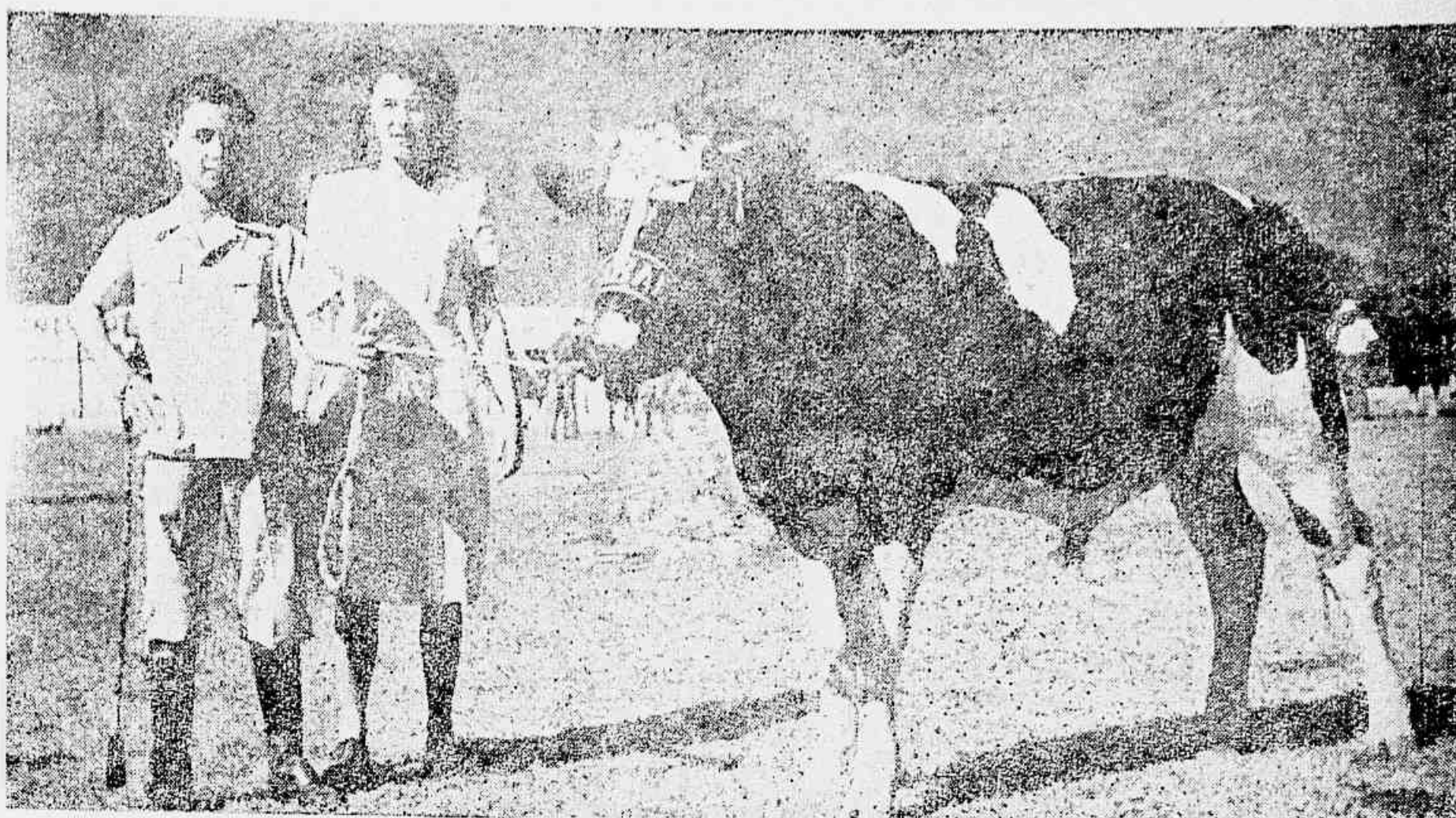
Vista panorâmica da grande Fazenda da Serra, de Tombos, propriedade do sr. Sebastião Rocha.

mente dramáticos, exultou com a vitória do seu esplêndido "Zagal". Ainda ouço o seu grito de triunfo, tão espontâneo como as réplicas com que revidava as pilhérias dos amigos; Pedro de Oliveira, criador e prefeito, elegante e muito bem lançado dentro de suas botas à gaucha, cavalheiro afável, vencedor do concurso leiteiro com a valorosa "Esponja"; Sebastião Rocha,

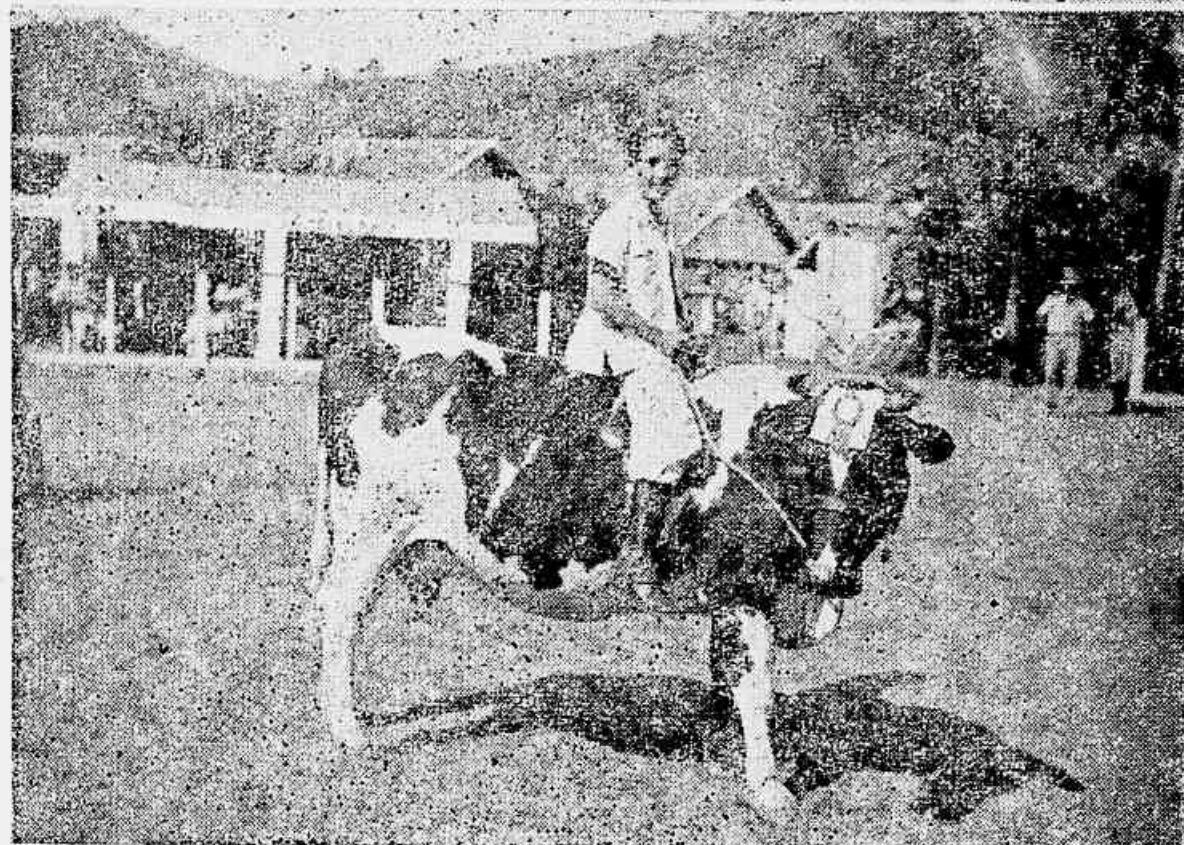
Ao lado — "Granfina", Campeã da raça Holandesa vermelha e branca. Fazenda da Serra, Tombos. Em baixo, à esquerda — "Pureza", Reservada Campeã da raça Holandesa vermelha e branca. 2.º lugar no Concurso Leiteiro. Fazenda da Serra, Tombos. Em baixo, à direita — "Miltonia-Campeão", Campeão da raça Holandesa vermelha e branca. Fazenda da Serra, Tombos.



grande fazendeiro e também prefeito, radiante com o sucesso dos seus holandeses vermelho e branco, cujo 2.º lugar no mencionado concurso, obtido pela vaca "Pureza" por uma diferença de 50 gramas, constituiu uma das notas de sensação do certame; Jonas Esteves Marques, proprietário da encantadora Granja Regina, vizinha à cidade, muito premiado com a raça Holandesa preta e branca, e sério concorrente do campeão "Zagal" com o belo espécime "Franz", laureado como reservado campeão; João Belo de Oliveira Filho, presente com o seu bonito plantel Schwytz; Augusto Magalhães Queiroz, simpática figura cujo trato cativa de pronto, com suas reses holandesas em destaque; José Larivoir Esteves, grande premiado da raça Guernsey e um dos esteios da Exposição; Nelson e Carlos Hosken, Haroldo de Oliveira, Olavo Costa, José de Freitas, Francisco e Altivo Thomé, e tantos outros que, unidos pelo mesmo ideal, tanto fizeram para a grandeza da primeira mostra agropecuária de Carangola. Esses

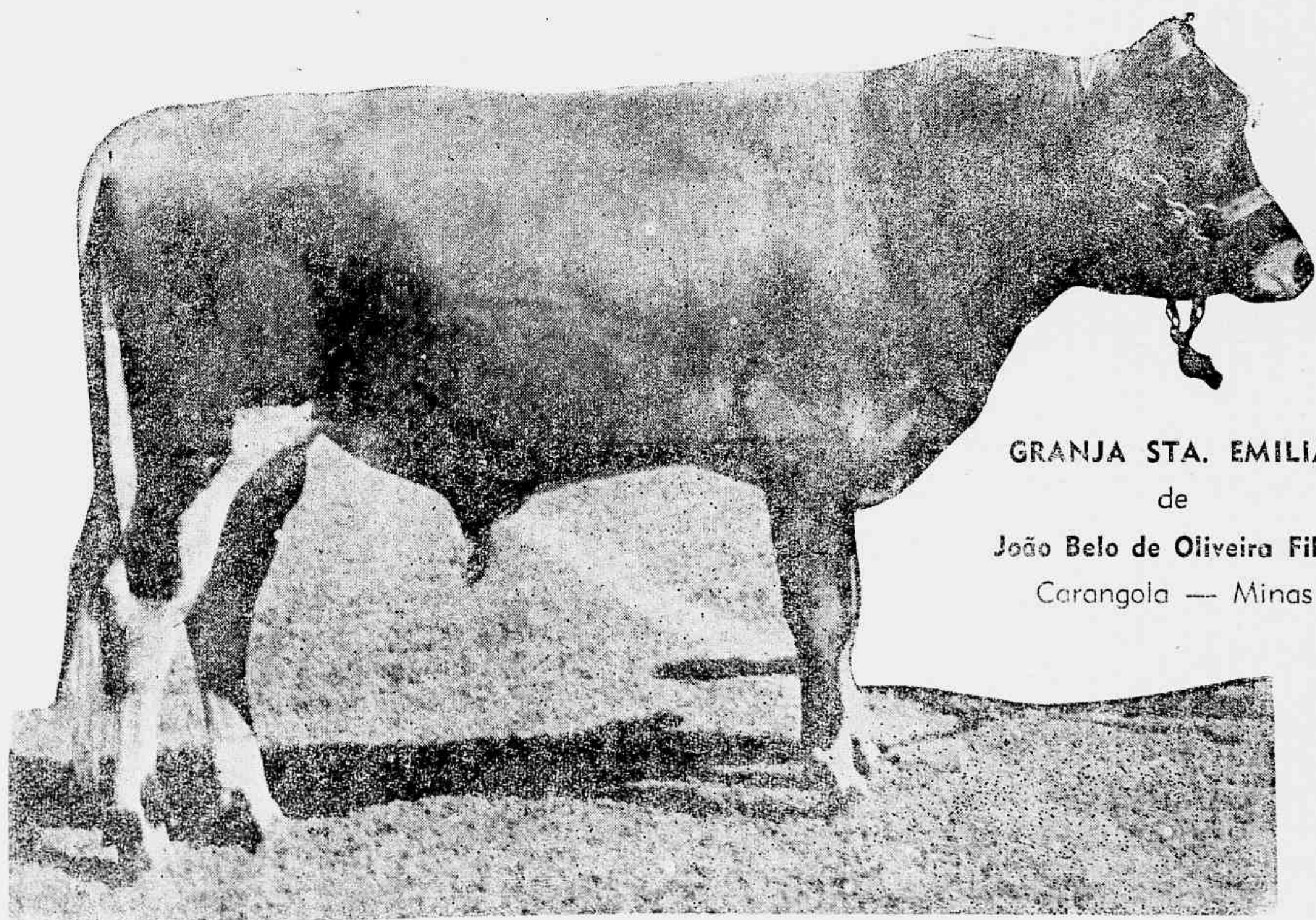


"Serra-Babala", 1.º Prêmio da raça Holandesa preta e branca. Os filhos do proprietário, sta. Yedda Quintão Rocha e o menino Aluysio Quintão Rocha, posam junto ao magnífico animal. Fazenda da Serra, Tombos.



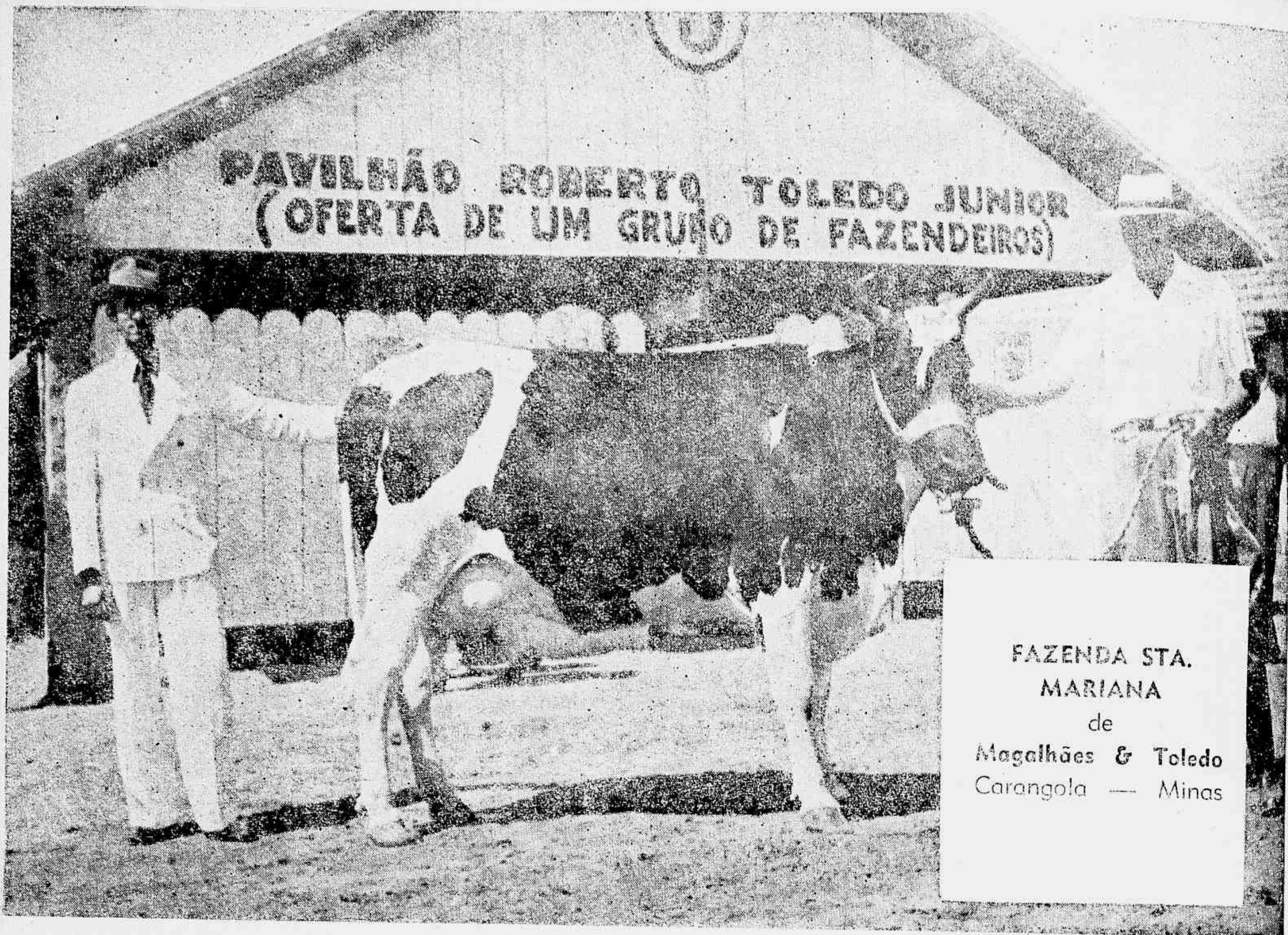
"Serra-Veneza", 2.º Prêmio da raça Holandesa vermelha e branca, é montada pelo menino Aluysio Rocha, numa demonstração de docilidade. Fazenda da Serra, Tombos.

homens viveram uma semana de intensas emoções, cuja sun-tuosidade certamente se repetirá nos anos porvindouros com brilho e expressão cada vez



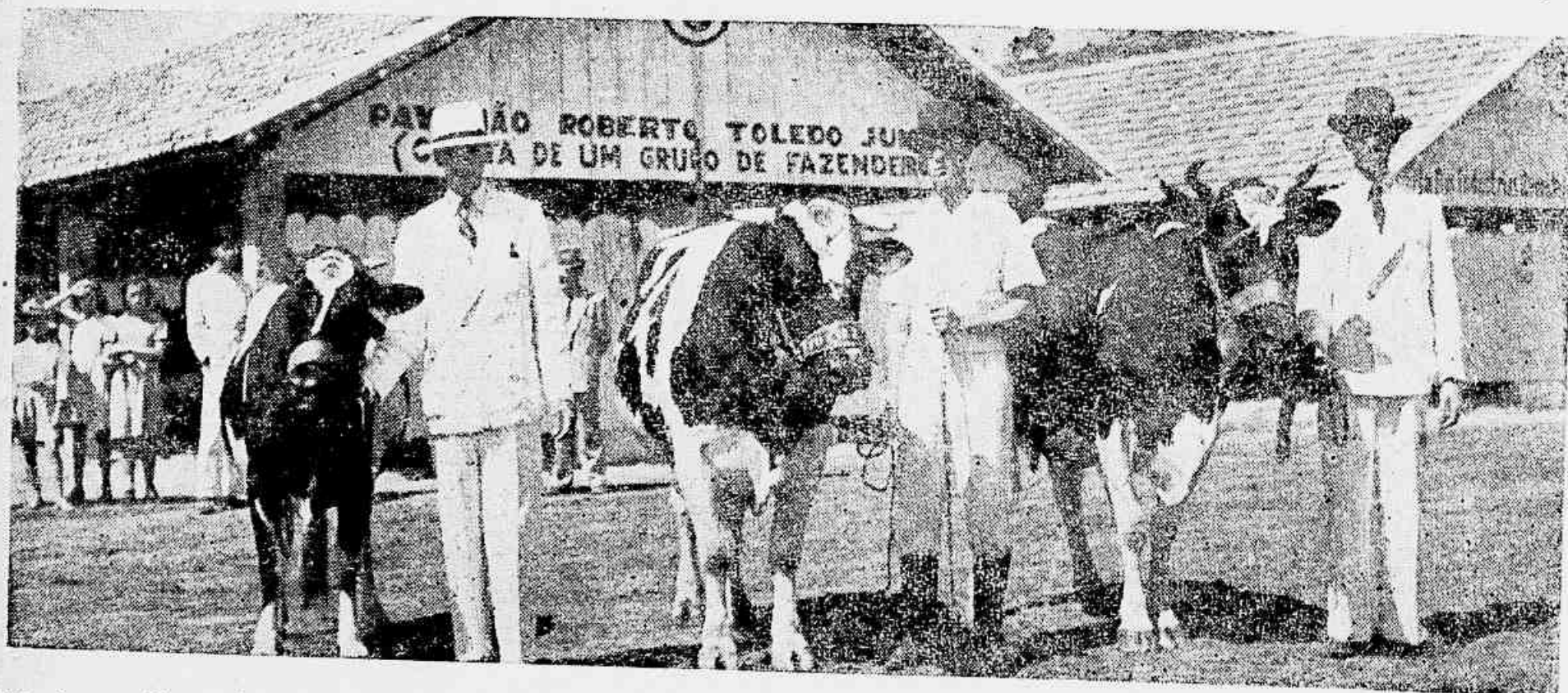
GRANJA STA. EMILIA
de
João Belo de Oliveira Filho
Carangola — Minas

"Jelly de Jacarepaguá", Schwytz, puro de pedigree, Reservado Campeão da raça, 12 meses.



FAZENDA STA.
MARIANA
de
Magalhães & Toledo
Carangola — Minas

"Bastilha", 1.º Prêmio da raça Holandesa preta e branca, ladeada pelos seus proprietários, sr. Adalberto Ferreira de Toledo (à esquerda) e Augusto Magalhães Queiroz (à direita).

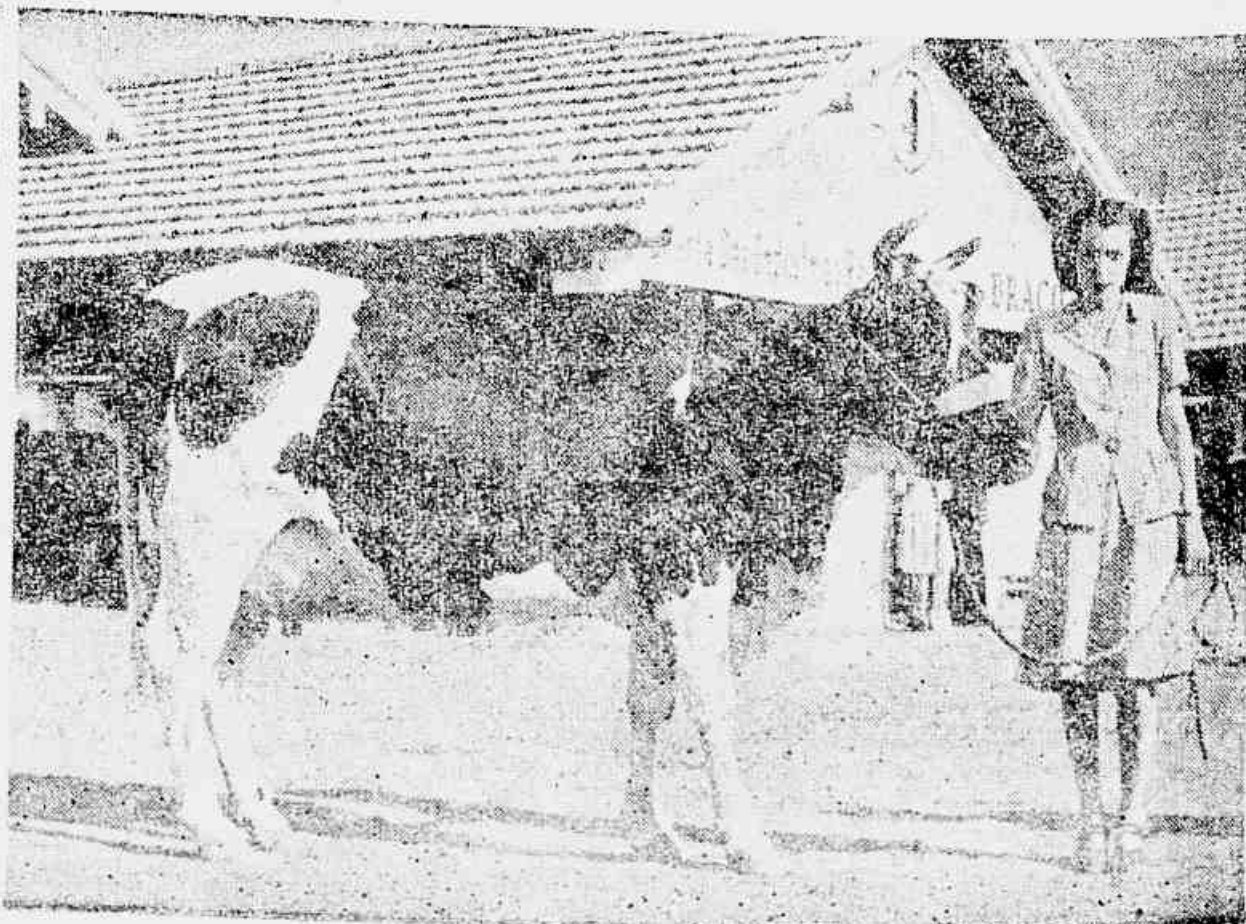
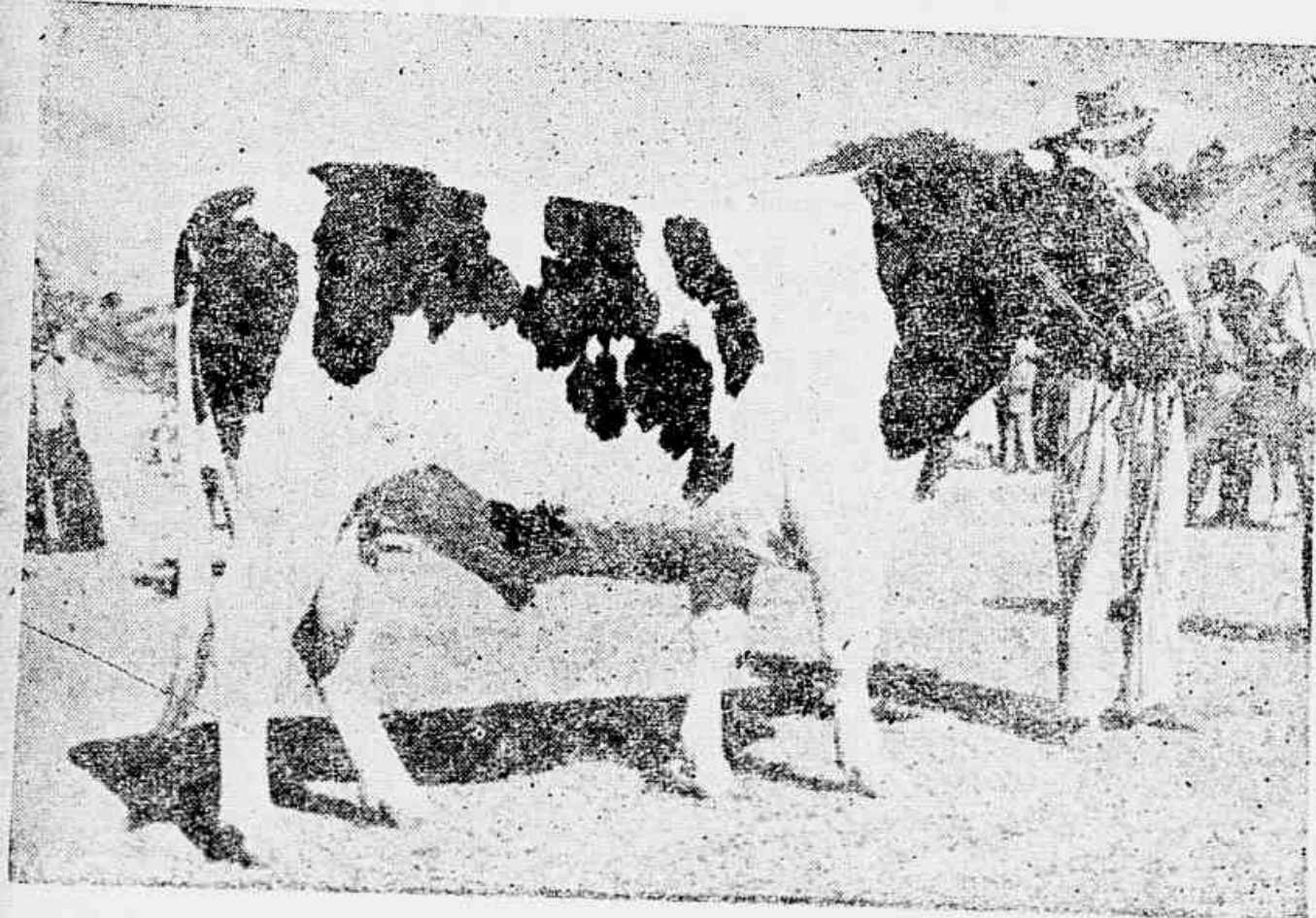


maiores. E a todos eles não podemos omitir o nosso agradecimento pelas atenções e facilidades com que cercaram a missão do reporter, de mostrar aos leitores da REVISTA DA SEMANA o que Carangola mostrou aos seus hóspedes daqueles dias.

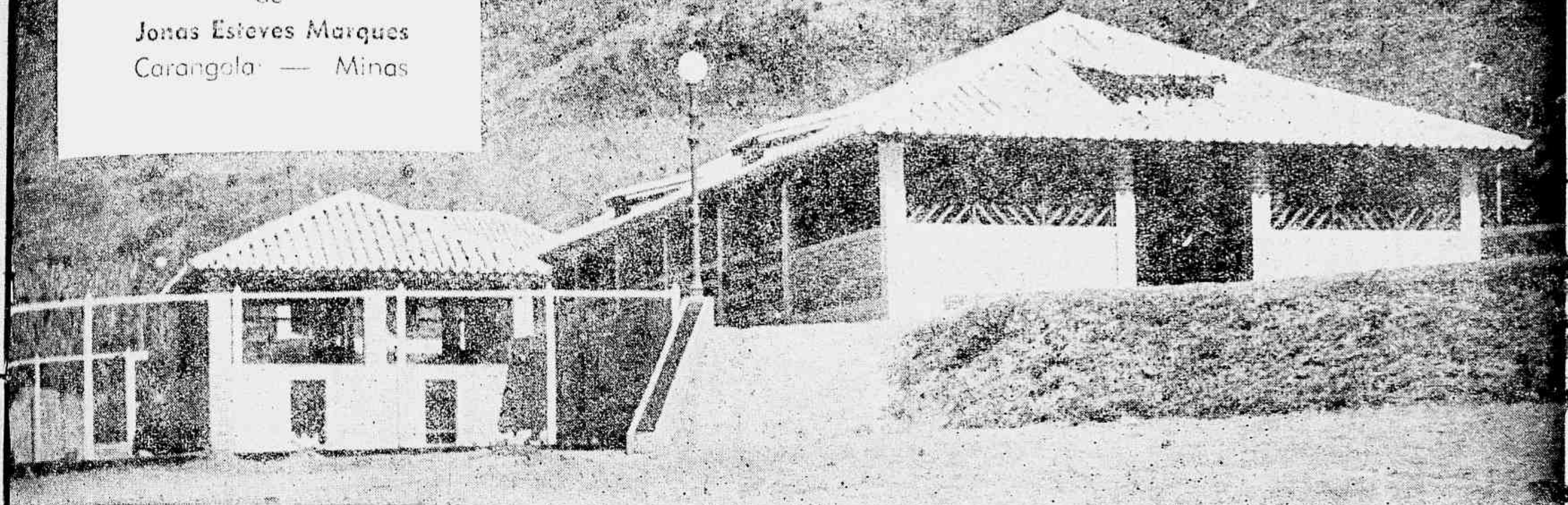
★

Na parte social, também a Exposição de Carangola obteve um êxito. Senhoras e senhoras da alta sociedade local deram, com sua beleza e encanto, um cunho de permanente distinção às festividades. Em todos

Em cima — Grupo de gado da raça Holandesa preta e branca, composto de "Mocinha", "Fuzileiro" e "Bastilha". Em baixo, à esquerda — "Fuzileiro", 1.º Prêmio da raça Holandesa preta e branca. Puro por cruza. A direita — "Bastilha" contida pela sta. Maria Amélia, filha do sr. Augusto Magalhães Queiroz, sócio da Fazenda Sta. Mariana.



GRANJA REGINA
de
Jonas Esteves Marques
Carangola — Minas



Vista geral do estábulo e dependências da Granja Regina, magnífica estância vizinha à cidade de Carangola.

os momentos a graça e o sorriso da mulher carangolense estiveram presentes, prestando o seu concurso com dedicação e alegria, como aconteceu com o bar da Santa Casa, servido pelas gentis representantes do belo

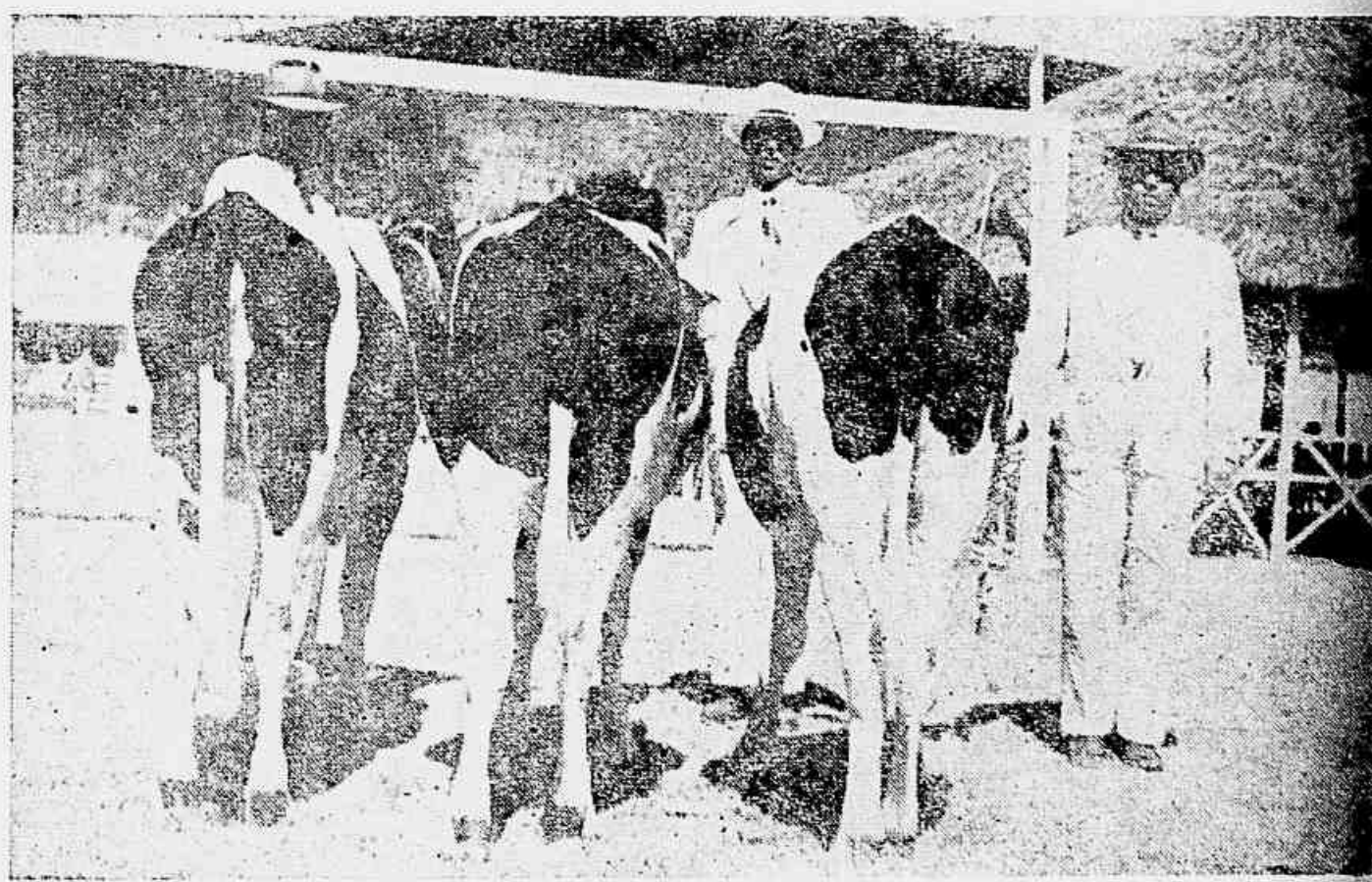
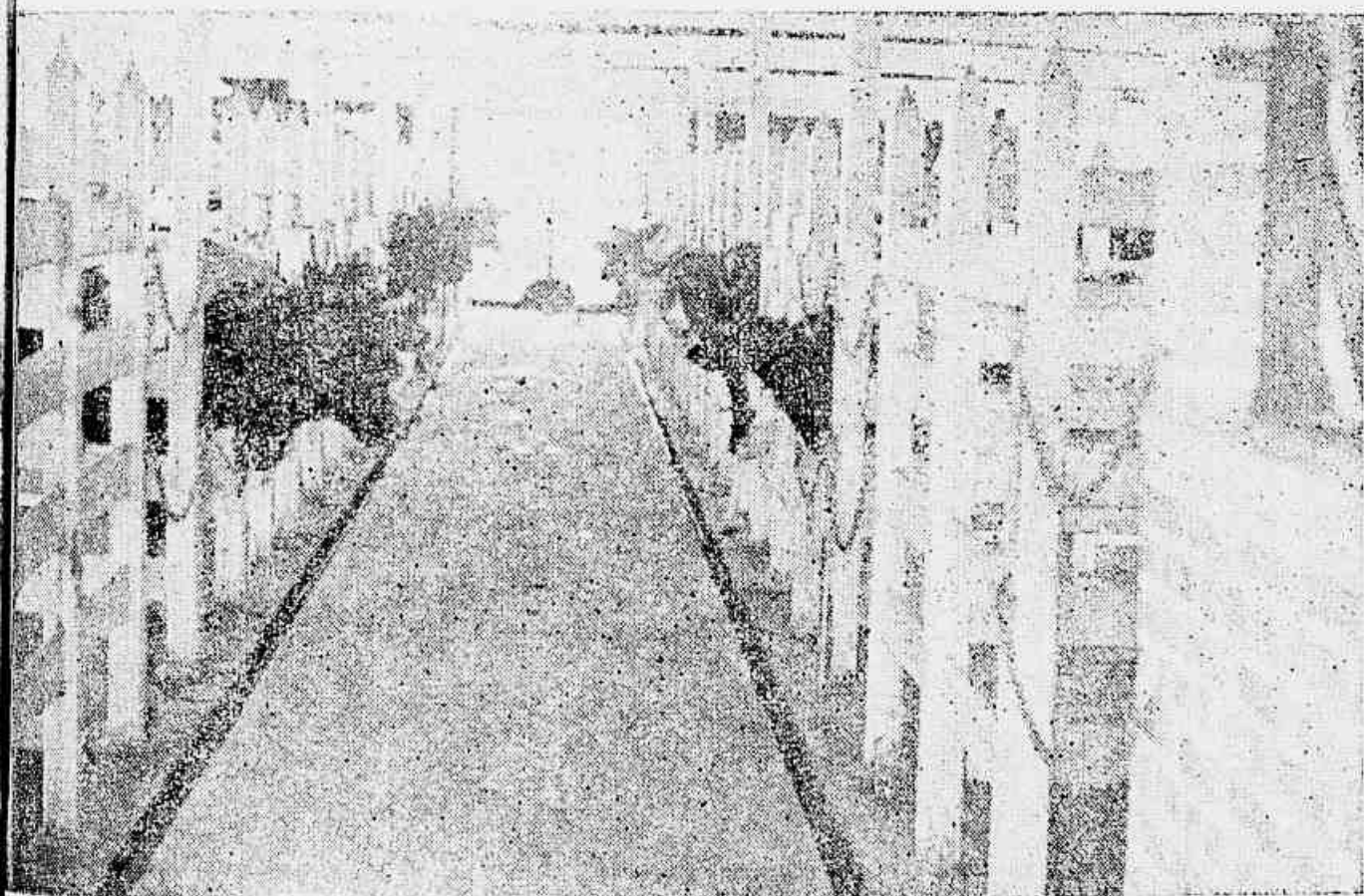
ras ao som de magnífica "jazz", em reuniões tão concorridas que se tornou acanhado o "ring" construído para esse fim. E no clube local realizaram-se encantadoras festas. E almoços e jantares sucederam-se, e os brindes

Agro-Pecuária e Industrial de Carangola, que nos é grato registrar, sem exageros nem falsos encômios, limitados às verdadeiras impressões colhidas durante o seu desenrolar. E não temos dúvida em afirmar que a

ses ânimo, espírito de iniciativa e capacidade realizadora.

★

Ao terminar estas notas, deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos pelas atenções recebidas do prefeito Fran-



À esquerda — Vista interna do estábulo da Granja Regina, com capacidade para 50 reses. À direita — Grupo de novilhas da raça Holandesa preta e branca, detentoras dos três primeiros lugares na sua classe. Granja Regina, Carangola.

sexo, que trabalharam quase ininterruptamente durante oito dias, num tocante exemplo de solidariedade humana, no que foram correspondidas plenamente pelo numeroso público que acorria diariamente ao recinto da Exposição. Ai dançava-se todas as noites até altas ho-

troçados com efusão e sadio bom humor realçavam os vínculos fraternais que unem o povo daquela terra amiga e hospitaleira.

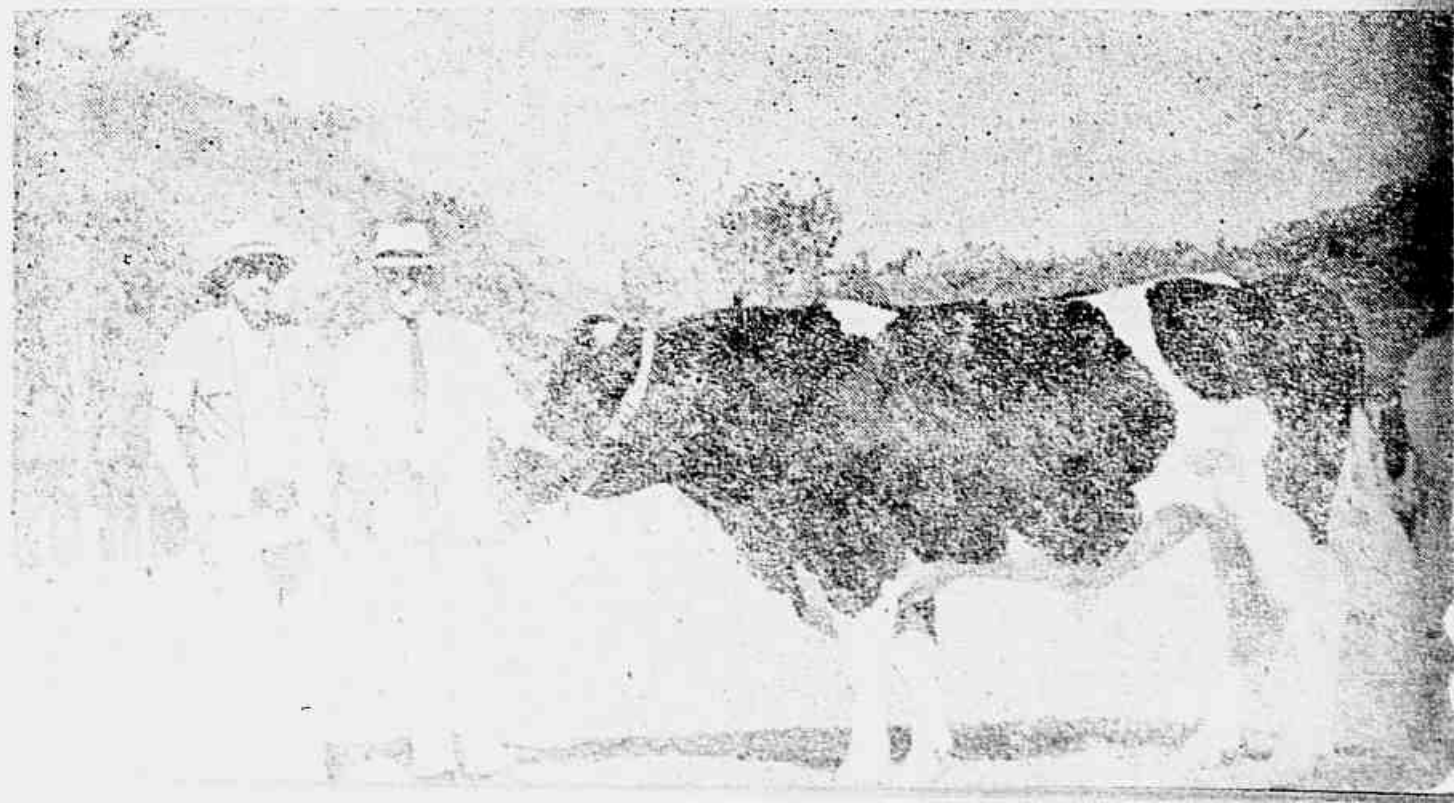
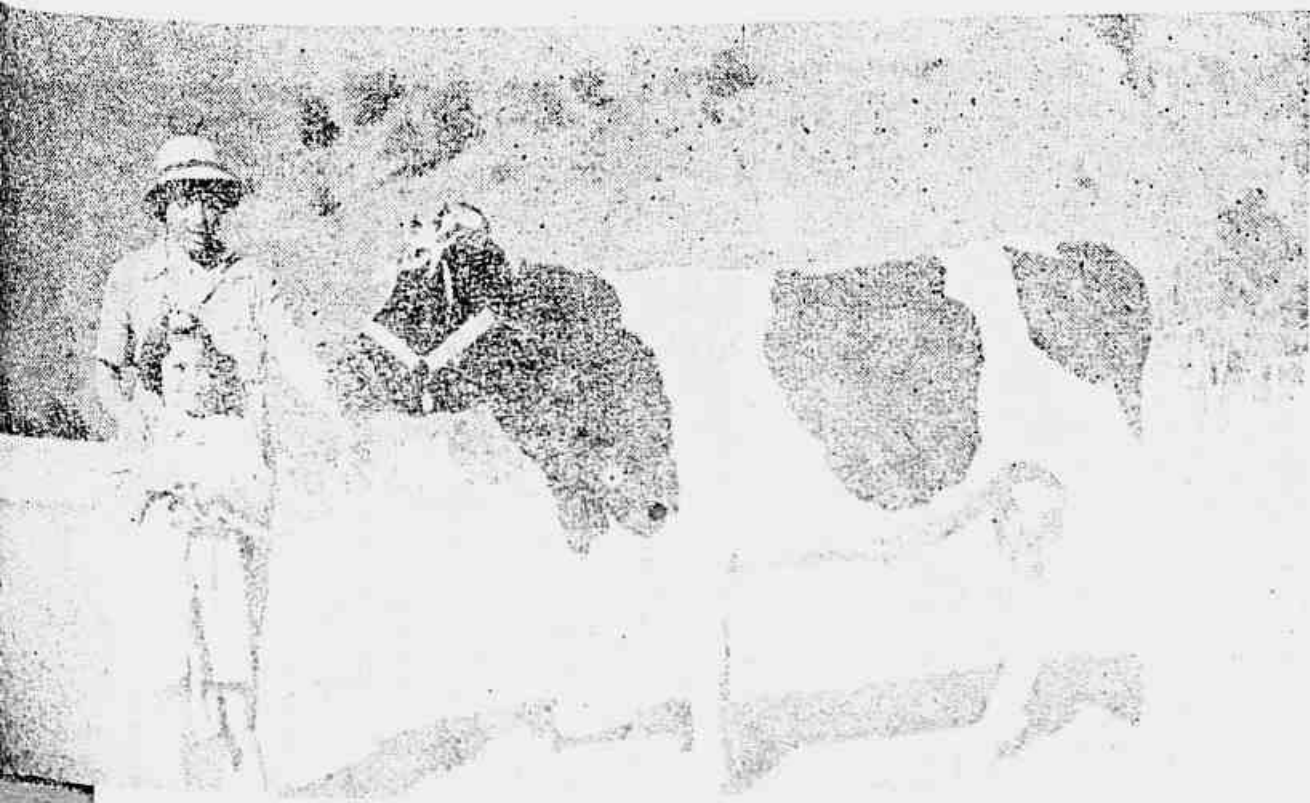
★

Foi este, em linhas gerais, o panorama da 1.^a Exposição

sua repetição anual, dentro do mesmo ritmo de entusiasmo que empolgou os carangolenses, fará desse certamente um dos maiores e mais movimentados das zonas criadoras mineiras, eis que nasceu vitorioso e assim há de permanecer pelos anos em fora, pois não faltam aos carangolen-

cisco Duque de Mesquita, dos membros da Comissão Organizadora da Exposição, presidida por Ignacio L. S. Thomé, e de todos aqueles que nos cercaram de gentilezas e que, na verdade, foram todos com os quais tivemos a felicidade de conviver na cidade amiga de Carangola.

O sr. Jonas Esteves Marques acompanhado de sua filha Regina seguram "Oceania", campeã da raça Holandesa preta e branca. À direita — O sr. Francisco Duque de Mesquita, tendo à sua direita o sr. Jonas Esteves Marques, segura "Franz", Reservado Campeão da raça Holandesa preta e branca. Granja Regina, Carangola.



SAPATARIA Beverly

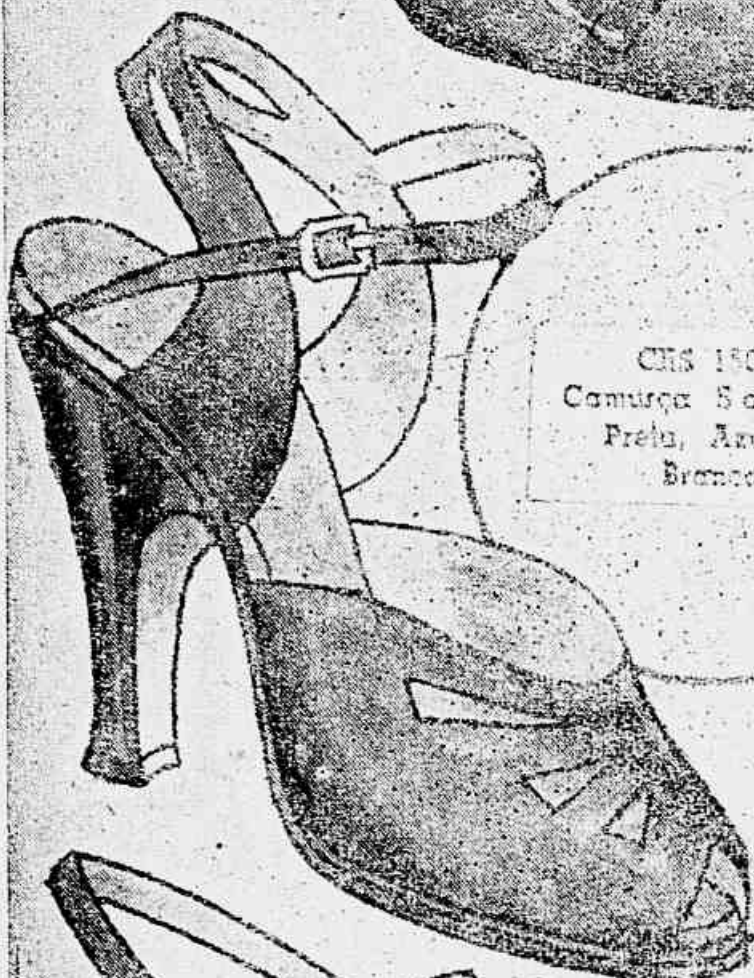
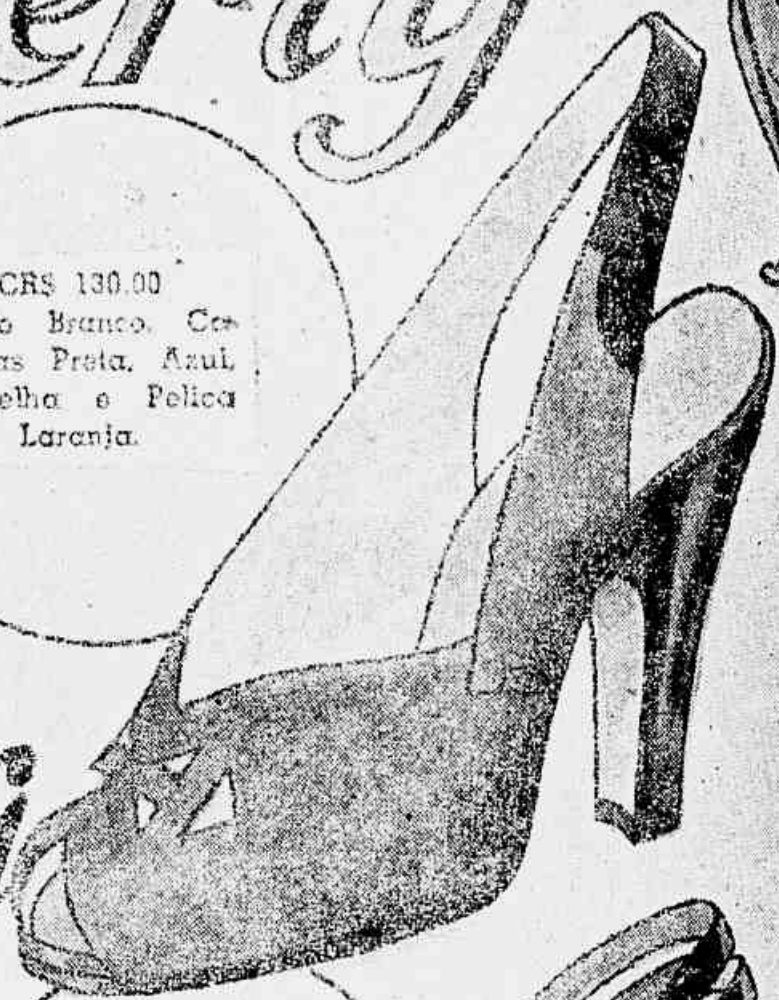


100

CR\$ 150,00
Camurça Preta, Azul,
Marrom e Branca, ou
Pelica envelhecida

103

CR\$ 130,00
Búfalo Branco, Ca-
murças Preta, Azul,
Vermelha e Pelica
Laranja.

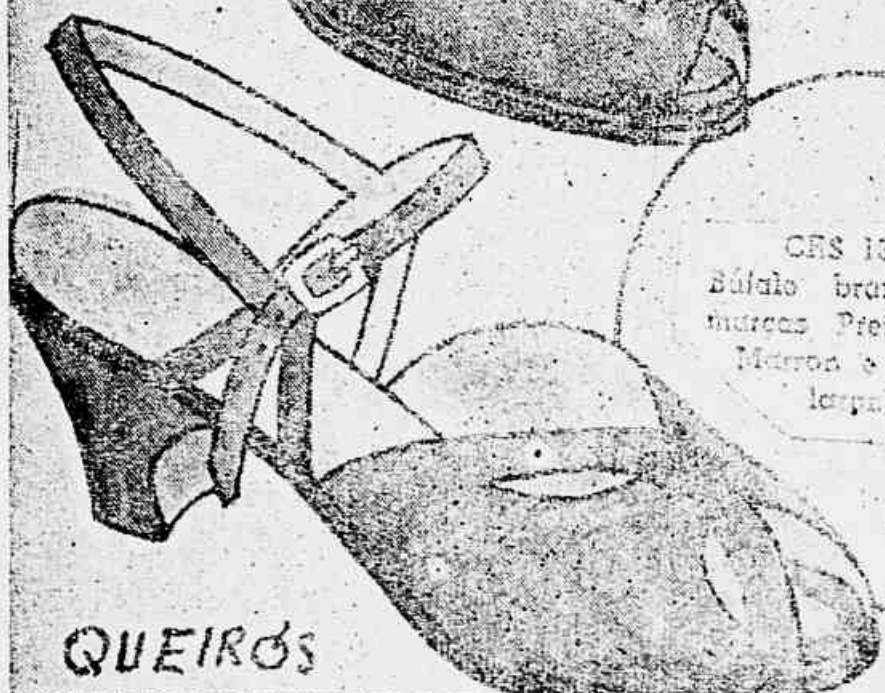


101

CR\$ 150,00
Camurça Sangue,
Preta, Azul ou
Branca.

104

CR\$ 130,00
Pelica envelhecida,
Camurça Preta,
Marrom e Vermelha.



102

CR\$ 135,00
Búfalo branco, Ca-
murças Preta, Azul,
Marrom e Pelica
laranja.

105

CR\$ 130,00
Camurças Preta com
verniz, e de camurça
azul com pelica azul.



A
Sapataria
que
calça
os
Cistros!



N.B. - Em todos
os saltos

4 1/2 - 5 1/2 - 6 1/2
7 1/2 e 8 1/2

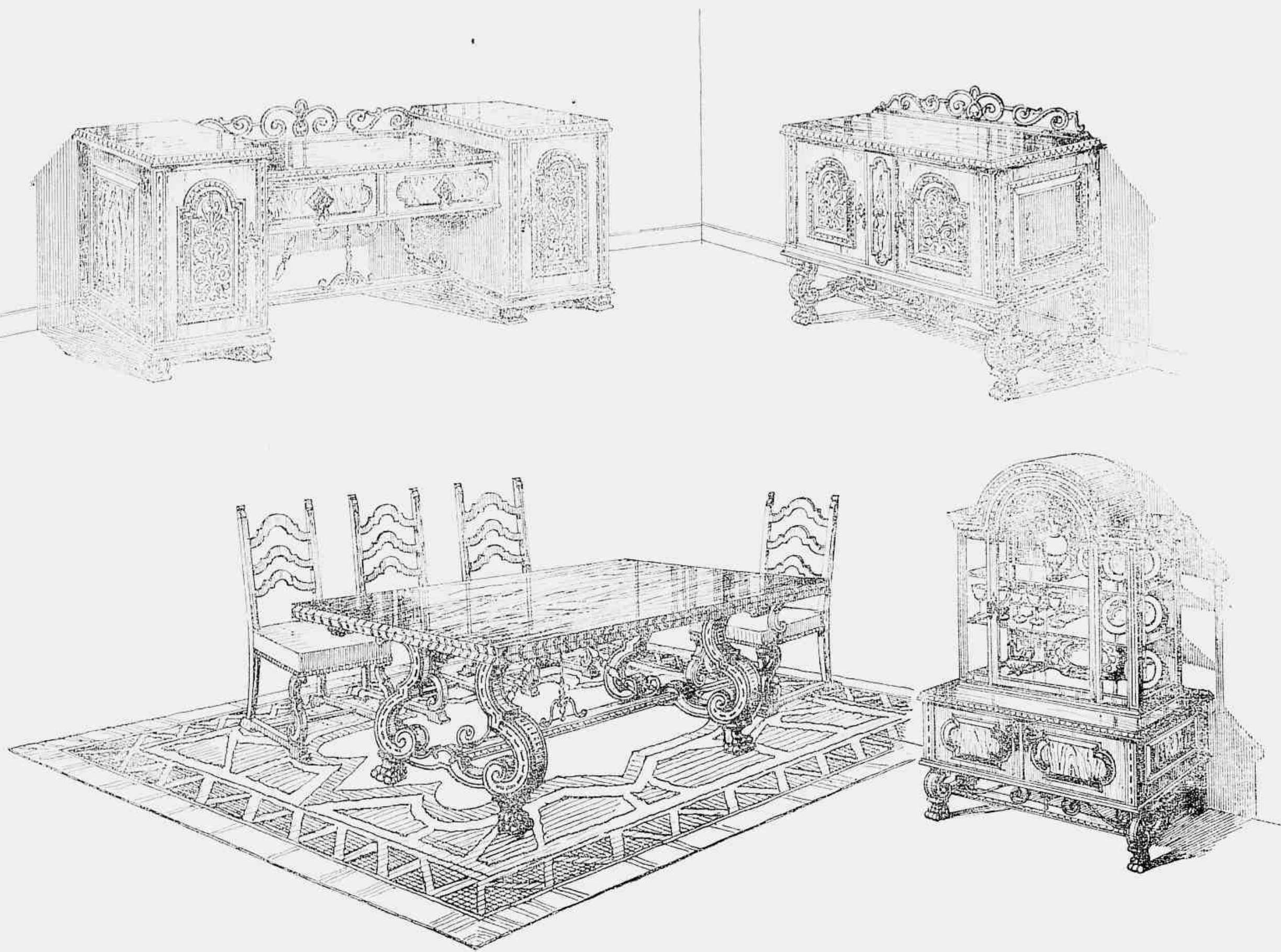
QUEIROZ



CARUSO & FONSECA Lt.

PRACA TIRADENTES 44 - RIO DE JANEIRO Fone 42-4672

Façam os seus pedidos à CARUSO & FONSECA Ltda., por registrados, vales postais ou cheques, pagáveis no Rio de Janeiro, e mais o porte de Cr\$ 3,00.



COLONIAL PURO

Eis aí uma sala em puro estilo colonial, sem estilizações ou cortes destoantes. As cadeiras e a mesa, postas sobre um tapete retangular de cores discretas e desenhos simétricos, têm pés torneados e bem trabalhados em madeira nobre. Os pés da mesa ligam-se entre si por travessas também torneadas. O encosto das cadeiras, todas forradas em couro, são trabalhados em travessas recurvadas em arco. A um canto um "buffet" baixo com gavetas largas, móvel típico dos tempos do Brasil Colônia.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

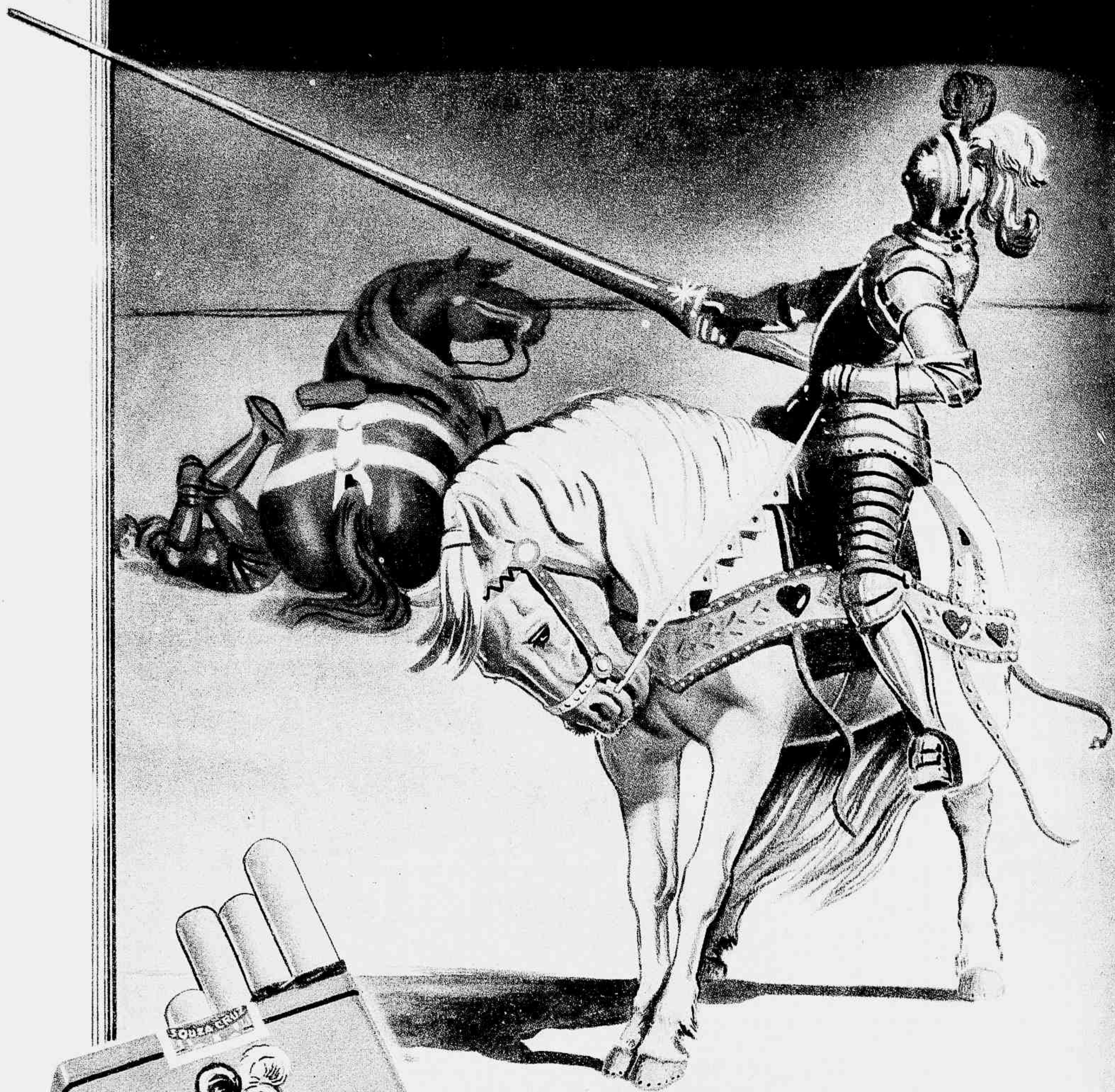
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIALIS



C^{IA} DE CIGARROS
Souza Cruz